

Desenvolvimento Psicosexual e Afetivo no Adulto Emergente

Márcia Filipa Pinto da Silva

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Prof. Doutor Paulo Renato Cardoso de Jesus

Setembro, 2017



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Márcia Filipa Pinto da Silva

Desenvolvimento Psicossexual e Afetivo no Adulto Emergente

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção de grau Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde realizado sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Renato Cardoso de Jesus

Departamento de Psicologia e Educação

Setembro, 2017



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

*“Amor e desejo são coisas diferentes.
Nem tudo o que se ama se deseja e nem tudo o que se deseja se ama”*

Miguel de Cervantes

Agradecimentos

A concretização deste trabalho representa uma etapa importante da minha vida, logo não posso deixar de expressar os meus agradecimentos a todos aqueles, que de forma direta ou indireta, mostraram a sua disponibilidade e proporcionaram a sua execução.

Em primeiro lugar gostaria de manifestar o meu mais profundo agradecimento ao Professor Doutor Paulo Renato Cardoso de Jesus, pelo modo paciente e encorajador com que me apoiou e orientou ao longo deste percurso. A sua disponibilidade para a resolução de problemas e o rigor e espírito crítico com que abordou questões decorrentes deste trabalho, constituíram momentos de desenvolvimento não só profissional, como também pessoal.

Aos meus pais em particular, com quem sempre pude contar, representando um espaço de afeto e de apoio incondicional, um obrigado muito especial.

À minha companheira de todas as horas, Andreia Azevedo, pelos momentos de alegria, pelos incentivos, pela força e acima de tudo pela amizade sincera, que muito me ajudou ao longo deste percurso.

A ti, Tiago Neto, por despertares o melhor de mim. Contigo tornei-me uma pessoa diferente, mais determinada a atingir os meus objetivos.

Ao meu melhor amigo, Hugo Carrelha que mesmo longe não deixou de prestar o seu apoio e estímulo.

Aos meus amigos Nuno Sousa, Bruno Sousa e Lara Pereira pela ajuda na recolha dos dados e pelo bom humor nos mais variados momentos.

A toda a minha família que de modo indireto me apoiou nesta jornada académica.

Agradeço a todos os jovens que se disponibilizaram em preencher o protocolo, pois eles são a essência deste estudo e sem eles este projeto não se realizaria.

A todos os que, de algum modo, contribuíram para a realização deste trabalho e não foram mencionados.

A todos, do fundo meu coração,

Obrigada!

Desenvolvimento Psicosssexual e Afetivo no Adulto Emergente

Resumo

Nesta investigação, assume-se como hipótese teórica fundamental que as experiências, atitudes e emoções encontram-se em relação direta com o desenvolvimento afetivo, amoroso e psicosssexual do adulto emergente. Sendo que o conceito de “adulto emergente” tem vindo a ganhar destaque, torna-se relevante compreender a importância da sexualidade e das relações amorosas no processo de desenvolvimento e crescimento pessoal.

Neste âmbito, para além da importância da sexualidade na vida do indivíduo, torna-se igualmente pertinente perceber a importância das dinâmicas relacionais para o desenvolvimento psicosssexual do adulto emergente. A presente investigação procurou compreender qual o significado das experiências amorosas e sexuais vividas pelo adulto emergente e qual a sua importância no processo de desenvolvimento psicosssexual.

A amostra do estudo, recolhida de forma não probabilística, é constituída por 80 sujeitos, dos quais 66 são do sexo feminino e 14 são do sexo masculino. O estudo contemplou duas fases que ocorreram em simultâneo: uma primeira correspondente a um “*design* misto paralelo”, consistindo na administração de questionários (Questionário Sociodemográfico, Escala do Amor Triangular de Sternberg, Grelha de Orientação Sexual de Klein, Escala de Atitudes Sexuais, Questionário de Vinculação Amorosa e Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe) e uma segunda recorrendo à realização de entrevistas semiestruturadas (Entrevista Narrativa Psicosssexual para adultos) a 4 sujeitos. Os resultados evidenciaram diferenças de género, sendo que os participantes femininos apresentaram, comparativamente com os masculinos, mais amor, maior fluidez na orientação sexual e mais comunhão. Em contraste, os rapazes revelaram mais permissividade, práticas sexuais impessoais e instrumentalidade.

Conclui-se que os sujeitos femininos se apresentaram como mais “conservadores”, enquanto os masculinos se revelaram como mais hedonistas e não-normativos.

Examinam-se, por fim, as limitações e os contributos da presente investigação assim como algumas recomendações para estudos futuros.

Palavras-Chave: Adulto emergente; sexualidade; relações românticas; amor.

Psicossexual and Affective Development in Emerging Adulthood

Abstract

In this investigation it is assumed as a fundamental theoretical hypothesis that the experiences, attitudes and emotions are in direct relation with the affective, loving and psychosexual development of the emergent adult. Being that the concept of "emerging adulthood" has been gaining prominence, it becomes relevant to understand the importance of sexuality and love relationships in the process of development and personal growth.

In this context, in addition to the importance of sexuality in the life of the individual, it is equally pertinent to perceive the importance of the relational dynamics for the psychosexual development of the emergent adult. The present research sought to understand the meaning of the amorous and sexual experiences experienced by the emergent adult and their importance in the process of psychosexual development.

The study sample, collected in a non-probabilistic way, consists of 80 subjects, of whom 66 are female and 14 are male. The study comprised two phases that occurred simultaneously: a first one corresponding to a "parallel mixed design", consisting of the administration of questionnaires (Sociodemographic Questionnaire, Sternberg Triangular Love Scale, Klein Sexual Orientation Grid, Sexual Attitudes Scale, Questionnaire of Amorous Bonding and Questionnaire of Bonding to Father and Mother) and a second using semi-structured interviews (Psychosexual Narrative Interview for adults) to 4 subjects. The results showed differences of gender, and the female participants presented, compared to the male subgroup, more love, greater fluidity in sexual orientation and more communion. In contrast, the male subgroup revealed more permissiveness, impersonal sexual practices, and instrumentality.

We conclude that female individuals appeared as more "conservative", whereas the male subgroup proved to be more hedonistic rather than normative.

Finally, the limitations and contributions of the present research are examined as well as some recommendations for future studies.

Keywords: Emerging adulthood; sexuality; romantic relationships; love.

Índice

Introdução	9
Parte 1 – Enquadramento Teórico	11
1. Adulter emergente: desenvolvimento entre a adolescência e a idade adulta	12
1.1. O surgimento da teoria da adulter emergente	12
1.2. Principais características da adulter emergente	14
1.3. Adulter Emergente: um período desenvolvimental distinto	16
1.4. O processo de <i>recentering</i>	17
2. Amor e Sexualidade no Adulto Emergente	19
2.1. Atitudes, diferenças de género, scripts sexuais e orientação sexual	19
2.2. <i>Self</i> Dialógico e narratividade	22
2.3. Relações amorosas e modelos de amor	23
2.4. Relações amorosas e de intimidade no adulto emergente.....	28
2.4.1. Intimidade.....	29
2.4.2. Amor e Compromisso	30
2.4.3. Componentes específicos da intimidade nas relações amorosas	31
3. Efeitos da vinculação amorosa: da adolescência à adulter emergente	35
3.1. Teoria da vinculação	35
3.2. Amor e Vinculação na Adolescência.....	37
3.3. Amor e vinculação no adulto emergente	39
4. Desenvolvimento Psicossocial, Identidade e Relações de Intimidade	42
5. Os relacionamentos amorosos do adulto emergente	45
Parte 2 – Investigação Empírica	50
6. Metodologia	51
6.1. Questão de partida e objetivos de estudo	51
6.2. Desenho e métodos de investigação.....	52
6.3. Problemas e hipóteses de investigação	53
6.4. Participantes.....	62
6.5. Instrumentos	67
6.5.1. <i>Questionário Sociodemográfico</i>	67
6.5.2. <i>Escala do Amor Triangular de Sternberg (EATS)</i>	67
6.5.3. <i>Grelha de Orientação Sexual de Klein (GOSK)</i>	68
6.5.4. <i>Escala de Atitudes Sexuais (EAS)</i>	69
6.5.5. <i>Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)</i>	69

6.5.6.	<i>Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)</i>	70
6.5.7.	<i>Entrevista Narrativa Psicosssexual para Jovens Adultos (Adaptada)</i>	71
6.6.	Procedimentos de recolha e análise de dados.....	71
7.	Resultados	73
7.1.	Resultados quantitativos	73
7.1.2.	Correlações entre variáveis	78
7.2.	Entrevistas Narrativas Psicosssexuais	83
7.2.1.	<i>Sujeito A- “ Sexo sem compromisso: a busca pela liberdade”</i>	85
7.2.2.	<i>Sujeito B- “ O príncipe encantado ainda vai aparecer”</i>	89
7.2.3.	<i>Sujeito C- “ A exploração como objetivo”</i>	92
7.2.4.	<i>Sujeito D- “ Vivência marcante”</i>	95
8.	Discussão	99
	Conclusões.....	107
	Referências bibliográficas.....	111

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Estatísticas de frequência da caracterização sociodemográfica e psicosssexual da amostra <i>AE.F</i> e <i>AE.M</i>	64
Tabela 2.	Estatísticas descritivas da caracterização sociodemográfica e psicosssexual entre <i>AE.F</i> e <i>AE.M</i>	66
Tabela 3.	Estatísticas descritivas relativamente ao amor entre <i>AE.M</i> e <i>AE.F</i>	74
Tabela 4.	Estatísticas descritivas relativamente à orientação sexual entre <i>AE.M</i> e <i>AE.F</i>	75
Tabela 5.	Estatísticas descritivas relativamente às atitudes sexuais entre <i>AE.M</i> e <i>AE.F</i>	76
Tabela 6.	Estatísticas descritivas relativamente à vinculação amorosa entre <i>AE.M</i> e <i>AE.F</i>	76
Tabela 7.	Estatísticas descritivas relativamente à vinculação ao pai e à mãe entre <i>AE.M</i> e <i>AE.F</i>	77
Tabela 8.	Correlações entre amor e atitudes sexuais e vinculação amorosa.....	81
Tabela 9.	Correlações entre vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe	82
Tabela 10.	Correlações entre atitudes sexuais e vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe.....	82
Tabela 11.	Dados sociodemográficos dos adultos emergentes	83
Tabela 12.	Categorias e subcategorias das entrevistas aos adultos emergentes	85

Índice de Anexos

Anexo 1	– Entrevista Narrativa Psicosssexual para Adultos (Adaptada).....	123
Anexo 2	– Apresentação e Consentimento Informado.....	129

Lista de Abreviaturas

EATS – Escala do Amor Triangular de Sternberg

GOSK – Grelha Orientação Sexual de Klein

EAS – Escala de Atitudes Sexuais

QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

QVPM – Questionário de Vinculação ao pai e à mãe

AE – Adulto Emergente

AE.F – Adulto Emergente do sexo Feminino

AE.M – Adulto Emergente do sexo Masculino

Introdução

O presente estudo enfatiza um estágio do desenvolvimento humano que tem vindo a gerar alguma controvérsia pela sua indefinição, a idade que marca o término da adolescência e o início da idade adulta. Esta passagem implica a aquisição de critérios culturais e sociais, num processo gradual, pelo que Arnett (2000) designou os jovens que fazem esta transição por “adultos emergentes”. A literatura aponta para que esta ocorra durante a formação universitária, entre os 18 e 25 anos de idade.

A dificuldade em delimitar a adolescência e o início da idade adulta existe porque esta diferenciação não pode ser determinada por critérios cronológicos (Arnett, 2000; Young, Marshall, Valach, Domene, Graham & Zaidman-Zait, 2011), tais como dar início a uma carreira profissional, ter autonomia financeira, deixar a casa dos pais ou constituir família. A idade em que normalmente estas tarefas ocorriam mudou consideravelmente nas últimas décadas, passando a haver a necessidade do aparecimento de um novo período de vida (Arnett, 2007).

Neste intervalo de tempo, os jovens terão que realizar uma série de tarefas que não podem ser aceites como determinantes para a entrada na idade adulta. Segundo Arnett (2004) pode caracterizar-se este período de transição entre a adolescência e a idade adulta como sendo a idade da exploração da identidade, onde o jovem experiencia várias possibilidades nas áreas do amor e do trabalho entre outras, é ainda identificada como uma idade da instabilidade, já que os jovens nesta fase se sentem divididos.

Este é, também, um período do desenvolvimento mais focado no *self*, como também aquele período em que o jovem tem mais possibilidades de escolha para a sua vida futura e, embora a idade do adulto emergente seja uma fase transitória, este é a fase mais heterogénea do ciclo vital.

A transição para a vida adulta torna-se mais extensa e instável pelas novas experiências e realização pessoal, o que destaca alterações no desenvolvimento pessoal e consequentemente um adiamento da totalidade do processo de autonomia e de separação-individação dos jovens (Côté & Bynner, 2008). Arnett (2006) designa a idade adulta emergente como um período de transição em que o indivíduo detém e assume responsabilidades pelas suas decisões, revelando, desta forma, uma maior independência

das figuras parentais e, portanto, é neste sentido que se diferencia da adolescência. Não obstante, torna-se igualmente importante perceber a relevância que a sexualidade e as relações amorosas assumem neste processo de desenvolvimento e crescimento pessoal.

Neste sentido, a sexualidade e as relações amorosas têm vindo a ser cada vez mais estudadas, com o objetivo de melhor se compreender os fatores que nelas intervêm. O adulto emergente encontra-se num processo de exploração e experimentação sexual, iniciado na adolescência.

As relações amorosas são envolvimentos voluntários e recíprocos, diferentes dos outros relacionamentos com os pares, caracterizadas por comportamentos sexuais e de carinho (Collins, Welsh & Furman, 2009). No que diz respeito aos jovens adultos e em questões de amor, as relações tornam-se mais íntimas do que em estádios anteriores, há um menor foco no lazer e um maior foco na exploração da intimidade emocional e física (Arnett, 2000).

O interesse para a investigação incidir neste período do desenvolvimento humano e nomeadamente nas vivências sexuais e amorosas, prende-se com a possibilidade de compreender o significado das experiências amorosas e sexuais vivenciadas pelo adulto emergente, de forma a perceber qual o seu significado no processo de desenvolvimento psicosexual.

Neste âmbito, e tendo em consideração a controvérsia gerada em torno da Adulterez Emergente esta investigação procurou responder à seguinte questão de partida: Qual o significado das experiências sexuais e amorosas vividas pelo adulto emergente e qual a sua importância no processo de desenvolvimento psicosexual?

Para responder a esta questão, a presente dissertação reparte-se em duas partes. A primeira parte compreende uma fundamentação teórica relacionada com as vivências sexuais e amorosas do adulto emergente e a segunda parte contempla a exposição da investigação empírica, onde é abordada a metodologia, a apresentação dos resultados e a discussão dos mesmos. Na conclusão, procede-se a uma reflexão final relativa aos contributos e limitações da presente investigação, formulando-se algumas recomendações para estudos futuros.

Parte 1 – Enquadramento Teórico

1. Adulthood emergente: desenvolvimento entre a adolescência e a idade adulta

1.1. O surgimento da teoria da adulthood emergente

A adolescência é uma fase fundamental da vida e caracteriza-se por um conjunto de alterações a vários níveis, tais como o biológico, o social, o cultural e o psicológico. É nesta altura que se adquirem hábitos e estilos de vida que serão influência direta nas atitudes e comportamentos, sendo que a inquietude e a procura de novas sensações se tornam inevitáveis e podem levar ao aparecimento de vários comportamentos imprevisíveis fomentadores de riscos desnecessários (Antunes, 2007).

A passagem para a idade adulta pode, por isso, ser uma fase conturbada que poderá implicar a tomada de decisões importantes sem ajuda da família e uma mudança manifestada ao nível dos comportamentos e atitudes relacionados com os temas universais como o casamento ou o trabalho (Souza & McCarthy, 2010).

É de salientar que os rituais de passagem da adolescência para a idade adulta possuem a função de dar organização à vida do indivíduo, às suas relações interpessoais e aos seus valores morais, dando autoridade e legitimidade à entrada na vida adulta (Rodolpho, 2004, citado em Souza & McCarthy, 2010).

Deste modo, Arnett (2001) tornou-se pioneiro no que diz respeito à transição para a adulthood emergente, formulando estudos que permitiram a recolha de dados com jovens e adolescentes e suas atitudes na passagem para a vida adulta. Para o autor, partindo de bases psicológicas, antropológicas e sociológicas, a idade adulta é precedida pela adulthood emergente ("*emerging adulthood*"), que compreende as idades dos 18 aos 25 anos. Segundo este autor, não se pode equipar a adolescência à adulthood emergente, tendo em conta que a segunda é caracterizada por maior capacidade de liberdade de escolha e um elevado investimento na exploração de experiências nos mais variados âmbitos, tais como estudo, lazer, trabalho, papéis sociais e identidade (Arnett, 2007).

O adulto emergente assume, assim, um papel que destaca um elevado nível de egocentrismo, onde o indivíduo se torna mais centrado em si próprio, guiado pela

necessidade de reflexão das opções que estão perante si que se apresentam sobre um olhar comportamental exploratório (Arnett, 2007).

De acordo com a teoria de Jeffrey Arnett, a adultez emergente apresenta características específicas que a distinguem das fases desenvolvimentais da adolescência e da adultez, sendo um período marcado, predominantemente, pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo “*autofocus*”, pela vivência do sentimento “*in-between*” e pela percepção de possibilidades diversas (Arnett, 2004, 2006).

Na sua teoria sobre o desenvolvimento humano, também Erikson (1950, 1968) contribuiu para a conceptualização desta etapa desenvolvimental humana, referindo-se ao conceito de adolescência prolongada (“*prolonged adolescence*”), típica das sociedades industrializadas, embora não tenha especificado diretamente uma equivalência deste estágio ao da adultez emergente. Este reconheceu a existência de um período localizado entre a adolescência e a jovem adultez onde determinadas questões iniciadas na adolescência e adiadas, são agora intensificadas, tais como os compromissos e responsabilidades atribuídos à idade adulta e a experimentação simultânea de papéis (Erikson, 1968).

No caso de Levinson (1978, citado em Monteiro, Tavares & Pereira, 2009), este referiu a existência de um “estádio principiante de desenvolvimento” (“*novice phase of development*”), para as idades compreendidas entre os 17 e os 33 anos, cuja função principal implica a entrada na idade adulta e a construção de uma estrutura de vida estável. O jovem experiencia um conjunto de mudanças e instabilidade, surgindo variadas possibilidades na vida afetiva e na vida profissional (Levinson, 1978 citado em Monteiro, Tavares & Pereira, 2009).

Keniston (1965, 1971, citado em Monteiro, Tavares & Pereira, 2009) definiu a juventude como um período de experimentação de papéis, situado entre a adolescência e a adultez, sendo este um período de “tensão entre o “eu” e a sociedade” (“*tension between self and society*”) (Keniston, 1971, p.8, citado em Monteiro, Tavares & Pereira, 2009) e de “recusa de socialização” (“*refusal of socialization*”) (Keniston, 1971, p. 9, citado em Monteiro, Tavares & Pereira, 2009).

1.2. Principais características da adultez emergente

Tal como evidenciado por Arnett (2000, 2004, 2006), a adultez emergente é um período desenvolvimental, distinto da adolescência e da adultez, tendo em consideração que possui características específicas.

A nível demográfico, podemos referir, que uma das características da adultez emergente é possuir uma vasta variabilidade demográfica, pois é o “único período da vida em que nada é normativo demograficamente” (Arnett, 2000, p. 471), em virtude do seu carácter exploratório e experimental.

Em seguida, serão descritas de forma mais detalhada as características específicas próprias da adultez emergente (i.e., exploração da identidade, instabilidade, autofocus, sentimento “*in-between*” e possibilidades):

- **Exploração da identidade:** ao longo deste período, existe a exploração de diversas possibilidades em áreas distintas, principalmente na vida profissional e na vida afetiva. Neste processo, o adulto emergente clarifica as suas identidades. Embora não seja, ainda, independente dos seus pais, também não assumiu compromissos típicos da idade adulta e, por isso, têm a oportunidade única para explorar e vivenciar experiências diferentes.
- **Instabilidade:** As explorações próprias da adultez emergente tornam este período excepcionalmente estimulante, mas também excepcionalmente instável. Podem incluir a primeira transição residencial, a dificuldade ao acesso ao mercado de trabalho, a busca pela autonomia e trazem consigo a instabilidade.
- **Autofocus:** os adultos emergentes têm poucas obrigações e deveres sociais, e poucos compromissos com os outros, o que lhes permite grande autonomia na gestão das suas vidas. São relativamente livres para tomarem decisões importantes acerca das suas vidas (Arnett, 2007). De acordo com Arnett (2007), o autofocus cumpre uma função importante, a de autosuficiência, que ocupa um papel central na visão que os adultos emergentes têm acerca do ser adulto.

- **Sentimento “*in-between*”:** o sentimento de ter atingido a idade adulta demora tempo a ser alcançado, havendo um período substancial em que os indivíduos se sentem “*in-between*”, como se estivessem a emergir na idade adulta, embora ainda não se sintam completamente autónomos. Esta questão encontra-se relacionada com os critérios, segundo os quais os indivíduos se consideram adultos, tais como assumir responsabilidade em nome próprio, tomada de decisão independente e independência financeira.
- **Possibilidades:** a adulez emergente é, assim, o período das possibilidades pautado pelo otimismo e a esperança no futuro e pela oportunidade fundamental para os jovens estabelecerem uma identidade independente e definirem o tipo de pessoa que querem ser. Terão a oportunidade de se distanciar das suas famílias e tentar construir o seu próprio, de forma a tornarem-se os grandes responsáveis pelas decisões importantes das suas vidas.

Deste modo, podemos concluir que a adulez emergente é um período marcado pelas várias tarefas desenvolvimentais associadas à exploração e à vivência de instabilidade e indefinição do percurso de vida. O menor controlo parental e a ausência de responsabilidades, associadas ao papel de adulto, conferem ao adulto emergente a possibilidade de acesso à variabilidade de caminhos a explorar, principalmente nos âmbitos afetivo/amoroso e profissional.

Atualmente, na sociedade em que vivemos, observamos que grande parte dos jovens vivencia um “período de espera” longo antes de entrar na vida adulta, pelos mais diversos motivos: seja porque ainda estão a acabar os estudos, seja porque ainda não possuem a autonomia financeira desejada. Este período pode assumir o carácter exploratório, onde é possível os jovens se depararem com um vasto leque de experiências e tarefas afetivas, profissionais, identitárias e ideológicas que se irão transformar em opções futuras para a vida adulta (Arnett, 2007; Cohen, Kasen, Chen, Hartmark & Gordan, 2003, citado em Mendonça, 2007).

No entanto, é importante salientar que, se por um lado o jovem vivencia um período guiado pelo sentimento de exploração e liberdade, também se depara com a instabilidade e dificuldade em aceder às oportunidades, tornando este um período marcado pela incerteza e pela ansiedade relativamente ao futuro (Arnett, 2004).

1.3. Adulter Emergente: um período desenvolvimental distinto

Arnett (2004) baseou-se em três aspetos específicos que distinguem a adulter emergente como um período desenvolvimental distinto, no que se refere à perceção do adulto emergente de si próprio: os aspetos demográficos, identitários e subjetivos.

Relativamente aos aspetos demográficos, evidenciou que a adulter emergente é, parcialmente, fruto do adiamento das tarefas da conjugalidade e parentalidade e do aumento do tempo de escolaridade, dando ao jovem a possibilidade de uma exploração independente (Arnett, 2004). Fatores tais como a mobilidade residencial, diferentes configurações habitacionais ou a passagem por diversos empregos, evidenciam o carácter instável, exploratório e transitório deste período de vida.

Tal diversidade poderá resultar da liberdade concedida ao adulto emergente e da diminuição do controlo e da pressão social existente para a adesão aos modelos normativos da entrada na vida adulta (Arnett, 2006).

Assim, podemos afirmar que a adulter emergente torna-se o período mais volátil do ciclo vital, tendo em conta que possibilita a expressão de uma maior variabilidade individual, levando-nos ao aspeto identitário deste período (Arnett, 2007).

Referindo-se ao aspeto identitário, Arnett (2004) evidenciou que, neste período, o jovem ensaia um conjunto de opções, iniciadas na adolescência, ao nível afetivo e ao nível profissional essencialmente, que vão dar origem a futuras escolhas para a idade adulta, assumindo um carácter mais sério e permanente.

A maior liberdade e a ausência de compromissos típicos da idade adulta, permitem ao adulto emergente usufruir da auto-expressão. A nível profissional, podemos assistir a diversos ensaios que irão traduzir-se na descoberta da sua vocação e, a nível amoroso, a sucessão de diferentes pessoas, irá permitir ao jovem responder à pergunta: *“Quem sou eu e que tipo de pessoa poderá constituir um bom companheiro para a vida?”* (Arnett, 2000,

p.473). Deste modo, verifica-se a existência de compromissos amorosos, mais ou menos duradouros, dos quais poderão advir um futuro casamento.

Obviamente, esta exploração traz um conjunto de questões que farão com que o adulto emergente se torne mais focado em si próprio, marcado pela incerteza e pela insegurança. As reflexões que advêm desta experiência permitirão consolidar o seu desenvolvimento identitário.

Por fim, o último aspeto refere-se à percepção subjetiva da adultez, por parte do adulto emergente, que revela sentir-se parcialmente na adolescência e parcialmente na idade adulta. Este sentimento de ambiguidade é explicado pelos critérios considerados como mais importantes para o jovem adulto, assentes na capacidade do indivíduo ser independente e autónomo.

Concluindo, a adultez emergente distingue-se pela sua heterogeneidade, visto que se trata de uma etapa condutora à idade adulta das mais diversas formas e a ritmos diferenciados.

1.4. O processo de *recentering*

Partindo da perspetiva de desenvolvimento ao longo da vida, é fundamental que a adultez emergente seja caracterizada como pertencente ao ciclo de vida dos indivíduos, segundo a perspetiva de continuidade, onde existem períodos que a antecedem e períodos que a sucedem (Mendonça, 2007).

Assim, o *recentering* (Tanner, 2006) envolve um processo gradual onde o adulto emergente consolida a sua “auto-suficiência”, passando da dependência parental, característica da adolescência, para a independência e autonomia características da vida adulta. O comportamento, outrora regulado por outros, passa a ser regulado pelo próprio, modificando o sentido de poder e de responsabilidade entre o adulto emergente e o seu contexto de desenvolvimento.

Segundo Tanner (2006), o início da adultez emergente é a época da vida onde ocorrem as transformações mais profundas da relação entre o indivíduo e o seu contexto familiar. Assim, esta propôs um modelo composto por três fases onde podemos observar as reais fronteiras entre pais e filhos e o aparecimento de um novo sistema de compromissos sociais.

Na primeira fase (final da adolescência e início da adultez emergente), as expectativas sociais em relação ao adulto emergente começam a mudar. O jovem começa, gradualmente, a ganhar consciência do sentido de responsabilidade e do sentido de controlo e direção da sua vida.

Na segunda fase, o adulto emergente prepara-se para a vida adulta, explorando essencialmente as áreas amorosa e vocacional, acumulando diversas experiências (Arnett, 2000). Contudo, o jovem continua a depender da sua família, principalmente no que diz respeito ao aspeto financeiro, pelo que são gerados conflitos entre pais e filhos, conflitos esses que serão parte importante da resolução do processo de separação/individuação.

As relações entre pais e filhos que, na adolescência, eram marcadas pelo carácter hierárquico, passam a dar espaço a relações mais igualitárias, bem como à ausência de controlo parental e à pressão para a “auto-suficiência”, permitindo a adoção de papéis inerentes à vida adulta (Mendonça, 2007).

Na terceira fase, os investimentos incentivam o jovem adulto a manter um *self* que supere as suas expectativas e responsabilidades, inerentes aos compromissos a assumir na sua vida, com vista à manutenção de um *self* consistente. É, assim, uma fase vincadamente marcada pelo estabelecimento de compromissos sólidos com os outros e com os papéis determinantes do início da idade adulta. A fase exploratória dá agora lugar à consolidação das escolhas e decisões efetuadas durante a adultez emergente.

Em conclusão, o *recentering* afirma-se como o processo através do qual a dependência parental é gradualmente substituída por um vasto conjunto de compromissos pessoais que levam à definição de obrigações para a idade adulta, quer no que se refere à carreira, quer no que se refere à parentalidade (Mendonça, 2007).

2. Amor e Sexualidade no Adulto Emergente

2.1. Atitudes, diferenças de gênero, scripts sexuais e orientação sexual

A sexualidade humana engloba diversos fatores biológicos, socioculturais e psicológicos, sendo que podemos afirmar que, desde o seu nascimento, o indivíduo logo percebe que as suas representações e vivência da mesma são influenciadas por fatores externos, tais como a cultura, a sociedade e a família (Antunes, 2007).

Deste modo, com o evoluir do tempo, a sexualidade, as suas expressões e as consequências dos comportamentos sexuais têm-se alterado. As atividades sexuais são vistas de forma diferenciada de sociedade para sociedade e, em algumas circunstâncias dependem essencialmente do contexto em que ocorrem.

Gradualmente, a ideia de que a sexualidade estava inteiramente ligada ao casamento e à procriação, deixou de ter exclusivamente esse significado, passando a observar-se uma sociedade mais permissiva em relação ao conceito de sexualidade (Antunes, 2007).

Na atualidade, a atitude da sociedade no que diz respeito à sexualidade permitiu uma liberalização das condutas sexuais, passando a ser considerada como normativa a ideia das relações sexuais pré-conjugais (Reis, Ramiro, Gaspar de Matos & Diniz, 2012).

Assim, os jovens passaram a demonstrar atitudes mais permissivas, tendo em conta fatores como o sexo, o tipo de condutas desejadas e a idade, podendo as relações sexuais existirem sem qualquer expressão de sentimentos entre os parceiros e sem qualquer tipo de envolvimento amoroso (Reis, Ramiro, Gaspar de Matos & Diniz, 2012).

Estas mudanças de mentalidade e comportamentos resultam da alteração de alguns valores sociais, tais como a aceitação das relações pré-matrimoniais, as expectativas referentes a um determinado comportamento sexual dos homens comparativamente às mulheres (maior número de experiências sexuais corresponde a maior valorização social, no caso do sexo masculino e menor valorização social no caso do sexo feminino) e a questão da virgindade feminina (Antunes, 2007).

Embora tenham ocorrido estas alterações, ainda podemos verificar que alguns comportamentos se mantêm assimétricos entre o gênero feminino e o gênero masculino. Segundo Martinez Alvarez (2000), o sexo feminino parece manter uma visão mais

responsável no que se refere à sexualidade, enquanto o sexo masculino mostra-se mais permissivo, instrumental e possuidor do poder e controlo das relações sexuais.

Depreende-se, deste modo, que as atitudes e os comportamentos sexuais emergem em função das normas pré-existentes na sociedade na qual o jovem adulto está inserido, estando diretamente relacionado com a forma como o mesmo se relaciona sexualmente, tendo em conta os modelos encontrados no seu contexto familiar e social (Martins, 1995; Giddens, 1996, citado em Antunes, 2007).

Deste modo, o estudo da sexualidade humana tem-se regido em torno da dicotomia instinto /norma (Foucault, 1982, 1985, citado em Alferes, 2004). Deste modo, os comportamentos sexuais são analisados segundo duas perspetivas distintas: a psicobiológica e a sociológica (Alferes, 2004).

Na perspetiva psicobiológica, o sexo é encarado como uma necessidade puramente biológica, fruto de um processo determinável e determinante. Enquanto na perspetiva sociológica, o papel do indivíduo na gestão do seu corpo e das suas experiências, bem como dos seus comportamentos, é praticamente nulo e dirigido pelas normas associadas às infraestruturas sociais e familiares que o rodeiam (Alferes, 2004).

De acordo com Gagnon e Simon (1973), que recusaram o modelo do instinto ou impulso implícito na perspetiva psicobiológica, todas as atividades sexuais devem ser descritas como o resultado de um processo de construção psicossocial, tendo em conta todos os comportamentos, inclusive as dimensões físicas e fisiológicas, independentemente da sua natureza e das normas a si associadas, introduzindo o conceito de “script sexual”.

Assim, a perceção do que é ou não sexual advém das orientações normativas gerais do indivíduo, que vão consolidando os scripts sexuais (Gagnon & Simon, 1984, 2003; Alferes, 1997, 2004; Masters et al., 2013) que, por sua vez, representam a relação entre estímulos e respostas e definição social das situações sexuais (Alferes, 2004).

De modo geral, podemos referir-nos aos scripts sexuais como esquemas socialmente construídos a partir da atribuição de significado, que orientam a ação e direcionam os desejos dos indivíduos mediante as normas sociais (Gagnon & Simon, 1984; Alferes, 1997; McCormick, 2010).

Baseando-se nos trabalhos pioneiros de Gagnon e Simon, Alferes (2004) refere que “os *scripts* sexuais especificam: a) quem são os possíveis parceiros sexuais; b) em que circunstâncias – onde e quando – é apropriado comportarmo-nos sexualmente e que tipo de atividades – o quê e o como – nos são permitidas; c) quais são os motivos ou razões – o porquê – que nos levam a comportar de modo sexual” (p. 589). Os *scripts* sexuais correspondem, assim, a representações partilhadas por atores sociais que “organizam os comportamentos sexuais, definindo as situações de interação, gerando expectativas relacionais e sinalizando as respostas «incongruentes»” (Alferes, 2004, p. 589).

De modo resumido, a importância dos *scripts* no que se refere à regulação dos comportamentos sexuais pode ser observada segundo três níveis distintos: cultural, intrapessoal e interpessoal.

Independentemente das variações culturais e históricas, é possível distinguir duas realidades do domínio da sexualidade. Uma dessas realidades engloba todo o contexto das práticas sexuais inseridas pelas instituições e reguladas pelas normas e ideologias, podendo se referir ao “amor socializado” (Bastide, 1966, 1968, citado em Alferes, 1997).

A outra dimensão engloba as “paixões romanescas”, as experiências sexuais, ou seja, a “sexualidade libidinal”. Ambas se complementam, sendo que a sexualidade integrada na conjugalidade permite, também, o acesso ao erotismo que só assume uma entidade transgressiva se obedecer a um sistema de normas específicas que condicionem a sua possibilidade (Bastide, 1966, 1968, citado em Alferes, 1997).

Assim, as encenações culturais podem encaradas como “guiões” da ação, expressando as normas coletivas e as respetivas significações (Alferes, 1997). Tais estruturas sociais “interferem” na sexualidade em três dimensões distintas “integrando-a nos sistemas de aliança e parentesco, inscrevendo-a no circuito das trocas económicas e situando-a nos registos da comunicação simbólica e da orientação jurídico-política das sociedades” (Alferes, 2004, p.590), tendo como ponto comum a instituição familiar.

DeLamater (1987, citado em Alferes, 2004) apresenta o papel das ideologias sexuais ligadas a 4 instituições sociais: a medicina, a família, a religião e a economia. Especificamente, a interação entre as características estruturais das instituições e as respetivas ideologias promove o “nascimento” do controlo social da sexualidade

(DeLamater, 1987 citado em Alferes, 2004). No entanto, é importante salientar que a mudança de estratégias de controlo social não leva a novas “encenações culturais do sexo”, visto que a modificação dos processos de controlo social da sexualidade permitem a diminuição do peso despertado pelas encenações culturais.

Consequentemente, podemos observar uma abertura para a encenação pessoal do desejo sexual (Simon & Gagnon, 1986, 1987; Simon, 1996).

Nesta perspetiva, pode afirmar-se que a sexualidade é culturalmente construída (Alferes, 2010) e que cada sujeito torna-se ator do erotismo no processo cultural. Cada indivíduo possui uma subjetividade erótica, que corresponde a um modo de expressão dos significados e símbolos sexuais, significados e símbolos estes que têm, por sua vez, uma história sociocultural. O corpo em si é neutro, contudo, através das representações culturais, ele torna-se alvo de significado, podendo transformar-se “um corpo de órgãos e orifícios limitados num campo de metáforas” inesgotáveis (Simon & Gagnon, 1987, como citado em Alferes, 2004, p. 596).

Em conclusão, podemos afirmar que a escolha do conjugue depende cada vez mais de fatores de natureza psicossocial. Se em determinadas situações a seleção de parceiros sexuais/amorosos depender apenas do desejo e da atração interpessoal, estamos perante o cenário perfeito de “amor romântico”, conjugando as funções sócio-económicas do casamento e as funções erótico-afetivas da sexualidade (Alferes, 2004).

2.2. Self Dialógico e narratividade

Como anteriormente referido, e em consonância com a metáfora teatral dos *scripts*, torna-se importante referenciar a teoria dramatúrgica de Goffman (1959). Esta refere que nascemos indivíduos e tornamo-nos pessoas, através de interações simbólicas com uma estrutura dramática/teatral, onde o indivíduo passa pela construção de personagens e de relações significativas num determinado “cenário” (Durão, 2015).

Perante esta teoria da representação dramática e da apresentação do *self*, o indivíduo encontra-se constantemente, de uma forma mais ou menos consciente, a representar um papel e, como tal, (re)conhece os outros e (re)conhece-se a si próprio. De certo modo, podemos dizer que nos encontramos com máscaras ou incorporando personagens que

formamos de nós próprios. Estas transformam o *self* num espaço dramático onde se pode revelar identidade ou alteridade, unidade ou multiplicidade, coerência ou incoerência entre o “eu” e o “si próprio” (Goffman, 1959).

Na perspetiva dialógica do *self*, podemos afirmar que o indivíduo forma um sentido de si, do outro e do mundo de acordo com uma diversidade de “posições” interpretativas ou “vozes”.

A identidade é fruto de um espaço polifónico onde várias vozes ideológicas interagem entre si, formando alianças e vivendo conflitos e passa a ser, por isso, subjetiva (Hermans & Hermans-Konopka, 2010) e o *self* dialógico constitui-se por caracteres internos (vozes) que podem diferir em termos das suas avaliações e assumir posições em relação ao outro (Hermans & Hermans-Konopka, 2010; Macedo & Silveira, 2012).

Relativamente às histórias amorosas do sujeito, estas não são mais do que as suas interpretações dos acontecimentos. Estas encontram-se cheias de significados do mundo psicossocial, que contribuem para a satisfação dos sujeitos com a sua relação amorosa (Sternberg, 2013). O indivíduo, nomeadamente o adulto emergente, interpreta a sua sexualidade, através de uma narrativa identitária que integra o que é socialmente expectável e, assim, pensar sobre o que fez, imagina como relatar aos outros essa sua experiência e como esse relato vai ser recebido, compreendido e avaliado (Day & Jesus, 2013).

Segundo esta perspetiva, as narrativas de cada indivíduo serão relevantes no sentido da compreensão do indivíduo enquanto ser sexual, pois constituem a experiência humana, tendo em consideração todo o processo de construção de significado dos sujeitos, bem como com a cultura em que estes estão inseridos (Day & Jesus, 2013).

2.3. Relações amorosas e modelos de amor

Podemos afirmar que “amor” é uma experiência humana universal que pode ser vivenciado ao longo de todo o ciclo de vida (Langer, 2009). Gradualmente, constrói-se numa relação estável que envolve diversas componentes, sendo a paixão uma das componentes ideais (Sternberg, Hojjat, & Barnes, 2001; Sternberg, 1986, 1997, 2013).

Inicialmente, surge, então, o estado de paixão que pode ser considerado como perturbador, visto que conduz os indivíduos “a ignorar as suas obrigações habituais”, devido

à intensidade do sentimento (Giddens, 1992, p. 48). O indivíduo idealiza o parceiro e permanece num estado de elevada excitação, bem-estar e felicidade (Costa, 2005). Nesta fase, um intenso desejo de união com o parceiro (Walster, 1981, como citado em Alferes, 2010), uma atração sexual que promove uma necessidade de proximidade (Costa, 2005), tudo isto provocado pelo elevado estado de ativação fisiológica (Hatfield & Rapson, 2007).

Posteriormente, o par amoroso pode evoluir, ou não, para uma fase de amor romântico, onde a sexualidade deixa de ser o centro da relação, embora faça parte na mesma (Giddens, 1992).

Verifica-se, então, que a inicial idealização do sujeito é substituída por uma perspetiva mais realista, onde são identificadas e aceites as limitações do outro e onde ocorre um decréscimo da intensidade e atividade sexual, sendo o apoio emocional tido em maior destaque (Costa, 2005).

O modelo triangular do amor de Sternberg, pode servir de exemplo para a real compreensão das diferentes vertentes das relações íntimas, sendo que pressupõe a relação de distintos aspetos do amor, revelando dimensões distintas que podem ou não ser conjugadas e que conduzem a diversos tipos de amor. Este modelo apresenta três grandes dimensões, que metaforicamente formam os vértices de um triângulo: paixão, intimidade e compromisso (Sternberg et al., 2001; Sternberg, 1986, 1997, 2013).

A dimensão paixão corresponde à atração física e sexual, à excitação e ao desejo de romance, e exprime o prazer como máxima. A dimensão intimidade refere-se aos sentimentos de proximidade, afetividade e conexão psicológica no relacionamento, tendo como componentes essenciais a partilha e o conhecimento mútuo. Finalmente, a dimensão do compromisso refere-se aos sentimentos de certeza de amar e ser amado e à vontade de manter o relacionamento a longo prazo, podendo ser associada à continuidade e comunhão de estilos de vida (Sternberg, 2013).

As três componentes do amor (paixão, intimidade e compromisso), ainda que manifestem distintos aspetos de uma relação, relacionam-se entre si, sendo que a conjugação das diversas componentes originou, para Sternberg (1986, 1997), sete tipos de amor:

- 1) O “gostar” (*Liking*) consiste numa relação de intimidade, em que os sujeitos se sentem próximos um do outro, ainda que não possuam a componente de paixão ou de compromisso a longo prazo. Neste caso, existe um sentimento próximo da amizade.
- 2) O “amor apaixonado” (*Infatuated Love*) pode ser associado ao amor à primeira vista, onde somente se encontra presente a dimensão de paixão. Este tipo de amor tende a terminar velozmente caso nenhuma das outras dimensões (intimidade ou compromisso) surja.
- 3) O “amor vazio” (*Empty Love*) corresponde ao tipo de relação em que as componentes paixão e intimidade se foram dissolvendo e onde permanece somente a dimensão compromisso.
- 4) O “amor romântico” (*Romantic Love*) consiste no tipo de relacionamento onde se encontram presentes as dimensões de paixão e intimidade, mas existe a ausência da dimensão compromisso.
- 5) O amor de “companheirismo” (*Companionate Love*) corresponde ao tipo de amor em que se encontram presentes as dimensões de intimidade e compromisso. Neste tipo de relação, ainda que exista uma grande partilha com o parceiro, não existe qualquer tipo de desejo físico ou sexual.
- 6) O “amor fátuo”, sem unidade psicológica (*Fatuous Love*), consiste no tipo de relação em que se encontram presentes as dimensões de paixão e compromisso, onde o compromisso existente deriva principalmente da paixão.
- 7) O “amor consumado” (*Consummate Love*) corresponde à forma completa do amor, à relação ideal. Este tipo de amor contempla as três dimensões: paixão, intimidade e compromisso. Ainda que seja o tipo de amor ideal, o mais procurado, o amor consumado ou completo não é permanente. Com o decorrer do tempo, um amor consumado pode tornar-se num amor de companheirismo, onde apenas a dimensão paixão se diluiu.

Sternberg (1997, 2013) mencionou, ainda um outro tipo de relacionamento, que foi descrito como a “ausência de amor” (*Non-love*), correspondendo à ausência de qualquer tipo de componente (paixão, intimidade ou compromisso) na relação.

Em conclusão, podemos referir que o tipo de amor consumado constitui o script tradicional da plenitude da experiência amorosa na cultura ocidental contemporânea, que confere uma explícita motivação para a continuidade, sendo que os sujeitos que experienciam na sua relação amorosa as dimensões intimidade, paixão e compromisso vivem relações românticas mais satisfatórias (Andrade, Garcia e Cano, 2009 citado em Durão, 2015).

Contudo, importa salientar que o investimento necessário para o “amor consumado” é muito elevado e os recursos psicológicos para tal podem não ser suficientes ou esgotar-se ao longo do tempo, convertendo-se este em “amor de companheirismo”, devido ao decréscimo dos níveis de paixão e ao consequente desinvestimento que natural e socialmente vai ocorrendo na relação (Barry et al., 2008; Barry, 2010; Infante & Garcés, 2011 citado em Durão, 2015).

Devido à complexidade deste tema e à impossibilidade de afirmar quantos modelos de amor podem existir, também John Lee (1988) partiu da possibilidade de avaliar os tipos de relacionamento a partir de seus componentes mais básicos, usando a metáfora da roda de cores para explicar a sua teoria (Martins-Silva, Trindade & Júnior, 2013). Segundo esta teoria, do mesmo modo que as cores possuem cores primárias que, misturadas com outras cores primárias, formam cores diferentes, existem modelos de amor denominados primários que, ao serem misturados a outros modelos de amor, também primários, podem originar modelos de amor secundários (Martins-Silva, Trindade & Júnior, 2013).

Assim os três estilos primários de amor que caracterizam as pessoas são:

Eros: Neste estilo, o indivíduo sabe descrever de forma clara que tipo físico é para si o mais atrativo e sentem grande excitação ao observar pessoas que se parecem com o tipo físico de sua preferência. Revelam a vontade de conhecer o amado de forma rápida e intensa e procuram expressar o prazer em estar com o outro de forma verbal e tátil.

Ludus: Estilo caracterizado pela diversão e pela falta de compromisso com um único parceiro, associando-se a pessoas que não querem comprometimento com o amor. Indivíduos deste estilo acham vários tipos físicos atraentes e acreditam não haver contradição em amar várias pessoas igualmente ao mesmo tempo.

Storge: Neste estilo, o amor é uma amizade especial e, por isso, é importante conhecer o parceiro como um amigo, antes de qualquer interação sexual. Deste modo, não se verifica uma preferência por um tipo físico, tendo em conta que a questão emocional está em primeiro plano.

A partir destes três estilos de amor, várias outras formas de amor com características diferentes podem ser derivadas, sendo que Lee apresenta apenas seis tipos, chamados de estilos secundários.

A seguir, estão caracterizados sucintamente os seis estilos:

Eros + ludus = mania: Necessidade de amar, mas receio de que o amor seja difícil e doloroso. Caracterizado por ser irracional, obsessivo e dependente, apresentando comportamentos exagerados para demonstrar o seu amor.

Ludus + storge = pragma: Caracterizado pela procura de um parceiro compatível e que se adapte às suas expectativas, com os mesmos interesses, a mesma classe social e a mesma religião, entre outros aspetos.

Eros + storge = ágape: O amor baseia-se na disposição para se dedicar ao próximo e na ausência de cobranças em termos de reciprocidade, pelo que se torna um amor fraternal, pautado pela gentileza e pelo altruísmo.

Storge + eros = predomínio storge: Ênfase nos sentimentos de carinho e cuidado, mais do que na intimidade sexual, acreditando que o amor é um dever para aqueles que precisam, e que é essencial para uma vida completa.

Ludus + eros = predomínio ludus: Caracterizado pela facilidade em conhecer outras pessoas e pelo interesse em experimentar os diferentes tipos de relacionamentos, sem apresentar, contudo, grandes emoções em seus relacionamentos.

Storge + ludus = predomínio storge: As emoções são expressas de forma discreta e o convívio ocorre quando é conveniente para ambas as partes, não havendo grandes alterações da rotina quotidiana em função do parceiro.

Assim, segundo o autor, as pessoas podem variar de um estilo para o outro segundo as suas experiências da vida. No entanto, é importante avaliar qual o estilo preferencial do indivíduo em determinado momento, seja para reconhecer o estilo de amor do parceiro amoroso, seja para autoconhecimento, seja para procurar um parceiro com um estilo de amor mais adequado ao seu (Martins-Silva, Trindade & Júnior, 2013).

Deste modo, é importante salientar que, embora existam vários modelos de amor, tais como os dois anteriormente referenciados, optei pela utilização do modelo de Amor Triangular de Sternberg, devido ao fato de este projeto de investigação possuir objetivos centrados nas relações amorosas do adulto emergente, sendo que este modelo se torna mais eficaz.

2.4. Relações amorosas e de intimidade no adulto emergente

O ser humano é um ser social, o que torna o estabelecimento de relações íntimas uma necessidade humana básica, sendo que capacidade de desenvolver e sustentar uma relação íntima satisfatória é um dos fatores essenciais na saúde dos adultos, na sua capacidade de ajustamento e no seu desenvolvimento social (Bartz & Lydon, 2006; Dwyer, 2000; Fletcher, 2000; Gaia, 2002; Laurenceau, Rivera, Schaffer & Pietromonaco, 2004; Mashek & Aron, 2004; Moreira, Amaral & Canavarro, 2009; Narciso & Ribeiro, 2009; Popovic, 2005 citado em Oleiro, 2011).

Relativamente às relações amorosas, Fletcher (2002, citado em Oleiro, 2011) salienta que, para a maior parte das pessoas, um dos objetivos principais na vida é o de formar um laço permanente com alguém.

Na sua revisão de literatura, Ribeiro (2002) identifica diferentes designações de formas específicas de relacionamento, tais como as relações de vinculação, as relações de amizade, as relações de proximidade, as relações amorosas e as relações de intimidade.

Deste modo, as várias formas de relacionamento encontram-se em interação, influenciadas pelo modelo interno das relações. No que se refere em particular às relações

de intimidade, Laurenceau et al. (2004, citado em Oleiro, 2011) referiu que o estilo de vinculação nos adultos representa a capacidade de intimidade do indivíduo e encontra-se relacionado com a forma como este experiencia e regula as suas emoções nas relações interpessoais, tendo influência no processo de intimidade (Prager, 1995).

No que diz respeito ao conceito de intimidade, Schaefer e Olson (1981, citado em Oleiro, 2011), criaram a distinção entre experiência íntima e relação íntima. As experiências íntimas são fenómenos característicos das relações próximas, sendo que ocorre a existência de proximidade e/ou partilha entre dois indivíduos sem que estes tenham de desenvolver uma relação íntima. A relação íntima implica a repetição de experiências e interações íntimas, existindo a expectativa da relação perdurar no tempo, partindo da ocorrência de esforço e trabalho mútuo para a manutenção da mesma.

2.4.1. Intimidade

O adulto emergente encontra-se, como referido anteriormente, numa fase de transição e conquista da autonomia psicológica e emocional, sendo que as relações íntimas desenvolvidas nesta fase estabelecem-se como fundamentais para conferir segurança emocional aquando do distanciamento das relações parentais (Bertoldo e Barbara, 2006).

As relações de intimidade têm sido incluídas como vitais na hierarquia de necessidades, sendo que o conceito de intimidade tem sido identificado como um dos componentes fundamentais no que se refere às relações amorosas (Laurenceau, Barrett & Pietromonaco, 1998; Moreira et al., 2009; Narciso & Ribeiro, 2009, citado em Oleiro, 2011).

Erik Erikson (1968) foi um dos pioneiros a referenciar o papel da intimidade no desenvolvimento humano, com a teoria psicossocial do desenvolvimento que tem como objeto principal as motivações e conflitos interiores. Este refere que, no sexto estágio, após a fase da adolescência, o indivíduo tem de resolver o conflito da intimidade *versus* isolamento, sendo que o adulto emergente enfrenta uma luta interior para conseguir expor e partilhar todos os seus conflitos interiores mais profundos (Gaia, 2002 citado em Oleiro, 2011).

Considera-se, para além deste período da adolescência, que a capacidade de construir e manter relações íntimas constitua um dos principais critérios de satisfação interpessoal e de saúde mental (Siqueira, 2001, citado em Bertoldo e Barbara, 2006).

Assim, podemos encontrar na literatura diferentes formas de conceptualizar a intimidade. A intimidade perante uma dimensão relacional depreende que ambos os parceiros adotem comportamentos íntimos recíprocos, enquanto perante a qualidade individual, a intimidade é encarada como uma motivação para a procura de experiências íntimas (Oleiro, 2011).

O modelo integrativo de Reis e Shaver (1988, citado em Moreira, Amaral & Canavarro, 2009) representa esta perspetiva integrando variáveis individuais, interacionais e temporais. Assim, a intimidade é vista como o produto de um processo interpessoal, dinâmico e transacional, sendo que a autorrevelação e a responsividade são fundamentais no desenvolvimento deste processo. Para Schaefer e Olson (1981), a definição de intimidade é, também, multidimensional e integrativa, sendo que a intimidade é uma experiência resultante da revelação de assuntos pessoais íntimos e da partilha de experiências íntimas, existindo a perspetiva de que a relação irá perdurar.

No adulto emergente, o conceito de intimidade dependerá diretamente da revelação de assuntos pessoais íntimos e da partilha de experiências íntimas em conformidade com a procura de autonomia emocional e psicológica, dependendo das diferenças individuais e da perceção de intimidade (sentida pela pessoa) e a intimidade esperada (grau de intimidade desejado pela pessoa na relação), influenciando de forma direta a satisfação relacional (Oleiro, 2011).

2.4.2. Amor e Compromisso

As experiências de intimidade existem nos vários tipos de relações interpessoais. No entanto, é nas relações amorosas que esta é mais esperada. A relação amorosa é composta pelas várias interações, voluntárias reconhecidas por ambos os parceiros amorosos e caracterizadas pelas demonstrações de afeto e pelos comportamentos sexuais (Oleiro, 2011).

Segundo Narciso e Ribeiro (2009), *“o amor é uma configuração complexa e dinâmica de sentimentos conscientes por um outro, com o outro e por um «nós» em criação”* (p.92).

Deste modo, podemos referir que existe uma relação de influência mútua entre a intimidade e o amor, sendo que a intimidade é um dos processos afetivos que afeta e é afetado pelo amor (Narciso, Costa & Pina Prata, 2002).

Berscheid e Walster (citado por Narciso & Ribeiro, 2009) distinguem o amor apaixonado do amor companheiro. O amor apaixonado é caracterizado pela existência de um desejo intenso de união com o outro (característico do início das relações), e o amor companheiro é definido pelo aumento da intimidade, do amadurecimento e estabilidade do relacionamento amoroso, com a evolução do tempo (Narciso & Ribeiro, 2009).

O conceito de namoro é caracterizado, essencialmente, pela estabilidade do relacionamento entre duas pessoas, referindo-se à adesão de um indivíduo a uma relação específica mesmo quando os fatores ambientais contradizem essa associação (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002 citado em Bertoldo & Barbara, 2006). Segundo Gonzaga, Kelner Londahl e Smith (2001 citado em Bertoldo & Barbara, 2006), a expressão de amor tem um papel crucial na aproximação entre duas pessoas, sendo que assinala e fortalece o compromisso, promovendo comportamentos inerentes a um compromisso amoroso e a percepção destes pelo outro.

Assim, em ligação direta com o amor e a intimidade está o compromisso, que resulta na decisão de se investir no relacionamento amoroso, tendo como perspectiva futura o desejo de manter esta relação a longo prazo (Narciso & Ribeiro, 2009; Sternberg, 1987).

2.4.3. Componentes específicos da intimidade nas relações amorosas

A presença de determinados processos relacionais são fundamentais para que o processo de intimidade se desenrole numa relação, estes interligados entre si, vão constituir o processo de intimidade.

Narciso e Ribeiro (2009) conceptualizam a intimidade como um todo constituído por vários componentes específicos, sendo estes a partilha/autorrevelação, o apoio emocional, a confiança, a mutualidade, a interdependência e a sexualidade. Assim, podemos afirmar que a intimidade, o amor e o compromisso estão inter-relacionados entre si, tornando-se constituintes essenciais das relações amorosas.

Em seguida, apresento os componentes específicos conceptualizados por Narciso e Ribeiro (2009):

Partilha/autorrevelação: é o ato de revelar informação pessoal a outra pessoa e é caracterizada por uma reciprocidade mútua. É o desejo de conhecer o parceiro e de se dar a conhecer. Permite a progressiva compreensão e validação do outro, o que se traduz no desenvolvimento gradual do sentido do «nós» numa relação (Narciso & Ribeiro, 2009; Shaefer & Olson, 1981). À medida que as relações evoluem ao longo do tempo, a intimidade vai aumentando, o que faz com que os parceiros amorosos demonstrem conteúdos cada vez mais profundos e, conseqüentemente, quanto mais revelam de si e conhecem o outro, mais íntimos se sentem (Alper e Mark, 1980; Narciso & Ribeiro, 2009; Sprecher & Hendrick, 2004).

Apoio emocional: expressão de sentimentos de preocupação, proteção, compreensão, valorização e respeito, sentindo-se cuidado e amado pelo outro, pelo que implica um profundo sentido de envolvimento e de ligação mútua (Hill, 1991; Narciso, 2002). Assim, o conceito de empatia (partilha de pensamentos e sentimentos caracterizados pela compreensão) está diretamente envolvido e possibilita a capacidade da pessoa se envolver com experiência do outro (Genero, Miller, Surrey & Baldwin, 1992). Este processo envolve a escuta ativa do outro, tornando-se uma fonte de bem-estar psicológico e de saúde física (Gaia, 2002 citado em Oleiro, 2011).

Confiança: traduz-se na atitude ou expectativa de uma pessoa em relação ao seu parceiro amoroso e que lhe permite aceitar os riscos presentes numa interação íntima (Prager, 1995). A intimidade só pode acontecer num relacionamento em que a confiança mútua cresça, partindo da crença de que o parceiro é honesto, mostrando interesse genuíno no bem-estar do outro, assumindo um compromisso.

Mutualidade: Este processo implica a perceção das semelhanças versus as diferenças entre os parceiros amorosos. As semelhanças podem facilitar a compreensão mútua. No entanto, se os interesses e motivações são divergentes e se na relação existir sobreposição

das necessidades de um sobre as necessidades do outro, a intimidade vai diminuindo. Interações “mutualmente” dependentes entre parceiros revelam estabilidade no relacionamento e minimizam o impacto de sentimentos negativos resultantes de possíveis desequilíbrios no poder (Rusbult, et al., 2004).

Interdependência: dependência mútua de apoio, recursos, compreensão e ações. A dependência é resultado da confiança depositada no parceiro e promove a perseverança nas interações e o compromisso para a manutenção e continuidade da relação amorosa. Terá de ocorrer um esforço mútuo entre os parceiros amorosos para regular a intimidade, conjugando os seus objetivos e interesses pessoais, tendo em conta o preenchimento das necessidades de autonomia/intimidade de ambos (Narciso & Ribeiro, 2009; Prager & Roberts, 2004; Rusbult, Kumashiro, Coolsen & Kirchner, 2004).

Sexualidade: a sexualidade tem vindo a adquirir uma importância crescente nos estudos científicos, sendo reconhecida como um aspeto fundamental na manutenção das relações amorosas (Narciso & Ribeiro, 2009; Sprecher & Regan, 2000). Assim, Narciso (2002) descreve a sexualidade como um processo dependente de componentes característicos da intimidade. Sprecher & Regan (2000 citado em Oleiro, 2011) realçam a importância da sexualidade quando referem que as atitudes e expectativas sexuais dos indivíduos, os seus desejos e as atividades que realizam em conjunto possuem consequências, quer a nível individual, quer ao nível da relação amorosa.

Na fase da adultez emergente, as relações tornam-se mais íntimas e sérias, sendo que a fase de namoro foca-se na intimidade física e emocional, abrindo portas à possibilidade de intimidade sexual e de possível coabitação (Arnett, 2000).

Embora as relações amorosas neste período sejam, teoricamente, mais duradouras do que na adolescência, a possibilidade de exploração leva a que o adulto emergente tenha experiências com várias pessoas, na tentativa de encontrar alguém cujas características sejam valorizadas, resultando numa instabilidade frequente que acaba por oferecer um vasto número de escolhas (Meier & Allen, 2008).

Em conclusão, como anteriormente referido, é na fase da transição do final da adolescência para o início da vida adulta que se dá o conflito de intimidade versus isolamento. O adulto emergente é confrontado com a tarefa de desenvolver relacionamentos íntimos, proporcionando uma exploração mais profunda de relações com o sexo oposto (Erikson, 1968/1972). Nesta fase, as relações românticas *“têm o potencial de alterar significativamente o curso da formação de futuras relações”* (Meier & Allen, 2008, p. 26).

3. Efeitos da vinculação amorosa: da adolescência à adultez emergente

3.1. Teoria da vinculação

A teoria da vinculação foi formulada, originalmente, por Bowlby e Ainsworth e revelou-se um contributo fundamental para a compreensão das relações interpessoais estabelecidas ao longo da vida (Bowlby, 1988, citado em Freitas & Mota, 2015).

A vivência estabelecida no seio familiar e uma fonte de apoio concisa constituem fatores fundamentais no processo de individuação no jovem adulto e, conseqüentemente, a qualidade de vinculação constitui um ponto marcante no desenvolvimento afetivo do mesmo (Correia & Mota, 2016).

A vinculação corresponde aos esquemas internos do indivíduo e à forma como este percebe o mundo e torna-se relevante para a compreensão da relação entre segurança emocional e as relações com o grupo de pares e par amoroso (Freitas & Mota, 2015).

Assim, a sensibilidade pessoal e a disponibilidade dos pais ou figuras cuidadoras torna-se um preditor do desenvolvimento futuro de laços afetivos e não termina na infância. Para o adolescente, que procura a independência psicológica e a autonomia pelo afastamento, esta torna-se uma fase difícil, visto que a falta de segurança suficiente para se afastar dos pais, obriga-o a recorrer frequentemente aos pais e figuras cuidadoras como fonte de apoio (Matos & Costa, 1996, citado em Freitas & Mota, 2015).

No que diz respeito ao adulto emergente, este encontra-se igualmente num período de experimentação e exploração de sentimentos de segurança nas relações amorosas (Hazan & Shaver, 1987, citado em Freitas & Mota, 2015). Deste modo, o amor romântico apresenta-se como um processo biossocial, constituído por laços afetivos que se formam entre dois indivíduos, sendo que, para que se crie uma vinculação terá de haver uma forte ligação de proximidade, *“the sexual mating system (sexual attraction) to be another primary instigator for the proximity seeking that is the first step toward attachment formation”* (Hazan & Shaver, 1994, p.11, citado em Freitas & Mota, 2015).

Nos seus estudos, Bragança e Campos (2010, citado em Freitas & Mota, 2015) concluíram que a relação entre experiências relacionais na infância com as figuras de vinculação, se relacionam com os estilos de vinculação amorosa no adulto. Portanto, as experiências centradas numa vinculação segura entre o pai e a criança, parecem cruciais

para a posterior construção de relações satisfatórias com o par amoroso (Freitas & Mota, 2015).

O indivíduo que possui um modelo positivo de si e negativo do outro terá tendência para a construção de relações amorosas com baixos níveis de confiança, incapacidade de interdependência, falta de proximidade e evitamento da intimidade. Por outro lado, o indivíduo que possua um modelo positivo de si e do outro, características dos seguros, terá mais confiança em si próprio enquanto indivíduo capaz de amar e ser amado (Freitas & Mota, 2015).

Deste modo, podemos encarar a vinculação como crucial para a construção da segurança necessária ao desenvolvimento das relações amorosas positivas e satisfatórias, sendo que cada estilo de vinculação revelará determinadas características do indivíduo e a sua perceção do relacionamento amoroso.

Segundo vários estudos, os indivíduos com um estilo de vinculação segura, revelam abertura à exploração e sentem o parceiro amoroso como “base segura” (*secure base*) e “porto de refúgio” (*safe haven*) e reportam maior satisfação com a sua relação e têm maiores níveis de estabilidade e intimidade no relacionamento. Em contraste, os indivíduos com o estilo de vinculação mais ansioso revelam maior ansiedade de separação e dependência do parceiro e possuem tendência para procurar intimidade fora da relação.

Os indivíduos com um estilo de vinculação evitante tendem a desvalorizar o desenvolvimento de intimidade com o parceiro e revelam pouca confiança no mesmo e são tendencialmente menos comprometidos nas relações românticas (Monteoliva & García-Martínez, 2005; Butzer & Campbell, 2008; DeWall et al., 2011; Stefanou & McCabe, 2012). Quer o estilo de vinculação ansioso, quer o estilo de vinculação evitante encontram-se associados a baixos níveis de satisfação sexual, ainda que a relação seja mais elevada no estilo de vinculação evitante (Brassard, Dupuy, Bergeron & Shaver, 2015).

Relativamente às diferenças de sexo, o estilo de vinculação ansioso encontra-se mais relacionado com a insatisfação sexual no homem e o estilo de vinculação evitante encontra-se mais presente na insatisfação sexual da mulher. As mulheres com um estilo de vinculação ansioso assumem uma maior preocupação com a possível perda do par amoroso e sentem uma maior ansiedade nas interações sexuais e as mulheres com um estilo de vinculação

evitante sentem-se desconfortáveis ao criar intimidade de natureza sexual com o parceiro (Brassard, Péloquin, Dupuy, Wright & Shaver,2012; Brassard, Dupuy, Bergeron & Shaver,2015).

De um modo geral, os indivíduos que possuem um estilo de vinculação mais seguro são os que vivem relações amorosas mais satisfatórias e duradouras (Fagundes & Schindler, 2012).

3.2. Amor e Vinculação na Adolescência

A adolescência é, frequentemente, marcada por momentos difíceis nas relações familiares. Os pais são pressionados pelos adolescentes na tentativa de obterem mais autonomia, enquanto os pais continuam a sentir-se responsáveis por protegerem os seus filhos de potenciais perigos (Dans-Botto, 2012). Nesta fase, iniciam-se experiências, nomeadamente envolvendo a sexualidade e relações amorosas, experiências estas que os adolescentes não se sentem à vontade para discutir com os pais, acabando por recorrer aos pares. No entanto, este distanciamento não deve ser encarado como um processo de desvinculação, mas como um processo de alargamento de figuras vinculativas que têm como objetivo corresponder às necessidades do jovem, sendo que as figuras parentais continuam a desempenhar o papel de base segura na vida dos mesmos (Rocha, 2008).

Neste processo desenvolvimental, verifica-se que o foco de investimento dos jovens passa a ser externo à rede familiar. Estes voltam-se para outro contexto socioemocional e verifica-se um processo de transferência da vinculação dos pais para o grupo de pares e/ou para o companheiro amoroso (Matos & Costa, 2006). O jovem não substitui as figuras de vinculação primárias, apenas expande o seu número de figuras significativas na procura de proximidade e apoio (Rocha, 2008). Embora a busca da autonomia e independência seja fortemente ansiada, os jovens pretendem, de igual modo, preservar a permanência dos pais e a vinculação com estes, tentando manter o nível de autoconfiança e autoestima, sendo que os adolescentes que demonstram segurança são aqueles que demonstraram capacidade de desenvolver relações de qualidade com as figuras de vinculação (Moura & Matos,2008).

As experiências precoces de vinculação são internalizadas como modelos internos dinâmicos que servem de protótipo para relações futuras com outros significativos e que

agrupam um conjunto de conhecimentos, expectativas e representações sobre a figura de vinculação e sobre o *self* (Bowlby, 1969). Assim, a vinculação parental pode afetar outras relações dos adolescentes, tais como as relações românticas e as amizades íntimas (Bowlby, 1969).

Inicialmente, na adolescência, as relações românticas, são caracterizadas essencialmente por níveis elevados de afiliação, traduzidos na procura de proximidade física, partilha de atividades e companheirismo (Adams, Laursen & Wilder, 2001; Connolly & Goldberg, 1999; Feiring, 1996; Laursen & Williams, 1997; Shulman & Scharf, 2000). Posteriormente, observa-se uma tendência para a procura de proximidade emocional, através da interdependência, da reciprocidade, e da diversidade de atividades que ocorrem entre os parceiros bem como através de interação social diária (Adams et al., 2001), até que a manutenção de um laço é experienciada como uma fonte de segurança e a sua constante renovação como fonte de alegria (Simpson, Collins, Tran, & Haydon, 2007 citado em Assunção & Matos, 2010).

No que se refere à interação entre os domínios relacionais, observa-se que adolescentes com vinculação parental mais segura mostram maior capacidade de desenvolver competências sociais adequadas, necessárias à iniciação e manutenção de relações amorosas e de amizade próximas e satisfatórias (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). Por outro lado, adolescentes com vinculações parentais mais inseguras apresentam maior dificuldade de interação social, sendo menos capazes de resolver conflitos interpessoais e de iniciar e estabelecer amizades de forma satisfatória (Kanning, 2006; Mallinckrodt, 2000 citado em Assunção & Matos, 2010).

Consequentemente, perspetiva-se que estas competências afetem a vinculação amorosa, uma vez que alguns investigadores reconheceram a importância da competência interpessoal no sucesso dos adolescentes nas relações românticas (Twentyman, Boland, & McFall, 1981). Assim, vários estudos empíricos referem associações entre as relações românticas na adolescência e diversos aspetos do desenvolvimento individual, tais como a formação de uma identidade pessoal, a adaptação às mudanças nas relações familiares, o envolvimento em relações harmoniosas com os pares e o desenvolvimento da maturidade sexual (Collins, Welsh, & Furman, 2009, citado em Assunção & Matos, 2010).

A qualidade de vinculação parental associa-se, assim, às dimensões da qualidade das relações românticas nos adolescentes, sendo que uma vinculação segura aos pais, permitindo a exploração e o desenvolvimento da individualidade dos jovens, potencia a aquisição de competências interpessoais e de tomada de perspectiva, que se revelam fortemente associadas à qualidade da relação romântica (Assunção & Matos, 2010).

3.3. Amor e vinculação no adulto emergente

Enquanto na adolescência a vinculação aos pais começa normalmente a ser complementada por ligações significativas com os outros, geralmente com os seus pares, no adulto emergente, os laços vinculativos são normalmente direcionados a parceiros amorosos ou amigos íntimos (Rocha, 2008).

Segundo a teoria da vinculação de Bowlby (1982), pressupondo a compreensão dos modelos internos dinâmicos do self e do outro, Bartholomew e Horowitz (1991) estabeleceram um tipo de vinculação nos adultos composta por quatro categorias distintas, onde os protótipos de vinculação caracterizam-se por: Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado (Bartholomew & Horowitz, 1991). Por outro lado, Weiss (1982) referiu que as relações de vinculação na idade adulta são normalmente estabelecidas entre os pares e que o sistema comportamental de vinculação subjacente à idade adulta não se destaca tanto em comparação com a infância, visto que neste caso a sobrevivência não se encontra colocada em causa. Este aponta ainda como fator diferencial o facto de os jovens adultos se envolverem em relações que muitas vezes comportam dimensões de envolvimento sexual.

Trinke e Bartholomew (1997) elaboraram um estudo onde foi requisitado a jovens adultos que listassem uma hierarquia de figuras de vinculação por ordem de importância e as distinguissem como porto seguro e como base segura. Neste estudo, mais de metade dos participantes envolvidos encontravam-se num relacionamento amoroso e, como tal, nomearam o seu par romântico como a figura de vinculação principal, sendo que este foi identificado mais como um porto seguro do que como uma base segura. Contudo, os resultados mostraram que a figura de vinculação mais listada no estudo era a mãe, seguido pelo par romântico, o melhor amigo, o pai e o irmão. Os pais dos jovens foram mais referidos mais como uma base segura do que como um porto seguro. Assim, concluiu-se que o par romântico ocupa o lugar mais alto na hierarquia da maioria das figuras de vinculação

do adulto emergente, no entanto os pais ainda são preferidos como uma base segura para a exploração e para o crescimento (Trinke & Bartholomew, 1997).

Deste modo, percebe-se que a vinculação parental é o laço emocional mais permanente ao longo da vida mesmo que, a partir do início da adultícia, existam outras relações, tais como com o par amoroso (Rocha, 2002).

As relações de vinculação na adolescência e na adultez emergente são assinaladas pela reciprocidade de vinculação, visto que o adulto emergente passa a receber e a fornecer apoio, ficando vinculado ao par romântico e do mesmo modo funcionando como figura de vinculação do mesmo (Ainsworth, 1991). Assim, o amor romântico pode ser visto como um processo de vinculação que é influenciado pelas experiências significativas com as figuras de vinculação anteriores (Feeney, 2008).

Numa relação romântica onde o par amoroso funciona como base segura que apoia a exploração, estando disponível, encorajando o adulto emergente nas suas ações, este adquire a capacidade de explorar o contexto que o envolve, promovendo o aumento da autoestima e da autoeficácia, visto que a exploração é encarada como algo prazeroso (Feeney & Vleet, 2010).

Neste seguimento Mikulincer e Shaver (2008), caracterizaram a vinculação do jovem adulto como podendo ser conceptualizada em três tipos:

1. **Vinculação como estado:** surgindo em situações de *stress*, procurando restabelecer contacto com a figura de vinculação;
2. **Vinculação como traço:** o jovem adulto tende a estabelecer relações de vinculação similares ao longo do seu desenvolvimento;
3. **Vinculação como um processo:** que interage no contexto de uma relação específica do jovem adulto.

Para além destes três tipos, o sistema de vinculação na idade adulta assenta ainda em três proposições. No caso de o jovem adulto se sentir ameaçado irá procurar proximidade e proteção junto de uma figura de vinculação, se o jovem adulto perceber que existe uma figura de vinculação disponível, irá ficar relaxado e sentir que é amado, podendo retomar outras atividades confiante e com a sensação de segurança e, se uma figura de

vinculação está indisponível ou não responder, o jovem adulto irá intensificar os esforços para alcançar a proximidade e a proteção desejada ou terá tendência para a desativação do sistema de vinculação e passará a confiar em si mesmo (Mikulincer & Shaver, 2007).

Na entrada na idade adulta, o sujeito encara diversas exigências e, como tal, as relações de vinculação assumem consequências para o desenvolvimento de uma vasta lista de habilidades e capacidades. Competências sociais, capacidade de resolução de problemas, motivação, mestria, capacidade de empatia, capacidade de formar e manter amizades e a capacidade de confiar nos outros (Cassidy, 2008), são capacidades provenientes da segurança que as figuras de vinculação transmitem para que o indivíduo se sinta apoiado na exploração do mundo.

Como referido anteriormente, o período de transição da adolescência para a idade adulta, é marcada pela criação e manutenção de interações com outras figuras significativas, estas novas relações impulsionam o jovem ao alargamento das suas figuras de vinculação (Rocha, 2008). Assim, as funções de vinculação que primeiramente eram das figuras parentais, vão sendo progressivamente transferidas para o grupo de pares ou para o par amoroso.

A relação com os pais não será mais de dependência, e o processo de transferência de vinculação ocorre, normalmente, no final da adolescência e início da idade adulta. Caracteriza-se pela transferência das vinculações ditas primárias e de comportamentos de vinculação para um novo relacionamento (Rocha, 2008; Welch & Houser, 2010). Contudo diferentes figuras de vinculação irão desempenhar diferentes funções de vinculação.

No adulto emergente, o tipo de vinculação amorosa terá relação direta na forma como este vivencia as relações amorosas, sendo que os indivíduos ansiosos são os mais ambivalentes, pois amplificam os acontecimentos de forma negativa ou positiva. Se percecionarem de forma positiva as experiências sexuais, vão considerar as suas necessidades de proximidade como satisfatórias e sentir, momentaneamente, um alívio da preocupação da perda do par amoroso (Birnbaun et al., 2006).

4. Desenvolvimento Psicossocial, Identidade e Relações de Intimidade

A perspectiva psicossocial de Erikson posiciona o desenvolvimento do indivíduo num contexto social, enfatizando a interação com os pais, família, instituições sociais e cultura, intimamente ligados ao longo da vida. Cada fase do desenvolvimento psicossocial pode ser encarada como um determinado período da sequência vital, quando o crescimento físico, a maturação cognitiva e determinadas demandas sociais convergem para gerar uma tarefa desenvolvimental específica (Widick, Parker, & Knefelkamp, 1978 citado em Fernandes, 2016).

No que se refere ao desenvolvimento psicossocial do adulto emergente, pode-se referenciar que este relaciona-se com a progressão para o desenvolvimento da autonomia e individuação (Scharf & Mayseless, 2007) que abrange a adolescência e jovem adultez. Surge, então o conceito de intimidade, referenciado anteriormente, ou seja, a capacidade de fundir a identidade com alguém sem o medo de perder algo de si mesmo. Embora, o desenvolvimento da intimidade se inicie na infância, tendo em conta que é “num processo contínuo de desenvolvimento de vinculações seguras e de uma confiança que se constituem os alicerces para uma intimidade adulta” (Costa, 2005, p.71), é no período da adultez emergente que aumentam o interesse e a capacidade de intimidade com amigos e parceiros românticos (Fernandes, 2016). No entanto, a intimidade pode ser comprometida em situações em que alguma consolidação bem-sucedida da identidade não foi alcançada (Erikson, 1968 citado por Arseth, Kroger, Martinussen, & Marcia, 2009).

Progressivamente, o conceito de intimidade torna-se mais presente na construção de relações românticas estáveis e relações de amizade íntimas na vida dos jovens adultos e estes deparam-se com o desafiante objetivo de construção de uma identidade adulta, num contexto de exploração de diferentes desenlaces inerentes a esta fase (Ávila, Cabral, & Matos, 2010; Marcia, 1966).

Assim, a consolidação identitária inerente a este processo promove no jovem adulto, a necessidade de estabelecer um sentido de si relativamente, focando-se na resolução da dualidade intimidade versus isolamento, que determina se e com quem partilhará este sentido de si (Pittman et al., 2011; Widick et al., 1978 citado em Fernandes, 2016).

No decorrer da busca pela autonomia e um sentido de identidade mais estável, as relações experienciam um aumento de confiança, interdependência, e individualidade, sendo que o apoio é transmitido de forma mais simples, mais forte, mais implícita e mais confiável. As relações de amizade e amor sobrevivem ao desenvolvimento de diferenças e estas são mais facilmente ultrapassáveis fomentando a sua consistência, para além das separações e da falta de comunicação (Chickering, 1969 citado em Fernandes, 2016).

Deste modo, o sentido de identidade torna-se crucial para o desenvolvimento de relações amorosas bem-sucedidas. Os sujeitos com uma identidade realizada, geralmente têm relações bem-sucedidas, maduras e íntimas, atingindo um estado denominado de íntimo, normalmente caracterizado por autoconsciência, interesse genuíno nos demais e a ausência de defensividade significativa, enquanto sujeitos com uma identidade não consolidada, apresentam uma tendência para relações estereotipadas, com reduzida profundidade e proximidade genuínas, ou para o isolamento, com a falta de amigos próximos e de experiências amorosas (Orlofsky, Marcia e Lesser, 1973).

Contudo, a diferença de géneros parece ter algo a referenciar no que diz respeito à questão identitária. Para o adolescente do sexo masculino, verifica-se a tendência para testar quem é através das questões de competência e conhecimento, enquanto para a adolescente do sexo feminino a questão resolve-se em torno de quem é em relação com os outros (Arseth et al., 2009; Hodgson & Fischer, 1979 citado em Fernandes, 2016).

Assim, as relações de intimidade possuem implicações fundamentais na identidade, fornecendo feedback interpessoal que leve à reconsideração de compromissos de identidade prévios e os parceiros íntimos podem ser fontes de apoio e de validação, acabando por reforçar o constructo identitário vigente (Pittman et al., 2011). Salienta-se que, apesar de o constructo identitário se pressupor, nesta fase, tal não implica uma estabilidade absoluta do mesmo (Fernandes, 2016).

Deste modo, o desenvolvimento psicossocial pode ser experienciado como uma co-construção psicossocial resultante da interação dos contextos histórico e cultural, bem como de todos os outros significativos que partilham desses contextos (Pittman et al., 2011). Este associado à teoria de vinculação de Bowlby ganha uma compreensão mais aprofundada do conceito de intimidade, visto que a vinculação implica representações do self e dos outros, e

fornece os pilares para o desenvolvimento social e da personalidade, podendo estas representações ser encaradas como atributos para o desenvolvimento psicossocial. Na fase da adolescência, o jovem adolescente tende a procurar a companhia de um par, geralmente do sexo oposto, com quem constrói uma relação, em que os sistemas reprodutor, de prestação de cuidados, e de vinculação estão envolvidos (Ainsworth, 1989). Assim, as relações românticas iniciam-se e o adolescente confronta-se com vários desafios. Contudo, é importante distinguir experiências românticas de relações românticas, sendo que as experiências românticas contemplam um conjunto de situações, desde fantasias, a interações, relações de curta duração, até relações duradouras (Tuval-Mashiach, Walsh, Harel, & Shulman, 2008) e as relações românticas integram-se nas experiências românticas, assumindo um lugar de destaque nesse tipo de experiência (Collins et al., 2009).

As relações românticas diferenciam-se de qualquer outra relação do adolescente e assumem um importante papel para o desenvolvimento, contribuindo para a construção de uma autonomia emocional face aos pais e permitindo a diferenciação psicológica do grupo de pares. Corresponde a um “padrão mais ou menos prolongado de associação e de interação entre dois indivíduos que reconhecem a existência de ligação 5 um ao outro” (Brown et al., 1999, p. 3). Normalmente, ocorre uma escolha pessoal e, em geral, envolve atração intensa ou apaixonada, não só se referindo à atração sexual, mas aquela que também envolva paixão e amor.

No adulto emergente, as relações de intimidade baseiam-se em aspetos específicos tais como a individualidade, a liberdade, a descartabilidade, a busca de romantismo, igualdade de géneros e superficialidade (Smeha & Oliveira, 2013). No entanto, quando se questiona o que o adulto emergente procura num relacionamento amoroso, surgem aspetos como a confiança, o respeito, a beleza e alguém com um bom futuro profissional, sendo que, quando as relações românticas são fruto do investimento de ambas as partes, as mesmas baseiam-se na liberdade e na individualidade (Smeha & Oliveira, 2013).

5. Os relacionamentos amorosos do adulto emergente

A sociedade contemporânea é marcada pela fragilidade no que se refere às relações, sejam elas amorosas ou não. A forma como estas se estabelecem, o modo como o ser humano se relaciona afetivamente e sexualmente com outro e o que este procura num parceiro amoroso, são aspectos determinados pelo período histórico e sociocultural em que este se encontra (Schmitt & Imbelloni, 2011).

Os relacionamentos amorosos da atualidade, em comparação aos relacionamentos do final do século XIX, têm assumido diferentes configurações, sendo que são diversos os aspectos que influenciaram estas mudanças percebidas na atualidade (Smeha & Oliveira, 2013). Deste modo, torna-se importante perceber quais as principais mudanças que foram ocorrendo e que foram cruciais para o desenvolvimento da forma como as relações amorosas na sociedade atual estão a ser estabelecidas (Schmitt & Imbelloni, 2011).

No final do século XIX, as relações românticas eram marcadas pela presença de características tais como a fidelidade e a presença da “eternidade”. Em comparação, na sociedade atual, as relações românticas encontram-se vincadas pela existência de indivíduos instáveis no que se refere ao conceito de amor (Schmitt & Imbelloni, 2011).

Nesse contexto, importa salientar que o conceito de amor pode variar conforme a cultura, a vivência e a percepção que cada indivíduo tem desse sentimento. Para Rosset (2004), o amor não tem significado único, sendo que este define-se perante a subjetividade de quem vivencia o sentimento. Segundo a perspectiva de Ferry (2007), as uniões da atualidade guiam-se apenas nos sentimentos de amor e, como tal, basta que o amor se acabe para que uma relação termine. Assim, abre-se um caminho para que outro amor se instale, justificando o aumento da troca de parceiros amorosos nos relacionamentos entre jovens (Smeha & Oliveira, 2013).

O individualismo, tomado como característica principal nos relacionamentos da atualidade, promove a “descartabilidade”, a liquidez dos relacionamentos e o aumento da quantidade em detrimento da qualidade, sendo que os que mais se deixam influenciar por estas novas características da sociedade são os adolescentes e os adultos emergentes da atualidade (Schmitt & Imbelloni, 2011).

Chaves (2010, citado em Smeha & Oliveira, 2013) desenvolveu uma pesquisa onde se discute a heterogeneidade das percepções dos jovens sobre os relacionamentos amorosos da atualidade. Esta pesquisa mostra-nos que não há uma homogeneidade nas opiniões sobre as percepções, sendo que estas variam entre dois extremos. Por um lado, existem aqueles que veem os relacionamentos como semelhantes aos de outrora, e, por outro, existem aqueles que percebem o campo amoroso como instável, desordenado, frágil e inseguro.

Falcke e Zordan (2010) procuraram investigar a opinião de jovens adultos acerca de conceitos tais como o romantismo, família, papéis conjugais e permissividade sexual, de forma a comparar as diferenças de opiniões, tendo em conta as diferenças de género. Os resultados mostraram que o amor assume um papel de importância, contudo não é mais percebido como eterno e exclusivo. O casamento continua a ser um desejo dos jovens adultos, mas não se encontra mais entre os seus principais objetivos de vida.

Neste seguimento, torna-se importante compreender quais os motivos que levam os jovens da atualidade a optar cada vez mais pelo estabelecimento de relações efémeras, tendo em conta as transformações sociais que se configuram na atualidade.

Atualmente, podemos observar que os jovens adultos estabelecem relações amorosas de curta duração, que podem durar apenas algumas horas, alguns dias, semanas ou meses, podendo ser encaradas como relações transitórias, enquanto as relações que perduram pelo menos por um ano podem ser intituladas de estáveis ou duradouras (Smeha & Oliveira, 2013).

Deste modo, é importante referir que uma das novas formas de relacionamento que promovem o estabelecimento de relacionamentos “descartáveis” são os relacionamentos *online*. Cada vez mais se procura diminuir as relações interpessoais e a promoção da comunicação através da tecnologia, fazendo com os indivíduos se afastem e se relacionem sem que seja necessário envolvimento emocional, eliminando o compromisso (Schmitt & Imbelloni, 2011). *Sites* que prometem encontros amorosos diversos ou *chats* de relacionamentos são apenas alguns exemplos dos instrumentos utilizados para a base desta nova realidade das relações amorosas, passando a Internet a ser o principal meio de os jovens se conectarem e desconectarem a qualquer momento das relações, desenvolvendo

padrões comunicativos que aumentam o controlo estratégico e a liberdade expressiva face ao “outro”.

Birman (2004 citado em Schmitt & Imbelloni, 2011) apresenta o conceito de Internet como aquele meio que faz parte integrante do quotidiano dos indivíduos contemporâneos, dando-lhes a sensação de liberdade tão desejada, sem que haja limites para a comunicação e expressão individual.

Nessa perspetiva, podemos destacar como características dos relacionamentos da atualidade a individualidade, a liberdade, a superficialidade, a descartabilidade, a busca do romantismo, o prazer, a igualdade de géneros e a impulsividade na tomada de decisões (Smeha & Oliveira, 2013). Assim, constata-se a predominância dos projetos pessoais individuais no adulto emergente, em que a prioridade é a sua formação académica, a construção de uma carreira, a estabilidade profissional e até mesmo o seu *status* social (Smeha & Oliveira, 2013).

Deste modo, as relações não estão apenas baseadas no prazer, mas também no impulso. A atração sexual motiva-os a uma união com a pessoa ideal. Contudo, com o decorrer do tempo, essas expectativas são frustradas e a relação, que foi iniciada por atração sexual tende a terminar, sendo que a paixão torna-se um dos fatores que pode explicar a impulsividade nos relacionamentos Bauman (2004).

A paixão surge e quando nos apaixonamos, temos a tendência de acreditar que encontramos a pessoa perfeita, aquela que possui todos os atributos capazes de nos despertar admiração, amor e desejo, satisfazendo totalmente as nossas expectativas amorosas Pregolato (2003 citado em Smeha & Oliveira, 2013).

Neste contexto, percebemos que a busca por alguém que nos complete faz parte da natureza humana e percebemos que, no caso do adulto emergente, esta busca revela-se na procura de relacionamentos que contemplem características tais como a confiança mútua, o diálogo sincero, o respeito, a fidelidade, a beleza física, a identificação e alguém que possua um futuro profissional promissor (Smeha & Oliveira, 2013). No entanto, importa salientar que mesmo querendo estabelecer relações saudáveis com um parceiro ideal, os jovens adultos não abrem mão de manter a rotina da vida de solteiro e a convivência com os amigos, tornando a convivência em grupo bastante valorizada, tal como se verifica na

adolescência, na qual os vínculos de amizade, cumplicidade e identificações com outros jovens são priorizados, além da aparência, beleza e sucesso como forma de aceitação social (Smeha & Oliveira, 2013).

Assim, conciliar a intimidade da vida a dois com preservação da individualidade é um desafio para os relacionamentos na atualidade, e aspetos como a falta de respeito, traição, desconfiança, ciúmes exagerado e desrespeito à individualidade do outro acabam por dificultar o estabelecimento de relações duradouras. Aqui, poderá construir-se o medo de amar plenamente, ou seja, o jovem adulto teme investir significativamente num relacionamento para que, posteriormente, este seja excluído quando a relação demonstrar os seus primeiros sinais de desgaste, desenvolve-se o medo de serem abandonados e de investirem nos relacionamentos (Smeha & Oliveira, 2013).

Nesta perspetiva, Bauman (2004) identifica o conceito de “construção do amor líquido”, isto é, idealização da busca de satisfação com o outro e o divertimento sem fronteiras, cujo único objetivo é aproveitar o tempo presente sem limites, sem preocupações com o passado ou com o futuro de uma relação. O compromisso com o outro, tanto no namoro como nos projetos de vida, não é valorizado, pois este parece limitar a liberdade individual.

No que concerne à diferença de géneros, relativamente à questão do compromisso e estabelecimento de relacionamentos amorosos estáveis e duradouros, Ribeiro (2010) refere que, na atualidade, a jovem adulta do sexo feminino encontra-se independente, afetiva e financeiramente, do companheiro e, embora continue a valorizar a afetividade na relação amorosa, esta já não é a sua única meta, tendo em vista, também, a felicidade pessoal, que não aparece apenas com o casamento, mas também em outras relações, tanto no âmbito amoroso quanto no sexual (Smeha & Oliveira, 2013).

Futuramente, espera-se que as relações amorosas sejam constituídas por indivíduos cada vez mais individualistas e com prioridade na construção de uma carreira profissional, sendo que os relacionamentos contemporâneos estáveis e duradouros passarão a acontecer numa idade mais tardia, como consequência da priorização da liberdade, da busca do prazer, da individualidade, da prioridade na formação profissional e da estabilidade no trabalho (Smeha & Oliveira, 2013).

Podemos referir que, embora os adultos emergentes da atualidade evidenciem pouco investimento nos relacionamentos amorosos, estes anseiam encontrar uma pessoa para se relacionar, a qual corresponda totalmente às suas expectativas, alguém idealizado que proporcione prazer e felicidade. Possuem o desejo em conciliar a experiência de uma relação tradicional baseada no amor romântico com a vida de solteiro, caracterizada pela liberdade, individualidade e ausência de compromisso com o parceiro. As vivências amorosas parecem ser guiadas na garantia dos próprios interesses em detrimento dos do outro, sendo caracterizadas pela predominância da individualidade, da superficialidade, do pouco investimento e instabilidade. (Smeha & Oliveira, 2013).

Por fim, podemos afirmar que, mesmo diante da prevalência da liberdade e individualidade, ainda há, nos relacionamentos do adulto emergente, o desejo de viver um amor romântico e a fantasia de que esse sentimento será correspondido em todos os sentidos. Contudo, a sociedade atual perdeu o vínculo, deixou de lado o afeto e assenta em características tais como a utilidade, a fluidez e a rapidez dos relacionamentos amorosos (Schmitt & Imbelloni, 2011).

Parte 2 – Investigação Empírica

6. Metodologia

O presente capítulo tem como objetivo primordial apresentar a metodologia utilizada na presente investigação empírica. Deste modo, serão apresentadas as questões de partida e os respetivos objetivos de estudo, o desenho de investigação, os problemas e as hipóteses de investigação formuladas, os participantes, os instrumentos utilizados e, finalmente, os procedimentos de recolha e análise de dados.

6.1. Questão de partida e objetivos de estudo

O retardar da total independência das figuras parentais e o adiamento da conjugalidade e da parentalidade levaram a que o processo de passagem da adolescência para a adultez se prolongasse e, conseqüentemente, surgiram tarefas específicas características de uma nova fase- a Adultez Emergente (Mendão, 2015).

Na entrada da adultez emergente, o jovem encontra-se preparado para dar continuidade à exploração e à experimentação sexual, iniciadas na adolescência (Mosher, Chandra & Jones, 2005 citado em Mendão, 2015), o que faz com que se observe um crescente interesse face às atitudes e comportamentos sexuais, que demonstram ser cada vez mais liberais e permissivas. Segundo Paul (2006 citado em Mendão, 2015) a fase da adultez emergente é o período do ciclo de vida em que o sexo ocasional pode ser visto como um comportamento normativo.

Deste modo, torna-se pertinente investigar de que forma o adulto emergente vivencia as relações íntimas, que constituem “um dos principais critérios de «saúde mental»” (Alferes, 2010, p.150).

Neste âmbito, para além da importância da sexualidade na vida do indivíduo, torna-se igualmente pertinente perceber a importância das dinâmicas relacionais para o desenvolvimento psicosexual do adulto emergente.

O conceito de “adulto emergente” tem vindo a ganhar destaque, potenciando discussões centradas nos fatores externos e internos que visam a entrada na idade adulta (Mota & Rocha, 2012). Não obstante, a sexualidade e as relações amorosas assumem elevada relevância no processo de desenvolvimento e crescimento pessoal, bem como a respetiva formação identitária.

Assim sendo, neste estudo adotou-se a seguinte questão de partida: **Qual o significado das experiências sexuais e amorosas vividas pelo adulto emergente e qual a sua importância no processo de desenvolvimento psicosexual?**

Neste sentido, com o objetivo de dar resposta à questão de partida formulada, e partindo do seguinte objetivo geral que consiste em **compreender as relações entre experiências, atitudes e emoções no desenvolvimento psicosexual e afetivo/amoroso do adulto emergente**, delineararam-se os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar as relações entre a representação do amor, orientação sexual, atitudes sexuais e vinculação ao par amoroso e às figuras parentais no adulto emergente, identificando as diferenças entre géneros;
2. Comparar as atitudes sexuais no adulto emergente, identificando as diferenças entre géneros;
3. Descrever e interpretar acontecimentos de vida psicosexuais segundo as construções autonarrativas do adulto emergente;
4. Analisar as ideologias sexuais e afetivas que configuram as atitudes sexuais e as autonarrativas de índole romântica e psicosexual.

6.2. Desenho e métodos de investigação

Na presente investigação, utilizou-se uma metodologia mista (métodos quantitativos e métodos qualitativos), visto que este tipo de metodologia permite simultaneamente algum nível de comparação de grupos com generalização dos resultados e uma compreensão da singularidade dos fenómenos psicológicos (Hanson, Creswell, Clark, Petska & Creswell, 2005; Creswell & Clark, 2011; Creswell, 2014).

Neste seguimento, o presente estudo contemplou duas fases em simultâneo recorrendo a um “*design* misto paralelo” (Creswell & Clark, 2011, pp. 69), consistindo numa recolha qualitativa (com entrevistas semi-estruturadas sobre acontecimentos de vida psicosexuais) e quantitativa (com administração de questionários).

Na análise das entrevistas realizadas, recorreu-se à perspetiva fenomenológica e hermenêutica, através da qual é possível a compreensão da semântica narrativa da ação e das descrições subjetivas das vivências. Partindo desta perspetiva, analisa-se o discurso tomando em consideração o contexto histórico e cultural, neste caso relativo à temática do

amor e da sexualidade no adulto emergente, que engloba os indivíduos, descrevendo as experiências e as interpretações subjetivas dos mesmos, tendo em conta as estruturas simbólicas subjacentes a estas experiências (Silva, 2010; Moura, Silva, Souza, & Del Pino, 2012).

A narrativa assume extrema importância, visto que compreende a experiência humana contemplando o processo de construção de significado dos indivíduos. Esta construção encontra-se diretamente relacionada com a cultura (valores, normas e crenças partilhadas) em que os indivíduos se inserem (Day & Jesus, 2013). É através da análise narrativa que se obtém acesso à construção da identidade pessoal sob a perspetiva da configuração de um personagem, onde se combina unidade e multiplicidade, isto é, uma unidade dramática com multiplicidade dialógica, devido à polifonia ideológica que se cruza no seu discurso e que revela a sua verdadeira subjetividade (Jesus, 2010).

A posterior análise de conteúdo pressupõe a análise do material discursivo que vai permitir uma compreensão das características pertinentes do conteúdo (Bardin, 2013). Estas focam-se nas atitudes dos indivíduos relativamente ao amor e à sexualidade (e.g., “atitude conservadora vs. atitude permissiva”). É igualmente possível analisar as interrupções do discurso, que se constituem como relevantes indicadores de estados emocionais diversos (e.g., repetições de palavras).

Consequentemente, de modo a alcançar os objetivos propostos, realizaram-se análises descritivas de comparação entre grupos (comparar e analisar o amor, a orientação sexual, as atitudes sexuais, a vinculação amorosa) e analíticas transversais (investigar as possíveis relações entre várias variáveis) (Ribeiro, 2010), adotando-se uma metodologia quantitativa, administrando um questionário sociodemográfico e cinco questionários quantitativos.

6.3. Problemas e hipóteses de investigação

Com o objetivo de responder à questão de partida acima apresentada, tendo em consideração todos os objetivos de investigação delineados, formularam-se os seguintes problemas e respetivas hipóteses (se aplicável ao problema descrito).

Problema 1- Será que existem diferenças entre o adulto emergente do sexo feminino e o adulto emergente do sexo masculino ao nível do amor e suas dimensões (intimidade, paixão e compromisso), tendo em conta a perspectiva temporal (passado, presente, futuro)?

O conceito de amor tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo, como consequência da contribuição da psicologia, no que diz respeito aos estudos da atração interpessoal. Mais recentemente, os estudos parecem assentar na ideia comum sobre o amor como um sentimento multidimensional, que pode ser experienciado ao longo de todo o ciclo de vida do indivíduo (Engel, Olson & Patrick, 2002 citado em Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz & Dória, 2009).

Assim, de acordo com Sternberg (1986; 1997; 2013), o amor contempla três dimensões de base: intimidade, paixão e compromisso. O tipo de amor consumado corresponde à forma completa do amor e integra as três dimensões referidas e torna-se, por isso o ideal, embora não seja permanente.

No contexto desta teoria, cada elemento manifesta aspetos diferentes do amor e, embora possam ser vistos como isolados interagem entre si, sendo que uma grande intimidade pode levar a uma grande paixão ou compromisso, como um compromisso pode levar a uma grande intimidade (Sternberg, 1997 citado em Gouveia et al., 2009).

O adulto emergente, encontrando-se numa fase de exploração, poderá vivenciar a ânsia do compromisso, procurando a “pessoa ideal” ou a fase da paixão, procurando relações casuais que lhe permitam expandir a sua motivação pela exploração, baseando-se em vivências e experiências amorosas e sexuais passadas. Aqui a variável sexo torna-se preponderante para explicar o tipo de amor e as suas dimensões, sendo esperado, teoricamente, que o sexo feminino apresente um maior nível de compromisso e um menor nível de paixão e intimidade (Gouveia et al., 2009).

Tendo em consideração a teoria adotada, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H_{1a}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de amor (global) passado do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1b}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de compromisso passado do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1c}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta menor nível de paixão passada do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1d}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta menor nível de intimidade passada do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1e}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de amor (global) presente do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1f}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de compromisso presente do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1g}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta menor nível de paixão presente do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1h}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de intimidade presente do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1i}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de amor (global) futuro do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1j}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de compromisso futuro do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1k}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de paixão futura do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{1l}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta maior nível de intimidade futura do que o adulto emergente do sexo masculino.

Problema 2- Será que existem diferenças ao nível da orientação sexual entre o adulto emergente do sexo masculino e o adulto emergente do sexo feminino?

Atualmente a heterossexualidade mantém a liderança do tipo de orientação sexual assumida (Alferes, 1997; Moe et al., 2011), sendo que a homossexualidade e a bissexualidade ainda são consideradas como não normativas, ou até mesmo como orientações minoritárias (Diamond, 2003; Logle, 2012). Contudo, a orientação sexual é cada vez mais considerada como fluida, não existindo indivíduos unicamente heterossexuais ou homossexuais, mas sim indivíduos que vão construindo e desenvolvendo a sua orientação sexual perante a continuidade das suas experiências amorosas e sexuais. Importa salientar que, comparativamente com o sexo feminino, o sexo masculino continua a assumir uma orientação sexual rígida e essencialmente heterossexual (Diamond, 2009).

A fase de exploração característica da adultez emergente, permite o vivenciar de diferentes experiências também neste contexto, trazendo a dúvida e a incerteza, promovendo experiências únicas e definidoras da orientação sexual, quer para o sexo feminino, quer para o sexo masculino.

No que diz respeito ao adulto emergente, é importante analisar a distinção entre o género feminino e o género masculino de modo a conceptualizar as experiências vivenciadas relacionando-as com a escolha da orientação sexual presente.

Perante o referido anteriormente, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H₂: Espera-se que, de um modo geral, a subamostra feminina demonstre níveis inferiores de heterossexualidade.

Problema 3- Será que existem diferenças ao nível das atitudes sexuais entre o adulto emergente do sexo masculino e o adulto emergente do sexo feminino?

Com o evoluir da sociedade, podemos afirmar que, atualmente, são cada vez mais socialmente aceitáveis as relações sexuais focalizadas no prazer imediato, existindo uma liberalização sexual que conduz os indivíduos a sentirem-se atraídos por relacionamentos com elevados níveis de prazer sexual imediato (Bauman, 2004).

O adulto emergente da atualidade, tal como tem vindo a ser referido, procura cada vez mais relações que promovam a sua individualidade e focalizadas na sua satisfação pessoal.

Neste âmbito, ainda que as mulheres assumam, nas últimas décadas, uma maior abertura relativamente às questões sexuais (Runkel & Runkel, 2011), o sexo masculino continua a permanecer como o mais ativo na procura da novidade sexual, existindo ainda no sexo feminino alguma inflexibilidade relativamente a novas experiências sexuais (Hanns, 2014).

Assim, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H_{3a}: O adulto emergente do sexo masculino apresenta níveis mais elevados de permissividade do que o adulto emergente do sexo feminino.

H_{3b}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta níveis mais elevados de comunhão do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{3c}: O adulto emergente do sexo masculino apresenta níveis mais elevados de atitudes positivas face às práticas sexuais (sexo impessoal) do que o adulto emergente do sexo feminino.

H_{3d}: O adulto emergente do sexo masculino apresenta níveis mais elevados de instrumentalidade do que o adulto emergente do sexo feminino.

Problema 4- Será que existem diferenças ao nível da vinculação amorosa entre o adulto emergente do sexo masculino e o adulto emergente do sexo feminino?

No que diz respeito à vinculação amorosa, vários estudos mostram que indivíduos com estilo de vinculação segura revelam mais abertura à exploração e sentem o parceiro como base de conforto, apresentando maiores níveis de intimidade numa relação amorosa. Indivíduos com estilo de vinculação mais ansioso revelam maior ansiedade de separação e dependência do parceiro e indivíduos com estilo de vinculação evitante tendem a evitar o desenvolvimento de intimidade com o parceiro e revelam pouca confiança no mesmo (Monteoliva & García-Martínez, 2005; Butzer & Campbell, 2008; Stefanou & McCabe, 2012).

O fator confiança diz respeito às percepções do indivíduo em relação ao par amoroso, sendo fornecedor das necessidades se constituem em Porto e Base seguros de vinculação, a forma como o indivíduo reconhece o par amoroso como apoiante, responsivo e confiável. O fator de dependência diz respeito às percepções em relação às necessidades de proximidade, ansiedade de separação e medo da perda do companheiro. O fator evitamento centra-se na percepção da capacidade pessoal para lidar com obstáculos da vida, sem necessitar de recorrer ao par amoroso. A dimensão ambivalência diz respeito à insegurança do indivíduo com o seu par amoroso.

Torna-se igualmente pertinente destacar as diferenças de género, referindo as diferenças ao nível da vinculação amorosa entre o adulto emergente do sexo masculino e o adulto emergente do sexo feminino visto que, espera-se que as raparigas apresentem vinculações mais preocupadas relativamente aos seus namorados, e os rapazes vinculações mais desinvestidas (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan, Shaver & Tobey, 1991; Levy et al., 1998; Scharfe & Bartholomew, 1994).

Assim, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H_{4a}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta níveis mais elevados de confiança do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{4b}: O adulto emergente do sexo feminino apresenta níveis mais elevados de dependência do que o adulto emergente do sexo masculino.

H_{4c}: O adulto emergente do sexo masculino apresenta níveis mais elevados de evitamento do que o adulto emergente do sexo feminino.

H_{4d}: O adulto emergente do sexo masculino apresenta níveis mais elevados de ambivalência do que o adulto emergente do sexo feminino.

Problema 5 – Qual o sistema de interações/associações que interliga amor com as atitudes sexuais e com a vinculação amorosa no adulto emergente do sexo masculino e no adulto emergente do sexo feminino?

A verdadeira experiência do amor é culturalmente mais valorizada e representada pelo conceito de amor consumado, onde estão presentes as três dimensões: intimidade, paixão e compromisso. No entanto, nem sempre é possível experienciar este tipo de amor e, mesmo quando se alcança o ideal romântico, este, com o evoluir do tempo, tornar-se num amor de companheirismo, devido ao decréscimo dos níveis de paixão e ao aumento dos níveis de intimidade e compromisso (Sternberg, 1997; Barry et al., 2008; Perel, 2008; Barry, 2010; Infante & Garcés, 2011).

A adoção de atitudes sexuais mais permissivas pode levar à rotura dos relacionamentos amorosos, visto que promove a desvinculação e a insatisfação já existente, aquando do decréscimo das dimensões do amor pleno (Bagarozzi, 2008; Yucel & Gassanov, 2010).

No que se refere à vinculação, alguns estudos demonstram que indivíduos com estilo de vinculação segura têm maiores níveis de intimidade no relacionamento, comparativamente com indivíduos com estilo de vinculação mais ansioso ou evitante (Monteoliva & García-Martínez, 2005; Butzer & Campbell, 2008; Stefanou & McCabe, 2012). Assim, também, DeWall e colaboradores (2011) referem que indivíduos com um estilo de vinculação mais evitante são tendencialmente menos comprometidos nas suas relações amorosas.

Deste modo, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H_{5a}: A atitude sexual “comunhão” correlaciona-se positivamente com as três dimensões do amor, especialmente o amor enquanto intimidade.

H_{5b}: A dimensão “confiança” da vinculação amorosa correlaciona-se positivamente com as dimensões de intimidade e compromisso no amor.

H_{5c}: A dimensão “evitamento” da vinculação amorosa correlaciona-se negativamente com todas as dimensões do amor e com a atitude de comunhão.

Problema 6 – Qual o sistema de interações/associações que interliga a vinculação ao pai e à mãe e a vinculação amorosa no adulto emergente do sexo masculino e no adulto emergente do sexo feminino?

Vários estudos referem a consistência dos comportamentos de vinculação na relação parental e na relação romântica. Os indivíduos que são seguros no contexto de uma relação romântica possuem uma tendência para manifestar estratégias de coping mais adaptativas perante situações de *stress* e a procurar mais facilmente apoio junto do parceiro amoroso (Collins e Sroufe, 1999 citado em Ávila, Cabral & Matos, 2010). Os indivíduos evitantes tendem a distanciar-se dos seus parceiros românticos em situações de ameaça (Cassidy e Berlin, 1994 citado em Ávila, Cabral & Matos, 2010) e, por fim, os indivíduos preocupados manifestam preocupação relativamente à responsividade e disponibilidade dos seus parceiros em situações dentro do mesmo contexto (Mikulincer e Shaver, 2005 citado em Ávila, Cabral & Matos, 2010).

No mesmo âmbito, diversos estudos demonstram que adolescentes que reportam relações de vinculação, na infância, pontuadas por maiores níveis de segurança possuem maior facilidade em estabelecer relações românticas na jovem adultícia (Collins e Sroufe, 1999). Assim, relativamente ao contexto parental, os jovens adultos associam os comportamentos de vinculação à qualidade das interações estabelecidas com o par amoroso (Sroufe e Collins, 2001; Grossman, Grossman, Winter e Zimmerman, 2002). Aspectos tais como a flexibilidade das práticas parentais, a coesão familiar e uma parceria estável entre os jovens e os seus pais parecem relacionar-se com uma maior facilidade no estabelecimento de uma ligação emocional e satisfação pessoais percebidos no contexto amoroso (Seiffge-Krenke, Shulman e Klessinger, 2001).

Assim, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H_{6a}: A dimensão “qualidade do laço emocional” da vinculação ao pai e à mãe correlaciona-se positivamente com a confiança amorosa.

H_{6c}: A dimensão “inibição da exploração/individualidade” da vinculação ao pai e à mãe correlaciona-se positivamente com o evitamento amoroso.

H_{6d}: A dimensão “ansiedade de separação e dependência” da vinculação ao pai e à mãe correlaciona-se positivamente com a ambivalência amorosa.

Problema 7 – Qual o sistema de interações/associações que interliga as atitudes sexuais com a vinculação amorosa e com a vinculação ao pai e à mãe no adulto emergente do sexo masculino e no adulto emergente do sexo feminino?

Relativamente à relação entre atitudes sexuais e vinculação ao pai e à mãe, vários estudos apontam para uma relação direta entre as suas dimensões. Mikulincer e Shaver (2007) referem que sujeitos seguros estarão mais propensos a utilizar o sexo para atender aos seus desejos sexuais, recorrendo a soluções mutuamente satisfatórias para relacionamentos de longa duração. Os sujeitos inseguros-ambivalentes apresentarão maior complexidade no que diz respeito às atitudes, podendo o sexo ser utilizado para a obtenção de proximidade e intimidade, para satisfazerem as suas necessidades de segurança e amor. Os sujeitos inseguros-evitantes apresentarão uma preferência pelo sexo impessoal, utilizando o sexo para controlar o parceiro amorosos ou para aumentar a autoestima, conseqüentemente não consideram os sentimentos do parceiro, e podem acabar por recair na promiscuidade sexual.

Davis et al. (2004) focaram-se nas motivações sexuais e sugeriram que sujeitos inseguros- ambivalentes e inseguros-evitantes estariam mais propensos a utilizar o sexo de forma coerciva (e.g. evitar o abandono, obter cuidados).

Assim, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H_{7a}: As atitudes sexuais de “permissividade”, “instrumentalidade” e “sexo impessoal” correlacionam-se negativamente com a vinculação amorosa, demonstrando maior intensidade no sexo feminino do que no sexo masculino.

H_{7b}: As atitudes sexuais “permissiva”, “instrumental” e favorável ao “sexo impessoal” correlacionam-se negativamente com a “inibição da exploração e da individualidade” na vinculação aos pais.

H_{7c}: A atitude sexual “comunhão” correlaciona-se positivamente com a “qualidade do laço emocional” na vinculação aos pais.

H_{7d}: A atitude sexual “comunhão” correlaciona-se negativamente com a “ansiedade de separação e dependência” na vinculação aos pais.

Problema 8 - Quais as interpretações/avaliações autonarrativas dos episódios psicosexuais mais marcantes nas histórias de vida dos adultos emergentes do sexo masculino e o adulto emergente do sexo feminino e qual a sua relação com as atitudes sexuais presentes?

Os acontecimentos de vida psicosexuais assumem-se como episódios redefinidores do *self*. As primeiras experiências sexuais e amorosas encontram-se relacionadas com as atitudes sexuais do adulto emergente e, conseqüentemente, irão influenciar a intimidade e as relações amorosas futuras. Assim, episódios negativos ou episódios mais positivos terão relação com as ideologias e com as atitudes sexuais adotadas.

Os indivíduos vão construindo os significados das experiências que vão vivenciando de acordo com a cultura em que se encontram. Deste modo, o contexto sociocultural influencia os indivíduos a manterem uma coerência cognitiva e moral do *self* (Day & Jesus, 2013) e estes vão interpretando a sua sexualidade, criando uma narrativa identitária que demonstra, simultaneamente, plasticidade e continuidade.

As histórias sexuais amorosas do indivíduo são, assim, as suas interpretações dos acontecimentos, interpretações estas repletas de significados do mundo psicossocial. No entanto, podemos referir que, embora ainda exista uma pressão social ao nível das normas sexuais e conjugais, podemos evidenciar uma infinita possibilidade de histórias que podem ser narradas, ainda que com uma ancoragem numa ecologia sociocultural específica com as suas normas, crenças e valores que, na cultura juvenil urbana contemporânea, favorece o hedonismo liberal individualista, opondo-se à cultura ética de matriz judaico-cristã. Através da análise narrativa vai ser possível aceder às diversas vozes dialógicas que se cruzam no discurso do indivíduo e que revelam o seu processo de construção de sentido com diversas

“tensões insolúveis, aliadas a ambivalências e ambiguidades polissémicas” (Jesus, 2010, p. 1732).

Apesar do escasso número de indivíduos entrevistados, é expectável que nas entrevistas realizadas se encontre sistematicamente uma relação íntima entre valores/normas socioculturais e narrações autobiográficas, exprimindo o conflito ideológico entre a ética hedonista e ética do autocontrolo.

6.4. Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por dois grupos: sujeitos do sexo feminino e sujeitos do sexo masculino.

Ambos os grupos foram recrutados tendo em consideração os seguintes critérios de inclusão: idade compreendida entre igual os 18 e os 25 anos.

A amostra do estudo é constituída por 80 indivíduos, dos quais 66 são do sexo feminino (82,5%) e 14 do sexo masculino (17,5 %). A totalidade da amostra corresponde, então, a um N de 80 participantes.

A caracterização da amostra do presente estudo é relativamente extensa, pelo que se irá optar por descrever os resultados mais pertinentes, podendo os restantes dados ser consultados nas Tabelas 1 e 2.

Relativamente ao grupo do sexo feminino, podemos afirmar que grande parte dos participantes são solteiros (71,3%), possuem o 12º ano de escolaridade (10,0%) ou o ensino superior, licenciatura (36,3%) e mestrado (38,8%), assumem-se como católicos (51,2%) e posicionam-se como politicamente de direita (36,3%). Os sujeitos do sexo feminino apresentam uma média de idades de aproximadamente 22 anos ($M=22,42$; $DP=1,87$).

Mencionando especificamente as práticas sexuais, a maioria dos sujeitos do sexo feminino refere praticar carícias sexuais (81,3%), beijo erótico (81,3%), automasturbação (78,8%), masturbação ao companheiro (78,8%), sexo oral dar (78,8%), sexo oral receber (16,3%), sexo genital (77,5%), ménage à trois (1,3%), sadomasoquismo (1,3%) e *dogging* (1,3%), sendo as práticas mais apreciadas a carícia sexual, o beijo erótico e o sexo genital. No que diz respeito ao número de parceiros sexuais, os sujeitos do sexo feminino apresentam médias de 3 parceiros sexuais até ao momento ($M=2,95$; $DP=2,33$), aproximadamente 1 parceiro sexual no último ano ($M=1,14$; $DP=0,62$) e aproximadamente 1 no último mês ($M=0,84$; $DP=0,41$). Destes cerca de 2 eram seus namorados ($M=1,86$; $DP=1,17$).

Relativamente ao grupo do sexo masculino, podemos afirmar que grande parte dos participantes são solteiros (17,5%), possuem o 12º ano de escolaridade (5,0%) ou o ensino superior, licenciatura (5,0%) e mestrado (8,3%), assumem-se como católicos (10,0%) e posicionam-se como politicamente de direita (10,0%). Mencionando especificamente as práticas sexuais, a maioria dos sujeitos do sexo masculino refere praticar carícias sexuais (16,3%), beijo erótico (16,3%), automasturbação (17,5%), masturbação ao companheiro (16,3%), sexo oral dar (16,3%), sexo oral receber (78,8%), sexo genital (16,3%), ménage à trois (1,3%), sadomasoquismo (11,3%) e *dogging* (2,5%). Os sujeitos do sexo masculino apresentam uma média de idades de aproximadamente 22 anos ($M=21,93$; $DP=2,23$). No que diz respeito ao número de parceiros sexuais, os sujeitos do sexo masculino apresentam médias de 4 parceiros sexuais até ao momento ($M=4,36$; $DP=5,21$) e aproximadamente 2 parceiros sexuais no último ano ($M=2,00$; $DP=4,15$).

No que diz respeito à orientação sexual, grande parte da amostra global afirma ser heterossexual (95%), havendo uma percentagem (2,5%) homossexual e uma percentagem (2,5%) bissexual.

Tendo em consideração que um dos objetivos de estudo eram comparar diferenças entre géneros e visto que foram formuladas hipóteses de investigação neste âmbito, considerou-se crucial verificar se existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito aos dados sociodemográficos entre o grupo feminino e o grupo masculino. Para o efeito, para as estatísticas de frequência utilizou-se o Teste qui-quadrado e o *Fisher's Exact Test*. Relativamente às estatísticas descritivas, utilizou-se o Teste t para amostras independentes quando as variáveis revelavam normalidade e o teste Mann-Whitney quando as variáveis não revelavam normalidade.

Ao nível das estatísticas de frequência foram encontradas algumas diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino. Neste sentido, considerou-se relevante destacar as seguintes diferenças obtidas (Tabela 1).

No que diz respeito ao estado civil, não se evidenciaram diferenças significativas, sendo que tanto o grupo feminino como o grupo masculino são maioritariamente solteiros. Relativamente às habilitações académicas verificou-se que os homens apresentam menos habilitações académicas do que as mulheres. Ao nível das categorias profissionais, foram encontradas diferenças, sendo que as mulheres assumem mais cargos científicos. Ao nível da orientação sexual, não foram encontradas diferenças significativas entre AE.F e AE.M,

assumindo-se como mais heterossexuais. Para finalizar, foram encontradas diferenças entre AE.F e AE.M ao nível das práticas sexuais, sendo que os AE.F apresentaram mais práticas ao nível da carícia sexual, beijo erótico, sexo genital e masturbação ao companheiro.

TABELA 1. ESTATÍSTICAS DE FREQUÊNCIA DA CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA E PSICOSEXUAL DA AMOSTRA

		Amostra Global						χ^2
		AE (n=80;100,0%)		AE.F (n=66;82,5%)		AE.M (n=14;17,5%)		
		n	%	n	%	n	%	
Estado civil	Solteiro/a	71	88,8	57	71,3	14	17,5	1,345
	Casado/a	2	2,5	2	2,5	0	0,0	
	União de facto	7	8,8	7	8,8	0	0,0	
Habilitações Académicas	9º Ano (3ºciclo)	4	5,0	3	3,8	1	1,3	3,266
	12º Ano (Ensino Secundário)	12	15,0	8	10,0	4	5,0	
	Licenciatura	33	41,3	29	36,3	4	5,0	
	Mestrado	31	38,8	26	38,8	5	8,3	
Área científica	Humanidades	5	6,3	4	5,0	1	1,3	5,092
	Ciências Sociais	33	55,0	30	37,5	3	3,8	
	Ciências Exatas	6	7,5	6	7,5	0	0,0	
	Ciências Naturais	2	2,5	2	2,5	0	0,0	
	Ciências da Saúde	5	6,3	4	5,0	1	1,3	
	Tecnologias	6	7,5	4	5,0	2	2,5	
	Direito	3	3,8	3	3,8	0	0,0	
Situação Profissional	Estudante	42	52,5	34	42,5	8	10,0	,268
	Estagiário	7	8,8	6	7,5	1	1,3	
	Trabalhador ativo	24	30,0	20	25,0	4	5,0	
	Desempregado	7	8,8	6	7,5	1	1,3	
Habilitações Académicas do Pai	4º Ano	10	12,5	8	10,0	2	2,5	5,156
	6º Ano (2ºciclo)	11	13,7	11	13,7	0	0,0	
	9º Ano (3ºciclo)	20	25,0	19	23,7	1	1,3	
	12º Ano (Ensino Secundário)	16	2,0	12	1,5	4	5,0	
	Ensino Superior	7	8,8	6	7,5	1	1,3	
Área científica do Pai	Humanidades	3	3,8	2	2,5	1	1,3	4,929
	Ciências Sociais	1	1,3	1	1,3	0	0,0	
	Ciências Exatas	3	3,8	13	16,2	0	0,0	
	Ciências Naturais	1	1,3	0	0,0	1	1,3	
	Ciências da Saúde	1	1,3	1	1,3	0	0,0	
	Tecnologias	5	6,3	4	5,0	1	1,3	
Habilitações Académicas da Mãe	4º Ano	17	21,3	14	17,5	3	3,8	2,156
	6º Ano (2ºciclo)	13	16,2	11	13,8	2	2,5	
	9º Ano (3ºciclo)	10	12,5	9	11,3	1	1,3	
	12º Ano (Ensino Secundário)	16	2,0	15	18,8	1	1,3	
	Ensino Superior	8	10,0	8	10,0	0	0,0	
Área científica da Mãe	Humanidades	6	7,5	6	7,5	0	0,0	8,831**
	Ciências Sociais	3	3,8	3	3,8	0	0,0	
	Ciências Exatas	3	3,8	3	3,8	0	0,0	
	Ciências Naturais	1	1,3	1	1,3	0	0,0	
	Tecnologias	1	1,3	0	0,0	1	1,3	
	Direito	1	1,3	1	1,3	0	0,0	

Estado civil dos pais	Solteiro/a	2	2,5	2	2,5	0	0,0	2,166
	Casado/a	56	7,0	46	57,5	10	12,5	
	União de facto	2	2,5	1	1,3	1	1,3	
	Divorciado/a ou separado/a	13	16,2	11	13,8	2	2,5	
	Viúvo	7	8,8	6	7,5	1	1,3	
Religião	Católico	49	61,3	41	51,2	8	10,0	1,987
	Cristão/Não católico	7	8,8	7	8,8	0	0,0	
	Agnóstico/ateu	24	30,0	18	22,5	6	7,5	
Opções políticas	Direita	37	46,3	29	36,3	8	10,0	5,054
	Centro direita	16	20,0	16	20,0	0	0,0	
	Centro esquerda	11	13,8	9	11,3	2	2,5	
	Esquerda	16	20,0	12	15,0	4	5,0	
Orientação sexual	Homossexual	2	2,5	1	50,0	1	1,3	2,054
	Heterossexual	76	95,0	63	78,8	13	16,3	
	Bissexual	2	2,5	2	2,5	0	0,0	
Atual estado amoroso	Apaixonado/a	30	37,5	27	33,8	3	3,8	14,747**
	Comprometido/a	28	35,0	25	31,3	3	3,8	
	Frustrado/a	5	6,3	3	3,8	2	2,5	
	Relação aberta, sem exclusividade sexual	3	3,8	1	1,3	2	2,5	
	Em separação	2	2,5	1	1,3	1	1,3	
	Procura nova relação	5	6,3	2	2,5	3	3,8	
	Amizade colorida	4	5,0	4	5,0	0	0,0	
Estado civil desejado	Casar pela igreja	45	56,3	39	48,8	6	13,3	2,042
	Casar pelo registo civil	11	13,8	9	11,3	2	2,5	
	Viver em União de facto	13	16,2	10	12,5	3	3,8	
	Não tenciona casar	11	13,8	8	10,0	3	3,8	
Experiência de namoro	Nunca namorou	2	2,5	2	2,5	0	0,0	7,898*
	Não namora atualmente	24	30,0	15	18,8	9	11,3	
	Namora atualmente	51	63,8	46	57,5	5	6,3	
Práticas Sexuais	Carícia sexual	78	97,5	65	81,3	13	16,3	1,501
	Beijo erótico	78	97,5	65	81,3	13	16,3	1,501
	Auto masturbação	77	96,3	63	78,8	14	17,5	,661
	Masturbação ao companheiro	76	95,0	63	78,8	13	16,3	,164
	Sexo oral (dar)	76	95,0	63	78,8	13	16,3	,023
	Sexo oral (receber)	75	93,8	13	16,3	63	78,8	,023
	Sexo genital	75	93,8	62	77,5	13	16,3	,023
	Sexo anal (dar)	2	2,5	0	0,0	2	2,5	9,670*
	Sexo anal (receber)	5	6,3	3	3,8	2	2,5	2,151
	Sadomasoquismo	10	12,5	1	1,3	9	11,3	,445
	<i>Ménage à trois</i>	2	2,5	1	1,3	1	1,3	1,501
	<i>Soft Swing</i>	1	1,3	1	1,3	0	0,0	-
	<i>Hard Swing</i>	1	1,3	0	0,0	1	1,3	,215
	Sexo em grupo	1	1,3	0	0,0	1	1,3	,215
	Exibicionismo	5	6,3	0	0,0	5	6,3	1,131
	<i>Dogging</i>	3	3,8	1	1,3	2	2,5	,541

*. Diferença significativa ao nível 0,05. **. Diferença significativa ao nível 0,01.

Ao nível das estatísticas de descritivas foram encontradas algumas diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino. Entre *AE.F* e *AE.M* foram encontradas diferenças ao nível do número de parceiros sexuais, da idade da primeira relação sexual e ao nível da preferência das práticas sexuais. Isto é, *AE.M* apresentaram maior número de parceiros até ao momento e no último ano.

Relativamente à idade da primeira relação sexual, verificou-se que os *AE.M* iniciam mais cedo a vida sexual, tendo a primeira relação sexual por volta dos 16 anos. Nas práticas sexuais, evidencia-se que os *AE.F* demonstram preferência pelo sexo genital, pelo beijo erótico, pela carícia sexual e sexo oral (receber). Neste sentido, considerou-se relevante destacar as seguintes diferenças obtidas (Tabela 2):

TABELA 2. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DA CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA E PSICOSSEXUAL ENTRE *AE.F* E *AE.M*

			Amostra Global				
			<i>AE.F</i>		<i>AE.M</i>		a) t (Teste t) b) z (Mann-Whitney)
			n	Média (DP)	n	Média (DP)	
Caract. Sócio-demográficas e do relacionam. Amoroso	Idade	Idade	66	22,42(1,87)	14	21,93 (2,23)	a) -,869
		Duração (Meses) do relacionamento na 1ª relação sexual com o parceiro	63	4,33(1,94)	14	4,36(1,64)	b) -,181
N.º Parceiros sexuais	Em toda a vida	Em toda a vida	63	2,95(2,33)	14	4,36 (5,21)	b) -,676
		Último ano	63	1,14(,62)	14	2,00 (4,15)	b) -1,621
		Último mês	63	,84(,41)	14	,43 (,51)	b) -3,088
		Quais eram namorados	63	1,86(1,17)	14	2,29(1,68)	b) -,791
Primeira relação sexual	Idade	Idade	66	17,52(1,95)	14	16,93(1,82)	b) -,520
Práticas Sexuais (Avaliação da Preferência [0-5])	Carícia sexual	Carícia sexual	66	1,94(,55)	14	1,92(,27)	b) -,016
		Beijo erótico	66	1,26(,71)	14	1,21(,42)	b) -,424
		Auto masturbação	66	2,99(,79)	14	2,93 (,27)	b) -,136
		Masturbação ao companheiro	66	2,15(,71)	14	1,93 (,27)	b) -1,174
		Sexo oral (dar)	66	2,07(,85)	14	2,07 (,47)	b) -,607
		Sexo oral (receber)	66	1,70(,82)	14	1,50(,28)	b) -,134
		Sexo genital	66	1,27(,79)	14	1,14(,36)	b) -,184
		Sexo anal	66	4,86(,82)	14	5,21 (,42)	b) -1,607*
		Sadomasoquismo	66	5,72(,87)	14	5,85 (,53)	b),000
		Ménage à trois	66	5,28 (,95)	14	5,65 (1,44)	b) -,867
		Soft Swing	66	5,77 (,78)	14	5,92 (,27)	b) -,450
		Hard Swing	66	5,82(,61)	14	5,93 (,27)	b) -,297

Sexo em grupo	66	5,86(,49)	14	5,78(,80)	b) -,014
Exibicionismo	66	4,92(,86)	14	4,93(,27)	b) -,760
<i>Dogging</i>	66	5,73(,77)	14	5,28(1,54)	b) -1,026

*. Diferença significativa ao nível 0,05.

6.5. Instrumentos

A presente investigação é composta por duas partes de recolha de dados, com recurso a métodos quantitativos e qualitativos.

No que se refere ao momento quantitativo de recolha de dados, construiu-se um questionário (online) composto por uma bateria de instrumentos, nomeadamente: dados sociodemográficos; Escala de Amor Triangular de Sternberg (1988), adaptada (com perspetiva temporal); Grelha de Orientação Sexual de Klein (1993), adaptada para a população portuguesa por Pereira, Leal e Maroco (2005); Escala de Atitudes Sexuais (1999); Questionário da Vinculação Amorosa (2001); Questionário da Vinculação ao Pai e à Mãe (2001).

No segundo momento de recolha de dados (qualitativo), utilizou-se a entrevista de narrativa psicosssexual (adaptada) de Jesus (2010).

6.5.1. Questionário Sociodemográfico

Com o objetivo de caracterizar os participantes desta investigação, quer ao nível do relacionamento amoroso, quer a nível de questões sociodemográficas, construiu-se um questionário sociodemográfico. Este englobava questões relacionadas com sexo, data de nascimento, habilitações académicas, política, orientação sexual, religião, profissão dos pais, nacionalidade e questões relacionadas com o amor e a sexualidade: (e.g.: “Há quanto tempo durava a relação quando ocorreu um envolvimento amoroso ou sexual com outra pessoa pela primeira vez?”).

6.5.2. Escala do Amor Triangular de Sternberg (EATS)

A Escala do Amor Triangular de Sternberg (1988; 1997) propõe avaliar a relação amorosa de acordo com três dimensões: intimidade, paixão e compromisso. Este instrumento é composto por 45 itens com uma escala de resposta compreendida entre 1 (Discordo Totalmente) e 9 (Concordo Totalmente). Cada dimensão da escala é equitativamente avaliada através de 15 itens.

Na presente investigação foi possível também avaliar estas componentes segundo uma perspetiva temporal, sendo cada escala subdividida em outras 3 (passado, presente e futuro).

Assim, a dimensão *intimidade* avalia a forma como os sujeitos se sentem próximos, conectados, vinculados num relacionamento amoroso; a dimensão *paixão* analisa a atração física e sexual, a excitação e o desejo de romance e a dimensão *compromisso* encontra-se associada à certeza de amar e ser amado, à vontade de permanecer no relacionamento amoroso a longo prazo, sendo que quanto mais elevada for a pontuação em cada dimensão, mais o indivíduo experiencia a dimensão respetiva.

O instrumento original demonstra boas capacidades psicométricas, designadamente um *alpha de cronbach* (α) de 0,95.

Nesta investigação a Escala do Amor Triangular de Sternberg obteve um α de 0,92 para a escala total, um α de 0,92 para a dimensão *intimidade*, um α de 0,91 para a dimensão *paixão* e um α de 0,92 para a dimensão *compromisso*.

6.5.3. Grelha de Orientação Sexual de Klein (GOSK)

A Grelha de Orientação Sexual de Klein é um instrumento que nos permite descrever a orientação sexual dos indivíduos de forma informativa e detalhada. Foi desenvolvida por Klein (1993) e adaptada para a população portuguesa por Pereira, Leal e Maroco (2005), referindo que, para cada sujeito, existem sete variáveis constituintes da orientação sexual (a atração sexual, o comportamento sexual, as fantasias sexuais, a preferência emocional, a preferência social, o estilo de vida homo ou heterossexual e a autoidentificação). O instrumento é composto por 21 itens, que avaliam a orientação sexual no passado, presente e futuro, e a escala de resposta compreende 7 pontos que variam de “Apenas homossexual” a “Apenas heterossexual”.

No total, este instrumento possui um α de 0,94, demonstrando uma elevada consistência interna. Para esta investigação obteve-se para a GOSK um α de 0,85 na escala total, um α de 0,77 na dimensão orientação sexual presente, um α de 0,78 na dimensão orientação passada, um α de 0,77 na dimensão orientação ideal, um α de 0,93 na dimensão preferência social e um α de 0,80 na dimensão estilo de vida.

6.5.4. Escala de Atitudes Sexuais (EAS)

A Escala de Atitudes Sexuais (EAS) foi criada por Hendrick e Hendrick (1987), sendo uma escala do tipo somativo (*Likert scale*), constituída por 43 itens, com o objetivo de compreender as relações entre sexualidade e amor e de estudar o duplo padrão sexual. Originalmente a EAS apresentava 4 subescalas relacionadas com quatro dimensões (permissividade sexual; práticas sexuais; comunhão e instrumentalidade).

Assim, Alferes (1999) adaptou a referida escala para a população portuguesa, sendo esta versão constituída por 43 itens, distribuídos por quatro dimensões: permissividade, comunhão, instrumentalidade e práticas sexuais. A dimensão permissividade é composta por 21 itens e analisa as atitudes face ao sexo ocasional ou sem compromisso e a diversidade relativamente à simultaneidade de parceiros sexuais; a dimensão comunhão é constituída por 9 itens e está associada às atitudes relativamente ao sexo como experiência plena de intimidade física e psicológica; a dimensão instrumentalidade é composta por 6 itens e refere-se essencialmente ao sexo como prazer físico e, por fim, a dimensão práticas sexuais é constituída por 7 itens que estudam as atitudes face ao sexo como bem material, caracterizada pelo sexo impessoal.

Os itens da EAS são cotados de acordo com uma escala de resposta ordinal de 5 pontos, compreendida entre “Completamente em desacordo” e “Totalmente de acordo”. Este apresenta um α de 0,83 (boa validade interna). Na presente investigação, o α obtido na EAS foi 0,76 na escala total, um α de 0,73 na dimensão permissividade, um α de 0,71 na dimensão comunhão, um α de 0,64 na dimensão práticas sexuais e um α de 0,73 na dimensão instrumentalidade.

6.5.5. Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)

Originalmente desenvolvido por Matos e Costa (2001), o Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) tem como objetivo primordial avaliar a relação amorosa numa perspetiva de vinculação, segundo bases teóricas desenvolvidas por Bowlby, Ainsworth e Bartholomew. É composto por 52 itens, distribuídos por 4 dimensões: confiança no companheiro enquanto figura de vinculação, dependência, evitamento e ambivalência. As respostas são atribuídas de acordo com uma escala do tipo somativo (*Likert scale*) compreendida entre 1 (Discordo totalmente) e 6 (Concordo totalmente).

A dimensão confiança é constituída por 12 itens avaliativos das percepções do sujeito relativamente à sensibilidade do companheiro para satisfazer as suas necessidades, podendo este ser percecionado como fonte de conforto e segurança, incentivos à exploração; a dimensão dependência é constituída por 12 itens e avalia a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda; a dimensão evitamento é constituída por 13 itens que revelam o papel secundário do companheiro ao nível das necessidades de vinculação e a focalização do sujeito em si próprio e nas capacidades que possui para a resolução de problemas e, por fim, a dimensão ambivalência avalia a insegurança sentida pelo indivíduo no que se refere à irritabilidade perante situações imprevisíveis, bem como perante as dúvidas quanto ao papel que desempenha no relacionamento e às suas emoções face ao par amoroso (Matos, Barbosa, & Costa, 2001).

O referido instrumento apresenta alphas de cronbach: 0,90 na dimensão confiança; 0,88 na dimensão dependência; 0,87 na dimensão evitamento; e 0,75 na dimensão ambivalência. Nesta investigação o QVA obteve um α de 0,91 na dimensão confiança, um α de 0,87 na dimensão dependência, um α de 0,90 na dimensão evitamento e um α de 0,91 na dimensão ambivalência.

6.5.6. *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001) é um questionário de autorrelato construído para medir as percepções dos jovens adultos das relações de vinculação parental. É composto por 30 itens que se dividem em três subescalas, sendo elas a Inibição da Exploração e Individualidade (10 itens), a Qualidade do Laço Emocional (10 itens) e Ansiedade de Separação (10 itens). A resposta é dada numa escala de 6 pontos desde o discordo totalmente até ao concordo totalmente. Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento, este tem revelado índices adequados de consistência interna para as três dimensões, nomeadamente no que diz respeito à faixa etária da jovem adultícia. Neste estudo, foram encontrados os seguintes índices de consistência interna nas três dimensões, para a versão do pai e da mãe: Inibição da Exploração e Individualidade ($\alpha=0,30$ e $\alpha=0,32$), Qualidade do Laço Emocional ($\alpha=0,44$ e $\alpha=0,55$) e Ansiedade de Separação e Dependência ($\alpha=0,24$ e $\alpha=0,23$).

6.5.7. Entrevista Narrativa Psicosexual para Jovens Adultos (Adaptada)

A entrevista utilizada (cf. Anexo 1) corresponde a uma adaptação da entrevista narrativa psicosexual de Jesus (2010c), constituída por um conjunto de questões relativas aos acontecimentos de vida mais marcantes assim como às ideologias e valores afetivos e sexuais gerais, onde se pretende compreender o desenvolvimento amoroso e sexual do indivíduo, segundo a sua própria interpretação autonarrativa.

6.6. Procedimentos de recolha e análise de dados

Como referido anteriormente, a presente investigação contemplou dois momentos de recolha de dados, em simultâneo.

No primeiro momento (secção quantitativa), os dados foram recolhidos com recurso a instrumentos de avaliação. Neste âmbito, foram, em primeiro lugar, tidas em consideração as recomendações éticas e legais relativamente à utilização dos instrumentos, sendo solicitadas aos autores as autorizações para fins de investigação.

No segundo momento (secção qualitativa) procedeu-se à concretização de uma entrevista psicosexual. Esta fração qualitativa foi levada a cabo com 4 indivíduos, sendo dois deles do sexo feminino e os outros dois do sexo masculino. As entrevistas foram realizadas separadamente, gravadas em formato áudio, transcritas e analisadas com recurso a uma combinação da análise narrativa com análise de conteúdo, possível através da adoção de uma abordagem fenomenológica hermenêutica.

Relativamente à primeira parte do estudo (recolha quantitativa), no processo de recolha de dados todos os participantes foram informados dos objetivos e métodos de investigação, no sentido de obter o respetivo consentimento informado (c.f. Anexo 2). O processo de recolha de dados foi realizado com recurso a um servidor de pesquisas *online*, o *SurveyMonkey*.

Após a recolha dos dados, procedeu-se à respetiva introdução numa base de dados criada para o efeito no programa estatístico *Statistical Package for the Social Science (SPSS)*, versão 21.0, que executou o tratamento dos mesmos. Neste âmbito, foram realizadas análises de comparação de grupos e análises correlacionais. As decisões relativas à utilização de testes paramétricos ou não paramétricos foram baseadas nos estudos da normalidade das amostras (diferentes grupos) com recurso ao procedimento estatístico *Kolmogorov-*

Smirnov, tendo-se adotado testes paramétricos quando as variáveis apresentavam uma distribuição aproximadamente normal (valores de $p \geq 0,2$).

Neste sentido, relativamente aos testes de diferenças de grupos para variáveis nominais recorreu-se ao teste estatístico qui-quadrado e ao Fisher`s Exact Test, e para variáveis de escala que revelaram normalidade recorreu-se ao teste t para amostras independentes (paramétrico) e para variáveis de escala que não revelaram normalidade recorreu-se ao teste *Mann-Whitney* para amostras independentes (não paramétrico).

Quanto aos estudos correlacionais, dado a existência de variáveis paramétricas e não paramétricas, e considerando-se pertinente a uniformização deste procedimento, optou-se pelo teste estatístico de coeficiente de correlação de *Spearman* (não paramétrico). Para todas as análises comparativas e de correlação efetuadas, foi tido em consideração um nível de significância a 95% ($p < 0,05$).

7. Resultados

O presente capítulo destina-se à apresentação dos resultados do estudo realizado.

Numa primeira parte, são apresentados os dados referentes ao questionário desenvolvido, com os resultados dos estudos quantitativos, onde inicialmente se expõem os dados descritivos, de seguida se apresentam os dados relativos às diferenças entre os grupos e posteriormente os dados referentes às correlações efetuadas através da aplicação da bateria de instrumentos. Na segunda parte deste capítulo são apresentados os resultados do estudo qualitativo das entrevistas psicosexuais levadas a cabo com adultos emergentes.

7.1. Resultados quantitativos

7.1.1. Comparação de grupos segundo o género

Relativamente aos valores do amor triangular (Tabela 3) foi possível verificar que o sexo feminino apresenta médias de 110 pontos ao nível da intimidade passada, 114 pontos ao nível da intimidade presente, 120 pontos ao nível da intimidade futura, de 97 pontos ao nível da paixão passada, 101 pontos ao nível da paixão presente, 110 ao nível da paixão futura e de 113 pontos ao nível do compromisso passado, 117 pontos ao nível do compromisso presente e 120 pontos ao nível do compromisso futuro, o que significa que se encontram acima da média em todas as dimensões do amor (de acordo com os valores padronizados de Sternberg, 1988). No que diz respeito à variável global o sexo feminino apresenta uma média de 334 pontos (média do passado, presente e futuro) revelando níveis de amor elevados.

Por outro lado, o sexo masculino apresenta valores médios de 101 pontos ao nível da intimidade passada, 111 pontos ao nível da intimidade presente, 113 pontos ao nível da intimidade futura, de 93 pontos ao nível da paixão passada, 104 pontos ao nível da paixão presente, 108 ao nível da paixão futura e de 106 pontos ao nível do compromisso passado, 118 pontos ao nível do compromisso presente e 122 pontos ao nível do compromisso futuro, o que significa que se encontram na média em todas as dimensões do amor. Quanto à variável do amor global, o sexo masculino apresenta uma média de 325 pontos (média do passado, presente e futuro), revelando níveis de amor médios.

O valor máximo em cada dimensão seria de 135 e, na escala geral, de 405 pontos.

Para analisar as diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino no que se refere às variáveis do amor triangular optou-se pela utilização de dois testes distintos: o Teste *t* e o

Teste *Mann-Whitney* (Tabela 3). O teste estatístico Teste *t* (amostras independentes) foi utilizado para as variáveis que apresentavam uma distribuição considerada normal e o Teste *Mann-Whitney* mostrou-se mais adequado para as variáveis que não apresentavam distribuição normal.

Com esta análise foi possível verificar diferenças estatisticamente significativas, tendo o sexo feminino apresentado valores mais elevados de intimidade (passado, presente e futuro) ($p < ,01$), paixão (passado e futuro), compromisso (passado) ($p < ,05$) e amor global (passado, presente e futuro) ($p < ,01$), quando comparados com o sexo masculino.

TABELA 3. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS RELATIVAMENTE AO AMOR ENTRE AE.M E AE.F

Amostra	Grupo	Estatísticas	Escala do Amor Triangular de Sternberg (perspetiva temporal)			
			Intimidade Passado	Paixão Passado	Compromisso Passado	Amor (Global) Passado
AE (n=80)	M (n=14)	Média (DP)	101,14 (19,06)	93,25 (18,72)	106,57 (19,20)	300,96 (54,75)
	F (n=66)	Média (DP)	110,48 (20,01)	97,14 (17,47)	112,74 (21,01)	320,37 (56,12)
		t (Teste t)	-1,599**	-,748	-1,012*	-1,180**
			Intimidade Presente	Paixão Presente	Compromisso Presente	Amor (Global) Presente
	M (n=14)	Média (DP)	111,07 (18,02)	104,03 (16,61)	118,14 (14,71)	333,13 (68,28)
	F (n=66)	Média (DP)	114,50 (25,37)	101,78 (20,96)	116,85 (23,12)	333,25 (47,12)
		z (Mann-Whitney)	-1,926**	,378	-,896	-1,045
			Intimidade Futuro	Paixão Futuro	Compromisso Futuro	Amor (Global) Futuro
	M (n=14)	Média (DP)	113,36 (18,66)	108,36 (15,46)	121,86 (14,28)	343,57 (46,84)
	F (n=66)	Média (DP)	120,29 (24,32)	109,80 (21,33)	120,14 (24,10)	350,23 (68,93)
		z (Mann-Whitney)	-1,004**	-,990	-,420	-1,498**

*. Diferença significativa ao nível 0,05. **. Diferença significativa ao nível 0,01. M. Masculino. F. Feminino.

Relativamente aos valores da orientação sexual (Tabela 4) foi possível verificar que os *AE.M* apresentaram médias de aproximadamente 7 pontos ao nível da orientação ideal, orientação passada, orientação presente e estilo de vida, o que significa que se consideram como “maioritariamente heterossexuais” nestas dimensões. Ao nível da dimensão da preferência social, os *AE.M* apresentaram uma média de 6 pontos, revelando que se assumem como “algo mais heterossexuais” nesta dimensão. Os *AE.F* apresentaram médias de aproximadamente 6 pontos ao nível da orientação ideal, orientação passada, orientação

presente e estilo de vida, o que significa que se consideram como “apenas heterossexuais” nestas dimensões. No que concerne à variável da preferência social, os *AE.F* apresentaram uma média de aproximadamente 5 pontos, revelando uma maior fluidez ao nível da orientação sexual comparativamente com os *AE.M*.

Para analisar as diferenças entre os *AE.M* e os *AE.F* no que diz respeito às variáveis da orientação sexual optou-se pelo teste estatístico *Mann-Whitney* para amostras independentes (Tabela 4), visto que a maior parte das variáveis não apresentavam uma distribuição aproximadamente normal.

Após o teste da normalidade, foi utilizado o teste estatístico *Mann-Whitney* para amostras independentes, tendo em conta que as variáveis não apresentaram uma distribuição aproximadamente normal (Tabela 4). Neste sentido, foi possível apenas verificar diferenças estatisticamente significativas na dimensão preferência social ($p < ,05$), sendo que os *AE.M* apresentam uma orientação mais heterossexual nesta variável, comparativamente com os *AE.F*.

TABELA 4. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS RELATIVAMENTE À ORIENTAÇÃO SEXUAL ENTRE *AE.M* E *AE.F*

Amostra	Grupo	Estatísticas	Grelha de Orientação Sexual de Klein				Estilo de Vida
			Orientação Ideal	Orientação Passada	Orientação Presente	Preferência Social	
<i>AE</i> (<i>n</i> =80)	<i>M</i> (<i>n</i> =14)	Média (DP)	6,57(,51)	6,57(,51)	6,57 (,51)	6,05(,80)	6,57(,51)
	<i>F</i> (<i>n</i> =66)	Média (DP)	6,54(,92)	6,62(,85)	6,62(,85)	5,65(1,06)	6,35(,93)
		<i>z</i> (Mann-Whitney)	,511	,482	,469	,153*	,628

*. Diferença significativa ao nível 0,05. M. Masculino. F. Feminino.

Relativamente aos valores das atitudes sexuais (Tabela 5) foi possível verificar que os *AE.M* apresentaram valores mais elevados na dimensão práticas sexuais ($M=3,27$), na dimensão permissividade ($M=3,27$) e na dimensão instrumentalidade ($M=3,55$), enquanto os *AE.F* apresentaram valores mais elevados na dimensão comunhão ($M=3,35$) mas mais baixos na dimensão permissividade ($M=3,14$), na dimensão práticas sexuais ($M=3,14$) e na dimensão instrumentalidade ($M=3,51$).

Para analisar as diferenças entre os *AE.M* e os *AE.F* no que diz respeito às variáveis das atitudes sexuais optou-se pelo teste estatístico *Mann-Whitney* para amostras independentes (Tabela 5), para as variáveis que não apresentavam uma distribuição aproximadamente normal (dimensões comunhão e práticas sexuais) e o Teste *t* para amostras independentes

para as variáveis que apresentaram uma distribuição aproximadamente normal (dimensões permissividade e instrumentalidade).

Neste sentido, foi possível verificar diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos *AE.M* e *AE.F*, tendo o grupo *AE.M* apresentado valores mais elevados nas variáveis permissividade, práticas sexuais e instrumentalidade, comparativamente com o grupo *AE.F* ($p < ,01$).

TABELA 5. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS RELATIVAMENTE ÀS ATITUDES SEXUAIS ENTRE *AE.M* E *AE.F*

Amostra	Grupo	Estatísticas	Escala de Atitudes Sexuais			
			Permissividade	Comunhão	Práticas Sexuais	Instrumentalidade
<i>AE</i> (<i>n</i> =80)	<i>M</i> (<i>n</i> =14)	Média (DP)	3,27 (,45)	3,13(,60)	3,38 (,46)	3,55 (,57)
	<i>F</i> (<i>n</i> =66)	Média (DP)	3,14 (,46)	3,35 (,41)	3,32 (,41)	3,51 (,57)
		<i>t</i> (Teste T)	-,917**	-	-	-,246**
		<i>z</i> (Mann-Whitney)	-	-,830	-,726**	-

***. Diferença significativa ao nível 0,01. M. Masculino. F. Feminino.*

Relativamente aos valores da vinculação amorosa (Tabela 6) verificou-se que a dimensão confiança foi mais pontuada pelos *AE.F* ($M=51,58$), comparativamente aos *AE.M* ($M=50,82$). A dimensão dependência foi mais pontuada pelos *AE.M* ($M=43,71$), tal como a dimensão evitamento *AE.M* ($M=32,71$). Por fim, a dimensão ambivalência foi mais pontuada pelos *AE.F* ($M=35,34$).

Para analisar as diferenças entre os *AE.F* e os *AE.M* no que diz respeito às variáveis da vinculação amorosa optou-se pelo Teste *t* para amostras independentes (Tabela 6), para as variáveis que apresentavam uma distribuição aproximadamente normal.

Neste sentido, foi possível verificar diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos *AE.M* e *AE.F*, tendo o grupo *AE.M* apresentado valores mais elevados nas variáveis evitamento ($p < ,01$) e ambivalência ($p < ,05$), comparativamente com o grupo *AE.F*.

TABELA 6. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS RELATIVAMENTE À VINCULAÇÃO AMOROSA ENTRE *AE.M* E *AE.F*

Amostra	Grupo	Estatísticas	Questionário de Vinculação Amorosa			
			Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
<i>AE</i> (<i>n</i> =80)	<i>M</i> (<i>n</i> =14)	Média (DP)	50,82 (4,85)	41,32 (9,81)	32,71 (7,96)	35,84 (11,79)
	<i>F</i> (<i>n</i> =66)	Média (DP)	51,58 (3,99)	43,71 (14,09)	31,09 (7,54)	34,46 (9,88)
		<i>t</i> (Teste T)	-,625	-,270	,725**	-,407*

*. Diferença significativa ao nível 0,05. ***. Diferença significativa ao nível 0,01. M. Masculino. F. Feminino.*

Relativamente aos valores da vinculação ao pai e à mãe (Tabela 7) verificou-se, para a vinculação ao pai, que a dimensão qualidade do laço emocional (pai) foi mais pontuada pelos *AE.F* ($M=2,92$), a dimensão inibição da exploração/ individualidade (pai) foi mais pontuada pelos *AE.F* ($M=3,57$) e a dimensão ansiedade de separação e dependência (pai) foi mais pontuada pelos *AE.F* ($M=2,79$). No que se refere à vinculação à mãe, verificou-se que a dimensão qualidade do laço emocional (mãe) foi mais pontuada pelos *AE.F* ($M=3,00$), a dimensão inibição da exploração/ individualidade (mãe) foi mais pontuada pelos *AE.M* ($M=4,25$) e a dimensão ansiedade de separação e dependência (mãe) foi mais pontuada pelos *AE.M* ($M=2,97$). Para analisar as diferenças entre os *AE.F* e os *AE.M* no que diz respeito às variáveis da vinculação ao pai e à mãe optou-se pelo teste estatístico *Mann-Whitney* para amostras independentes (Tabela 7), para as variáveis que não apresentavam uma distribuição aproximadamente normal.

Neste sentido, foi possível verificar diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos *AE.M* e *AE.F*, tendo o grupo *AE.M* apresentado valores mais elevados nas variáveis inibição da exploração/individualidade à mãe ($p <,01$) e mais baixos na inibição da exploração/individualidade ao pai ($p <,05$) e na ansiedade de separação e dependência ao pai ($p <,05$), comparativamente com o grupo *AE.F*.

TABELA 7. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS RELATIVAMENTE À VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE ENTRE *AE.M* E *AE.F*

Amostra	Grupo	Estatísticas	Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe		
			Qualidade do Laço Emocional (Pai)	Inibição da Exploração/ Individualidade (Pai)	Ansiedade de Separação e Dependência (Pai)
<i>AE</i> ($n=80$)	<i>M</i> ($n=14$)	Média (DP)	2,80(,32)	3,51(,58)	2,68(,46)
	<i>F</i> ($n=66$)	Média (DP)	2,92(,28)	3,57(,54)	2,79(,33)
		<i>z</i> (<i>Mann-Whitney</i>)	,233	,989*	,961*
			Qualidade do Laço Emocional (Mãe)	Inibição da Exploração/ Individualidade (Mãe)	Ansiedade de Separação e Dependência (Mãe)
<i>AE</i> ($n=80$)	<i>M</i> ($n=14$)	Média (DP)	2,99(,33)	4,25(,25)	2,97(,27)
	<i>F</i> ($n=66$)	Média (DP)	3,00(,27)	4,10(,48)	2,95(,25)
		<i>z</i> (<i>Mann-Whitney</i>)	,829	,360**	,708

*. Diferença significativa ao nível 0,05. **. Diferença significativa ao nível 0,01.

7.1.2. Correlações entre variáveis

Após a análise das diferenças de grupos, segue-se a apresentação dos estudos correlacionais efetuados.

Neste sentido, começou-se por analisar as correlações entre as variáveis do amor, atitudes sexuais e vinculação amorosa (Tabela 8).

Devido ao facto de a maioria das variáveis não apresentarem uma distribuição aproximadamente normal optou-se por estatísticas não paramétricas, utilizando-se para o efeito o teste de correlação de *Spearman*.

No que diz respeito ao estudo de correlação entre as dimensões de amor e as atitudes sexuais, nos *AE.F* foi possível verificar que a dimensão intimidade passada correlacionou-se positivamente com as práticas sexuais ($p <,05$). A dimensão paixão passada correlaciona-se positivamente com as práticas sexuais ($p <,01$) e com a instrumentalidade ($p <,05$). O compromisso passado correlacionou-se positivamente com a permissividade ($p <,05$) e com as práticas sexuais ($p <,05$). O amor global passado correlacionou-se positivamente com as práticas sexuais ($p <,05$).

No estudo de correlação entre as dimensões de amor e as atitudes sexuais, nos *AE.M* foi possível verificar que a dimensão paixão passada correlacionou-se positivamente com a instrumentalidade ($p <,05$), o compromisso passado e o amor global (passado) correlacionaram-se positivamente com a instrumentalidade ($p <,05$).

No que se refere ao estudo de correlação entre as dimensões de amor e vinculação amorosa, nos *AE.F* foi possível verificar que a dimensão paixão passada correlacionou-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e com a dependência ($p <,05$) e negativamente com o evitamento ($p <,05$). A paixão passada correlacionou-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e com a dependência ($p <,05$) e negativamente com o evitamento ($p <,05$). O compromisso passado correlacionou-se positivamente com a confiança ($p <,01$). O amor global passado correlacionou-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e com a dependência ($p <,05$) e negativamente com o evitamento ($p <,05$).

No estudo de correlação entre as dimensões de amor e vinculação amorosa, nos *AE.M* foi possível verificar a dimensão paixão passada correlacionou-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e negativamente com o evitamento ($p <,05$). O compromisso passado e o amor global passado correlacionaram-se positivamente com a dependência ($p <,05$).

No que diz respeito ao estudo de correlação entre as dimensões de amor e vinculação amorosa, nos *AE.F* foi possível verificar que as dimensões intimidade presente, paixão presente, compromisso presente e amor global presente correlacionaram-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e com a dependência ($p <,01$) e negativamente com o evitamento ($p <,01$) e a ambivalência ($p <,01$).

No estudo de correlação entre as dimensões de amor e as atitudes sexuais, foi possível verificar nos *AE.M* que a dimensão paixão presente se correlacionou positivamente com as práticas sexuais ($p <,01$) e com a instrumentalidade ($p <,01$). O compromisso presente e o amor global presente correlacionaram-se positivamente com a instrumentalidade ($p <,01$).

No que se refere ao estudo de correlação entre as dimensões de amor e vinculação amorosa, nos *AE.M* foi possível verificar que as dimensões paixão passada, compromisso passado e amor global passado correlacionaram-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e negativamente com o evitamento ($p <,05$).

No estudo de correlação entre as dimensões de amor e as atitudes sexuais, nos *AE.F* foi possível verificar que a dimensão compromisso futuro, correlacionou-se positivamente com as práticas sexuais ($p <,01$).

Por fim, no estudo de correlação entre as dimensões de amor e vinculação amorosa, nos *AE.F* foi possível verificar que as dimensões intimidade futura, paixão futura, compromisso futuro e amor global futuro correlacionaram-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e dependência ($p <,01$) e negativamente com o evitamento ($p <,01$). As dimensões intimidade futura, paixão futura e amor global futuro correlacionaram-se, também, negativamente com a ambivalência ($p <,01$).

Posteriormente, procedeu-se à análise das correlações entre as variáveis da vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe (Tabela 9).

Tal como nas correlações efetuadas anteriormente, devido ao facto de a maioria das variáveis não apresentarem uma distribuição aproximadamente normal optou-se por estatísticas não paramétricas, utilizando-se para o efeito o teste de correlação de *Spearman*.

No que se refere ao estudo de correlação entre as dimensões da vinculação amorosa e da vinculação ao pai e à mãe, foi possível apenas verificar diferenças significativas nos *AE.F*. Constatou-se que a dimensão confiança da vinculação amorosa correlacionou-se negativamente com a dimensão inibição da exploração e da individualidade à mãe ($p <,05$) e

a dimensão dependência correlacionou-se positivamente com a dimensão qualidade do laço emocional à mãe ($p <,05$).

Finalmente, procedeu-se à análise das correlações entre as variáveis das atitudes sexuais, vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe (Tabela 10).

Assim como nas correlações efetuadas anteriormente, devido ao facto de a maioria das variáveis não apresentarem uma distribuição aproximadamente normal optou-se por estatísticas não paramétricas, utilizando-se para o efeito o teste de correlação de *Spearman*.

No que se refere ao estudo de correlação entre as dimensões das atitudes sexuais, da vinculação amorosa e da vinculação ao pai e à mãe, foi possível verificar diferenças significativas entre os *AE.F* e ao *AE.M*.

Relativamente à relação entre as dimensões das atitudes sexuais e das dimensões da vinculação ao pai e à mãe, nos *AE.F*, a comunhão correlaciona-se positivamente com a ansiedade de separação ao pai ($p <,05$) e a instrumentalidade correlaciona-se positivamente com a ansiedade de separação e dependência à mãe ($p <,05$).

No que diz respeito às dimensões das atitudes sexuais e das dimensões da vinculação ao pai e à mãe, nos *AE.M*, a permissividade correlaciona-se negativamente com a qualidade do laço emocional à mãe ($p <,05$) e a comunhão correlaciona-se negativamente com a qualidade do laço emocional ao pai ($p <,05$).

Finalmente, no que se refere às dimensões das atitudes sexuais e das dimensões da vinculação amorosa, nos *AE.M*, as práticas sexuais correlacionam-se positivamente com a confiança ($p <,01$) e a instrumentalidade correlacionou-se positivamente com a confiança e com a ambivalência ($p <,01$).

TABELA 8. CORRELAÇÕES ENTRE AMOR E ATITUDES SEXUAIS E VINCULAÇÃO AMOROSA

Estatísticas de Correlação de Spearman's rho						
Grupo	Variável	Dimensão	Intimidade Passada	Paixão Passada	Compromisso Passado	Amor (Global) Passado
AE.F (n=66)	Sociodemográfica	Idade	-,028	-,105	-,026	-,056
		Atitudes Sexuais	Permissividade	,168	,217	,253*
	Comunhão		,000	,008	,039	,019
	Práticas Sexuais		,312*	,333**	,244*	,325**
	Instrumentalidade		,217	,244*	,121	,235
	Vinculação Amorosa	Confiança	,381**	,350**	,443**	,399**
		Dependência	,305*	,279*	,238	,297*
		Evitamento	-,284*	-,248*	-,220	-,285*
		Ambivalência	,049	,023	,069	,019
	AE.M (n=14)	Sociodemográfica	Idade	,262	,202	,363
Atitudes Sexuais			Permissividade	-,501	-,287	-,274
		Comunhão	,106	-,011	,029	-,031
		Práticas Sexuais	-,045	,404	,273	,276
		Instrumentalidade	,346	,613*	,534*	,539*
Vinculação Amorosa		Confiança	,283	,812**	,347	,407
		Dependência	,423	,409	,607*	,598*
		Evitamento	-,149	-,630*	-,180	-,234
		Ambivalência	-,036	-,192	,167	,088
AE.F (n=66)		Sociodemográfica	Idade	,118	-,065	-,115
	Atitudes Sexuais		Permissividade	-,099	-,094	,002
		Comunhão	-,206	-,174	-,102	-,165
		Práticas Sexuais	,198	,211	,230	,215
		Instrumentalidade	,033	,005	,069	,031
	Vinculação Amorosa	Confiança	,334**	,383**	,416**	,387**
		Dependência	,340**	,351**	,390**	,381**
		Evitamento	-,637**	-,587**	-,529**	-,597**
		Ambivalência	-,469**	-,491**	-,426**	-,466**
	AE.M (n=14)	Sociodemográfica	Idade	-,021	,284	,102
Atitudes Sexuais			Permissividade	-,407	-,201	-,336
		Comunhão	-,125	-,038	-,004	-,051
		Práticas Sexuais	,259	,665**	,491	,515
		Instrumentalidade	,338	,734**	,654*	,593*
Vinculação Amorosa		Confiança	,465	,812**	,600*	,671**
		Dependência	,131	,409	,470	,353
		Evitamento	-,440	-,630*	-,552*	-,568*
		Ambivalência	-,300	-,192	-,191	-,249
AE.F (n=66)		Sociodemográfica	Idade	-,118	-,056	-,107
	Atitudes Sexuais		Permissividade	-,013	,043	,158
		Comunhão	-,148	-,024	,004	-,019
		Práticas Sexuais	,176	,216	,249**	,241
		Instrumentalidade	-,017	,043	,059	,048
	Vinculação Amorosa	Confiança	,356**	,412**	,438**	,411**
		Dependência	,334**	,350**	,434**	,414**
		Evitamento	-,617**	-,465**	-,458**	-,534**
		Ambivalência	-,381**	-,352**	-,232	-,328**
	AE.M (n=14)	Sociodemográfica	Idade	,100	,221	-,076
Atitudes Sexuais			Permissividade	-,379	-,497	-,464
		Comunhão	-,215	-,183	-,244	-,215
		Práticas Sexuais	,149	,235	,198	,228
		Instrumentalidade	,229	,335	,339	,321
Vinculação Amorosa		Confiança	,377	,475	,428	,454
		Dependência	,137	,233	,334	,247
		Evitamento	-,335	-,469	-,317	-,380
		Ambivalência	-,243	-,361	-,278	-,296

*. Diferença significativa ao nível 0,05. **. Diferença significativa ao nível 0,01. M. Masculino. F. Feminino

TABELA 9. CORRELAÇÕES ENTRE VINCULAÇÃO AMOROSA E VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE

Estatísticas de Correlação de Spearman's rho						
Grupo	Variável	Dimensão	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
AE.F (n=66)	Sociodemográfica	Idade	,058	-,124	,060	,126
	Vinculação ao Pai e à Mãe	QLE Pai	,162	,094	,081	,150
		QLE Mãe	,214	,253*	,048	,148
		AS Pai	,032	-,232	,167	-,029
		AS Mãe	-,070	-,208	,230	,000
		IEI Pai	-,172	-,101	-,117	-,056
IEI Mãe	-,251*	-,179	,091	,018		
AE.M (n=14)	Sociodemográfica	Idade	,291	,401	,092	,413
	Vinculação ao Pai e à Mãe	QLE Pai	,149	,036	-,080	,150
		QLE Mãe	-,167	,036	-,044	,148
		AS Pai	,221	-,022	,167	-,029
		AS Mãe	,123	,022	,198	,000
		IEI Pai	,304	-,069	,131	-,056
IEI Mãe	,072	,014	,264	,018		

*. Diferença significativa ao nível 0,05. M. Masculino. F. Feminino

TABELA 10. CORRELAÇÕES ENTRE ATITUDES SEXUAIS E VINCULAÇÃO AMOROSA E VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE

Estatísticas de Correlação de Spearman's rho						
Grupo	Variável	Dimensão	Permissividade	Comunhão	Práticas Sexuais	Instrumentalidade
AE.F (n=66)	Sociodemográfica	Idade	,220	,255*	,160	,236
	Vinculação Amorosa	Confiança	,192	,018	,217	-,012
		Dependência	-,036	,095	,135	,086
		Evitamento	,130	,135	-,079	,081
		Ambivalência	,189	,170	,006	,128
	Vinculação ao Pai e à Mãe	QLE Pai	,242	,007	-,168	-,144
		QLE Mãe	,090	,024	-,146	-0,076
		AS Pai	,148	,277*	,028	,153
		AS Mãe	,153	,216	,126	,279*
		IEI Pai	-,061	,020	,008	,100
IEI Mãe		-,088	,037	,054	,210	
AE.M (n=14)	Sociodemográfica	Idade	,300	,013	,177	,235
	Vinculação Amorosa	Confiança	,144	,147	,881**	,807**
		Dependência	-,001	,217	,478	,707**
		Evitamento	,331	,137	-,567*	-,624
		Ambivalência	,490	,445	-,014	,108
	Vinculação ao Pai e à Mãe	QLE Pai	-,354	-,563*	-,153	-,119
		QLE Mãe	-,555*	-,283	-,402	,000
		AS Pai	,326	,208	,057	-,165
		AS Mãe	,222	,123	-,023	-,187
		IEI Pai	,396	-,025	,351	-,096
IEI Mãe		,020	-,193	-,102	-,272	

*. Diferença significativa ao nível 0,05. **. Diferença significativa ao nível 0,01. M. Masculino. F. Feminino

7.2. Entrevistas Narrativas Psicosexuais

Como já exposto, o presente estudo segue um plano de métodos mistos para permitir a prossecução de objetivos relacionais e descritivos. No âmbito qualitativo, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, designadas de entrevistas narrativas psicosexuais.

7.2.1. Amostra de participantes entrevistados

Os participantes foram convidados entre os sujeitos que tinham respondido online à bateria de questionários e que tinham, no item final, declarado disponibilidade para colaborar em outros momentos futuros de recolha de dados. Para otimizar a possibilidade de comparação, o convite foi dirigido a quatro jovens adultos do sexo masculino e feminino, constituindo-se uma amostra por conveniência, mas com características sociodemográficas idênticas, como se apresenta na tabela seguinte:

TABELA 11. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS ADULTOS EMERGENTES

Caracterização Sociodemográfica dos Adultos Emergentes					
Sujeitos	Sexo	Idade	Profissão	Orientação Sexual	Estado Civil
A	Masculino	24	Estudante	Heterossexual	Solteiro
B	Feminino	22	Estudante	Heterossexual	Solteira
C	Masculino	19	Estudante	Homossexual	Numa relação
D	Feminino	20	Estudante	Heterossexual	Solteiro

7.2.2. Guião de entrevista narrativa psicosexual

As entrevistas foram realizadas através de um guião que se fundamenta na teoria da personalidade narrativa (Jesus, 2010, 2013; McAdams, 1996, 2001). Deste modo, construímos um guião de “Entrevista narrativa psicosexual” que foi aplicado aos quatro adultos emergentes referidos. A construção do guião obedeceu à estrutura da célebre “*Life Story Interview*” de D. P. McAdams (1996), que parte da autodescrição geral da “história de vida”, passa pela narração autoavaliativa de diversos episódios significativos do passado (“*high point*”, “*low point*”, “*turning point*”, etc.), aborda a antecipação do futuro (imaginação e idealização de “futuros possíveis” ou de “*possible selves*”) e culmina numa reflexão sobre a “ideologia pessoal” (o sistema de valores e ideais definidores da identidade pessoal). Adaptando-se esta estrutura ao domínio do desenvolvimento afetivo e psicosexual e à linguagem dos adultos emergentes lusófonos, formulámos as questões que correspondiam

aos objetivos da nossa pesquisa e submetemos a dois sujeitos do sexo masculino e feminino para avaliar a validade facial do instrumento (grau de clareza, de compreensão e de coerência entre objetivos e questões). Após algumas correções, incluindo reformulação e exclusão de algumas questões, obtivemos o guião considerado definitivo (cf. Anexo 1).

7.2.3. Procedimentos de realização e análise das entrevistas

A entrevista é uma técnica que exige uma relação de confiança interpessoal entre o entrevistado e o entrevistador (Freixo, 2011), sobretudo quando a temática em análise se focaliza na história de vida afetiva e psicosssexual, solicitando a narração e a reflexão autobiográfica. Deste modo, as condições ambientais devem ser selecionadas intencionalmente a fim de otimizar o estabelecimento da confiança interpessoal. Por este motivo, as entrevistas foram realizadas individualmente num gabinete de investigação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique de modo a garantir a privacidade e o conforto aos entrevistados. Antes de se proceder às entrevistas, foi solicitado o consentimento informado a cada participante, tendo-se explicado detalhadamente os seus objetivos e o carácter íntimo das questões, potencialmente invasivas ou incómodas, garantindo proteção total da sua privacidade, através de anonimato e confidencialidade. Cada entrevista teve a duração média de 1 hora, tendo-se procedido à gravação áudio integral e à posterior transcrição literal.

Relativamente à análise da informação das entrevistas, seguimos um procedimento semelhante ao da técnica de “Análise de Conteúdo” de L. Bardin (2013). Com efeito, a análise foi efetuada mediante a identificação de categorias e subcategorias relativamente aos dados obtidos junto dos sujeitos entrevistados, seguindo-se um duplo movimento construtivo: primeiramente, dedutivo (da teoria para os dados) e, seguidamente, indutivo (dos discursos específicos para conceitos gerais). As categorias e subcategorias principais, deduzidas do processo de elaboração do próprio instrumento, são as seguintes (cf. Tabela 12):

TABELA 12. CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DAS ENTREVISTAS AOS ADULTOS EMERGENTES

Categorias	Subcategorias
A. Autodefinição Psicosssexual	Definição da identidade sexual e da orientação sexual
B. Narrativa Global do Desenvolvimento Psicosssexual	B.1. História da vida amorosa e sexual B.2. Acontecimentos de vida mais importantes
C. Acontecimentos Psicosssexuais Significativos	C.1. A história ou episódio de amor mais feliz C.2. A história ou episódio de amor mais infeliz C.3. Uma história transformadora ou reveladora C.4. A história do primeiro amor C.5. A história da primeira relação sexual C.6. Uma história ou episódio de arrependimento amoroso ou sexual C.7. A experiência erótica ou sexual mais feliz C.8. A experiência erótica ou sexual mais infeliz C.9. Uma experiência de rejeição e/ou traição C.10. Uma experiência de perda C.11. Uma experiência de ruptura amorosa C.12. Futuro amoroso e sexual C.13. Vinculação e multiplicidade
D. Valores Afetivos e Sexuais	D.1. Definição de amor, paixão e sexo; D.2. Avaliação da virgindade pré-matrimonial; D.3. Fatalismo vs. liberalismo no amor: crença ou descrença na “alma gêmea”.

7.2.4. Sujeito A - “Sexo sem compromisso: a busca pela liberdade”

Dados: 24 anos, masculino, heterossexual, solteiro

Relativamente à categoria de “autodefinição”, A afirma-se como heterossexual e menciona que sempre se sentiu desse modo ao longo da vida, referindo que nunca teve nenhuma experiência com alguém do mesmo sexo: *“Sempre fui heterossexual, nunca me senti atraído por nenhum homem...como tal, nunca tive ou quis ter experiências desse gênero...respeito mas não é para mim.”* Quanto à percepção do seu corpo e da sua personalidade, A refere que, a nível físico, se sente muito bem com o seu corpo e, ao nível da sua personalidade, não faria qualquer alteração: *“Sou muito preocupado com a minha aparência...não dispense o ginásio e estou muito confiante no meu aspeto. A minha personalidade é como é... sou sincero e direto...e sinceramente estou bem assim”*.

No que diz respeito ao número de parceiros sexuais que já teve ao longo da vida, A refere ter estado com aproximadamente “20/25” mulheres, não conseguindo precisar um só número, referindo que teve vários casos de uma noite só: *“Já perdi a conta...tive vários casos de uma noite só e alguns nem me lembro bem para ser honesto”*.

A afirma estar satisfeito com o seu atual estado amoroso, referindo que, para já, não se quer envolver em nenhum relacionamento amoroso *“Já namorei, 5 anos com uma rapariga de quem gostei muito, mas não resultou, ela trocou-me por outra pessoa...agora quero aproveitar a liberdade, não quero compromissos com ninguém. Estou muito bem solteiro”*.

No mesmo sentido, refere satisfação a nível sexual, focando-se no seu desempenho e na sua capacidade de conceder prazer ao outro (heterocentrismo): *“Nas relações sexuais tento sempre desempenhar o meu papel o melhor possível. E na realidade consigo... sinto que dou prazer à outra pessoa, para além de eu também obter prazer.”* Quanto às práticas sexuais, afirma *“Para mim não há nada que substitua o sexo vaginal. Mas... o sexo oral é sempre a melhor forma de começar...o anal seria algo que gostaria de experimentar ainda”*.

Ao nível da organização geral da sua narrativa amorosa e sexual, A atribui uma maior ênfase às relações sexuais, em detrimento das relações amorosas: *“Como referi para mim relacionamentos agora não, dou mais valor a relações sexuais de qualidade...sem dúvida”*.

Considera que ao longo da sua adolescência era envergonhado e muito centrado na convivência com os seus amigos. A sua primeira relação sexual concretizou-se com a primeira namorada, aos 15 anos de idade: *“A minha primeira relação sexual foi aos 15 anos com uma rapariga da escola com quem namorava...estive com ela 5 anos. Antes dela era envergonhado e só queria os meus amigos para jogar à bola...não ligava a raparigas até a conhecer...sentia atração mas não me aproximava delas assim...”*. Refere que começou a ter muitos relacionamentos sexuais com diversas pessoas após a separação desta primeira e única namorada. Este momento foi de viragem radical, tendo sido a partir daí que considera ter ficado contra os relacionamentos amorosos e mais interessado em relações sexuais de ocasião: *“Quando a minha namorada me trocou por outro fiquei devastado...jurei a mim mesmo que só voltaria a namorar alguém quando fosse para ficar mesmo com essa pessoa...tipo lá para os 30 ou assim...até lá quero experimentar a liberdade de poder me envolver com quem eu quiser, quando quiser”*.

A não consegue descrever momentos muito felizes na relação amorosa que teve. Contudo identifica momentos negativos na mesma: *“Momentos felizes não me lembro...a relação que tive era conturbada...discutíamos muito mas íamos ficando juntos...comodidade talvez...mas quando ela me trocou foi o fim. Acho que aí esqueci qualquer momento bom que pudesse ter tido”*.

Ao nível das relações sexuais, A identifica momentos felizes e infelizes, considerando que teve mais momentos felizes do que infelizes. Relativamente aos momentos positivos afirma: *“Momentos felizes são todos aqueles que considero que obtive prazer na relação sexual...foram vários...sempre que pude variar as práticas sexuais e tive parceiras liberais...essas sim foram boas experiências”*. E relativamente aos episódios sexualmente negativos afirma: *“Os infelizes foram aqueles que tive logo a seguir à separação...estava habituado a uma rotina sexual e as primeiras relações sexuais que tive depois disso não considero felizes porque não obtinha muito prazer...com o evoluir do tempo, experimentei mais coisas, tive mais pessoas e fui tendo mais e mais prazer”*. Neste âmbito das relações sexuais é igualmente pertinente destacar o heterocentrismo inerente, isto é, a preocupação com o prazer sexual da parceira: *“Ter prazer para mim é dar prazer às mulheres com quem tenho relações sexuais...preocupo-me sempre com isso...por exemplo se uma mulher me faz sexo oral, e ela também gosta que o faça, eu faço...há amigos meus que acham nojento fazer sexo oral a uma mulher mas gostam de receber sexo oral...para mim é ser egoísta, é dever nosso dar prazer a quem também nos dá”*.

Relativamente a experiências que possam ter sido transformadoras, identifica somente a experiência de rejeição, A foca o seu discurso de análise de episódios-chave fundamentalmente no único relacionamento amoroso que teve, mostrando que as outras relações não têm forma narrativa dada a sua natureza fragmentária e descontínua: *“Como só tive um relacionamento amoroso e correu mal essa foi a única experiência que considero transformadora e ao mesmo tempo de rejeição. Transformou a minha forma de encarar a vida, as relações...senti-me rejeitado claro e isso não vou permitir que volte a acontecer. Por isso não quero compromissos”*.

Na questão da monogamia, A assumiu-se como não monogâmico na atualidade, explicando que é sempre sincero com as mulheres com quem tem relações sexuais e nunca lhes diz algo que não seja sentido. Acrescentou que, no passado, quando estava na relação amorosa nunca realizou nenhuma traição. No entanto, afirma que desde que passou pela situação de rejeição mudou de atitude, considerando que, no futuro, numa nova relação, poderá sentir necessidade de relações sexuais e de liberdade: *“Quando namorava dizia sempre que não ia trair nunca e a realidade é que em 5 anos de namoro nunca traí. Agora, penso diferente e sei que se, no futuro, sentir vontade de ter relações sexuais com alguém estando comprometido provavelmente vou ceder aos meus instintos...quero ser livre para*

decidir isso, não pensar nas consequências". Demonstra atitudes sexuais bastante permissivas, o que nos indica que se considera monogâmico apenas pelo facto de não ter traído a parceira amorosa na relação que teve. O critério individualista de obedecer às necessidades próprias de prazer prevalece sobre uma lógica conjugal ou recíproca, em que a tomada de decisão sobre o estilo de vida mono/poli-amórico ou mono/poli-gâmico derivaria de um processo de definição partilhada de objetivos e de um acordo comum sobre o bem-estar afetivo e psicosexual do casal.

No que diz respeito à sua "ideologia pessoal" sobre o amor e a "alma gémea", o sujeito A, demonstra alguma ambivalência. Refere que "amor", "paixão" e "sexo" são conceitos necessários e que se encontram numa unidade semântica. No entanto, não acredita numa alma gémea: *"Alma gémea? Isso não existe. Encontramos alguém parecido connosco e aprendemos a gostar dessa pessoa...alguém compatível talvez..."*.

No que se refere aos motivos relacionados com as relações sexuais, A demonstra uma postura hedonista, afirmando que o motivo pelo qual tem relações sexuais consiste na atração física: *"Para mim, sexo é só uma questão meramente física. Sinto-me atraído por alguém e, se essa pessoa sentir o mesmo e quiser o mesmo que eu, acontece"*. Assume uma postura liberal e instrumental relativamente à virgindade pré-matrimonial, referindo *"Não, não sou a favor da virgindade, hoje em dia que rapaz da minha idade pensa em ir virgem para o casamento? Nem penso em casar quanto mais esperar para ter relações sexuais até lá...não faz sentido"*.

Quanto à questão da fidelidade sexual, A revela uma postura poligâmica e uma atitude sexual permissiva, mencionando: *"O conceito de fidelidade é relativo para mim, não quero compromissos sérios com ninguém precisamente para não ter essa questão...desde que seja fiel a mim mesmo o resto pouco importa"*.

Relativamente às ideologias religiosas, A assume uma postura liberal, afirmando-se como não religioso: *"Não sou religioso. Nunca liguei muito as essas coisas da igreja..."*.

Em conclusão, A apresenta-se como um adulto emergente pautado pela busca da liberdade e pela reciprocidade na liberdade, afirmando não querer ingressar num relacionamento amoroso, preferindo relações ocasionais que supram as suas necessidades físicas e de partilha de prazer erótico-sexual sem envolvimento emocional.

7.2.5. Sujeito B - “O príncipe encantado ainda vai aparecer”

Dados: 22 anos, feminino, heterossexual, solteiro

Relativamente à categoria de “autodefinição”, B afirma-se como heterossexual e menciona que sempre se sentiu desse modo ao longo da vida, referindo que nunca teve nenhuma experiência homo/bi-sexual: *“Sou heterossexual, nunca me imaginei de outra forma. Sempre gostei de rapazes, aliás até me sentia envergonhada perto deles...o friozinho na barriga vá...e nunca me deu curiosidade de ter experiências com raparigas.”* Quanto à percepção do seu corpo e da sua personalidade, B refere que, a nível físico, não se sente muito bem com o seu corpo e, ao nível da sua personalidade, faria apenas uma alteração: *“Acho que estou gorda, gostava de emagrecer, isso seria algo que eu alterava em mim...perder 5 quilos talvez. Na minha personalidade, alterava uma coisa apenas...ser mais realista...por vezes, sou muito sonhadora, crio expectativas e depois, quando não se realizam, sofro”*.

No que diz respeito ao número de parceiros sexuais que já teve ao longo da vida, B refere ter-se envolvido sexualmente com um rapaz, sendo este seu namorado na altura. Ainda menciona que jamais seria capaz de se envolvermos sexuais sem contexto emocional intenso ou sem vinculação amorosa: *“O meu primeiro namorado foi o único com quem me envolvi sexualmente, porque estava muito apaixonada...como não voltei a ter tal sentimento por ninguém, não me envolvi com mais nenhum rapaz e não vou fazê-lo. Não seria capaz de me envolver com alguém por uma noite por exemplo...ou ter um amigo colorido...não faz sentido para mim”*.

B afirma estar satisfeito com o seu atual estado amoroso, referindo que, para já, não se quer envolver em nenhum relacionamento amoroso. Contudo, refere que, se aparecer alguém por quem se apaixone, irá tentar um relacionamento amoroso: *“Estou bem solteira, porque estou muito focada nos meus estudos e na minha futura carreira profissional. O meu curso e a minha futura profissão são a minha prioridade no momento. Mas, claro, se aparecer alguém especial... por que não?”*

No mesmo sentido, considera-se sexualmente feliz, ainda que revele algum constrangimento em responder à questão: *“Bem...acho que posso dizer que a nível sexual sou feliz, mas...como só tive uma experiência até agora...não me preocupo com isso agora. Quando tiver alguém, logo vejo, mas a experiência que tive até agora posso referir como*

feliz". Quanto às práticas sexuais, afirma: *"Até agora só experimentei o sexo vaginal, mas tenho curiosidade em experimentar outras coisas"*.

Ao nível da sua narrativa amorosa e sexual, *B* atribui uma maior ênfase às relações amorosas e à sua dimensão afetiva, sendo que as relações sexuais só fazem sentido dentro de um relacionamento amoroso: *"O relacionamento amoroso é partilha com outra pessoa e, por isso, só assim faz sentido partilhar o nosso corpo"*.

Considera que, ao longo da sua adolescência, era tímida e muito centrada nas responsabilidades escolares. A sua primeira relação sexual concretizou-se com o primeiro namorado, aos 19 anos de idade: *"A minha primeira vez foi com o meu namorado, aos 19 anos, dois meses depois de termos começado a namorar. Antes disso, eu era muito tímida... aconteceu com ele, porque eu gostava muito dele "*. Refere que, após se separar deste primeiro e único namorado, não procurou mais ninguém e concentrou-se mais nos seus objetivos pessoais: *"Tive um relacionamento de dois anos e acabamos, porque ele foi morar para outro país e decidimos que eramos muito novos para estar presos um ao outro estando distantes. Depois disso, decidi concentrar-me em mim e na minha vida pessoal, pensei que quando o príncipe tivesse de aparecer aparecia...ainda acredito que ele está a caminho..."*

B não consegue descrever momentos infelizes na relação amorosa que teve. Contudo, identifica momentos muito positivos na mesma: *"A nossa relação não teve maus momentos. Eramos felizes, passeávamos, íamos ao cinema, jantar...era a minha companhia e nunca tivemos nenhuma discussão significativa...só quando ele decidiu ir para o estrangeiro é que começamos a ter muitas dúvidas, afastamo-nos e decidimos acabar"*.

Ao nível das relações sexuais, *B* identifica momentos felizes e infelizes, considerando que teve mais momentos felizes do que infelizes. Relativamente aos momentos positivos afirma: *"Sempre que tínhamos relações sexuais, eram momentos felizes, pelo menos para mim...gostava mesmo muito dele e todos os momentos tinham significado positivo"*. E relativamente aos episódios sexualmente negativos aponta apenas um: *"O único momento que posso apontar como menos feliz foi a primeira relação sexual, porque tive muitas dores...tirando isso..."*.

Relativamente a experiências que possam ter sido transformadoras, *B* foca o seu discurso fundamentalmente no único relacionamento amoroso que teve: *"Só tive um relacionamento amoroso e este foi transformador, mas de forma positiva...agora sei o que*

procurar numa relação, estabeleci os meus critérios e não vou aceitar menos do que isso. Sei o que quero e o que não quero para mim, no futuro”.

Na questão da monogamia, *B* assumiu-se como monogâmica na atualidade, explicando que só faz sentido a dedicação a uma pessoa na vida. Acrescentou que, no passado, quando estava na relação amorosa, nunca realizou nenhuma traição. Afirma que, no futuro, numa relação que possa vir a ter, não acredita vir a sentir necessidade de trair e que mesmo que tivesse não o faria: *“Se estamos numa relação com alguém só essa pessoa deve existir, caso contrário não faz sentido estar nesse relacionamento. Não traí o meu ex-namorado e não tenciono trair ninguém no futuro. Se não estiver bem com o relacionamento, acabo simplesmente”.* Demonstra atitudes sexuais “conservadoras”, o que nos indica que se considera monogâmica, não só pelo facto de não ter traído o parceiro amoroso na relação que teve, mas também pelo facto de ser apologista da monogamia como ideal de vida.

No que diz respeito às ideologias do amor e da alma gémea, o sujeito *B* apresenta uma perspetiva emocional e “espiritual”, revelando que “amor”, “paixão” e “sexo” encontram-se interligados, sendo o amor o elemento principal e a sua união com a paixão como necessária para existir o sexo. Acredita na existência de uma alma gémea, embora refira ainda não ter encontrado a sua: *“Claro que acredito na existência de uma alma gémea. Ou melhor...no príncipe encantado no cavalo branco. Só não encontrei ainda aquela pessoa que sei que será para sempre. É cedo talvez, sou nova...quando chegar vou perceber”.*

No que se refere aos motivos relacionados com as relações sexuais, *B* demonstra uma atitude centrada no primado da vinculação amorosa sobre a atração física e a gratificação erótica, afirmando que o motivo pelo qual tem relações sexuais é sempre associado ao sentimento de amor: *“Nunca me envolvi sexualmente com ninguém sem gostar muito dessa pessoa. Aliás só me envolvi sexualmente com uma pessoa, o meu primeiro e único namorado. O ato sexual para mim tem de estar sempre ligado ao amor e à existência de uma relação amorosa”.* Em consonância com esta atitude, não reconhece um valor absoluto à virgindade pré-matrimonial, submetendo-a ao valor da intensidade afetiva e declarando: *“Bem, para mim, desde que haja sentimentos, as pessoas não são obrigadas a esperar pelo casamento para terem relações. Acho que isso é algo ultrapassado”.*

Quanto à questão da fidelidade sexual, *B* revela uma postura monogâmica e revela ter uma atitude cognitivamente “dogmática” com esta questão, mencionando: *“Ser fiel para mim é absoluto. Só estou com alguém se gostar muito, por isso não tenho necessidade de*

trair. Mas preocupa-me muito que um dia tenha alguém de quem goste muito e essa pessoa me traia...é um dos meus maiores receios”.

Relativamente à sua ideologia pessoal de tipo religioso, *B* assume uma postura liberal, afirmando-se como “indiferente”: *“Não ligo à religião. Acho que talvez seja assim, porque nunca tive o hábito de ir à missa e assim...nem fiz a catequese sequer”.*

Em conclusão, *B* apresenta-se como uma adulta emergente pautada pela prevalência de um ideal de vinculação mono-amórica de longa duração, sentindo ansiedade pela consciência da “idealização”, pois esta contém um grau elevado e saliente de improbabilidade ou irracionalidade.

7.2.6. Sujeito C - “ A exploração como objetivo”

Dados: 19 anos, masculino, homossexual, comprometido

Relativamente à categoria de “autodefinição”, *C* afirma-se como homossexual e menciona que sempre se sentiu desse modo ao longo de quase toda a sua vida, referindo que nunca teve nenhuma experiência heterossexual: *“Quando fui para a escola primária comecei a olhar para os meus colegas rapazes e a sentir interesse. Na altura, não percebia mas depois cheguei aos 13 anos e beijei um rapaz. A partir daí assumi e nunca quis ter e nem tive nenhuma experiência com raparigas.”* Quanto à percepção do seu corpo e da sua personalidade, *C* refere que, a nível físico, se sente um pouco desconfortável com o seu corpo e, ao nível da sua personalidade, não faria qualquer alteração: *“Sinto-me desconfortável com o meu corpo acima de tudo porque tenho barriga e gostava de ser mais atlético, mais apetecível talvez. A nível de personalidade nada tenho a apontar, sou honesto acima de tudo e isso assume muita importância para mim. Estou muito bem nesse aspeto”.*

No que diz respeito ao número de parceiros sexuais que já teve ao longo da vida, *C* refere ter estado com aproximadamente 15 homens, não conseguindo precisar um só número, referindo que teve vários casos de uma noite só: *“Cheguei aos 13 anos perdi-me um bocado, comecei a ir a bares gay e tive vários casos de uma noite... alguns nem me lembro...queria explorar tudo o que pudesse. Depois conheci o meu atual namorado e acalmei”.*

C afirma não estar satisfeito com o seu atual estado amoroso, referindo a existência de monotonia na atual relação: *“Estamos a namorar há cerca de 2 anos e já estou cansado...monotonia é o termo certo...acho-me novo para estar numa relação, quero*

explorar outras coisas. No início, era excelente, agora preciso de mais mas também não quero deixar a pessoa sem ter certezas de que não me vou arrepender depois”.

No mesmo sentido, refere insatisfação a nível sexual, focando-se no desempenho do seu atual parceiro amoroso: *“No início do namoro, o sexo era novidade e era excelente... agora acho que só temos relações sexuais porque sim...já não sinto prazer, porque quero experimentar outras coisas e outras pessoas talvez...além disso, sinto que agora o meu parceiro só se preocupa em ter ele prazer, sem se lembrar se eu também o tenho”.* Quanto às práticas sexuais, afirma *“Não há nada como o sexo anal, mas o sexo oral também é uma preferência”.*

Ao nível da sua narrativa amorosa e sexual, C atribui uma maior ênfase às relações sexuais, em detrimento das relações amorosas: *“Nesta fase, preocupo-me mais em obter prazer e ter mais relações sexuais do que continuar num relacionamento...se aparecesse agora alguém que me desse sexo de qualidade, eu deixava a minha atual relação”.* Considera que ao longo da sua adolescência era envergonhado e muito centrado em si próprio. A sua primeira relação sexual concretizou-se aos 13 anos de idade: *“A minha primeira relação sexual foi aos 13 anos com um rapaz que conheci no Pride, um bar gay, foi um caso de uma noite, depois disso nunca mais o vi. Eu era muito reservado e só depois de começar a frequentar estes sítios é que comecei a ser mais atrevido”.* Refere que começou a ter alguns relacionamentos sexuais com diversos homens após ter perdido a virgindade e ter começado a frequentar clubes noturnos. Este momento foi de viragem, tendo sido a partir daí que considera ter ficado mais interessado em relações sexuais de ocasião: *“Depois de ter tido aquele caso de uma noite em que perdi a virgindade, perdi o medo de me relacionar e expor e por isso passei a ir aos bares para encontrar parceiros sexuais...sempre na tentativa de explorar a minha sexualidade e o que o mundo gay podia me oferecer”.*

C não consegue descrever momentos felizes específicos na relação amorosa que vive atualmente. Contudo, identifica momentos negativos na mesma: *“Felizes...só o início, em que tudo são rosas como diria a minha mãe, mas nada de mais...já infelizes...as discussões, a falta de vontade do meu namorado em explorar coisas novas, o sexo que não é o melhor...”*

Ao nível das relações sexuais, C identifica momentos felizes e infelizes, considerando que teve mais momentos felizes do que infelizes. Relativamente aos momentos positivos, afirma: *“As minhas relações sexuais sempre foram boas, felizes por assim dizer. Nunca me liguei muito a ninguém até agora. Fazia sexo com quem me apetecia, estava com toda a*

liberdade que queria. Até agora... ”. E relativamente aos episódios sexualmente negativos afirma: “Os infelizes foram aqueles em que o parceiro sexual não desempenhou bem o seu papel e não me deu prazer e aqueles que ultimamente tenho passado com o meu parceiro, que também não parece preocupado em me dar prazer...”. Neste âmbito das relações sexuais, é igualmente pertinente destacar o heterocentrismo inerente, isto é, a preocupação com o prazer sexual do parceiro, mesmo referindo que este não o satisfaz: “Apesar de tudo, eu penso sempre nele. Faço sempre de tudo para que ele sinta prazer. Tento ter sempre o melhor desempenho possível...prazer é algo que devemos dar e receber”.

Relativamente a experiências que possam ter sido transformadoras, C foca o seu discurso fundamentalmente na primeira relação sexual que teve: *“A única experiência que considero transformadora foi a primeira relação sexual. Foi a partir daí que comecei a viver de certa forma. Despertei para um novo mundo e isso transformou o miúdo tímido e medroso numa pessoa mais atrevida e desligada de sentimentos”.*

Na questão da monogamia, C assumiu-se como monogâmico na atualidade, explicando que no relacionamento amoroso em que se encontra não traiu o parceiro. No entanto, afirma que, se sentir necessidade sexual mais intensa, não manterá o padrão da atual relação: *“Bem...sou monogâmico...não traio...mas se sentir vontade de ter relações sexuais com alguém estando nesta relação se calhar cedo e pronto...não sei, já tive essa vontade mas não aconteceu...das duas uma ou acabo o relacionamento antes de isso acontecer ou deixo rolar e logo vejo”.* Demonstra atitudes sexuais bastante permissivas, o que nos indica que se considera monogâmico apenas pelo facto de ainda não ter traído o parceiro amoroso na relação atual.

No que diz respeito às ideologias do amor e da alma gémea, o sujeito C refere que *“amor”, “paixão” e “sexo”* são conceitos e experiências dissociáveis que não precisam de estar necessariamente articulados de forma interdependente: *“Não existe isso de alma gémea, existe alguém com quem nos damos bem e assim... além disso, posso ter sexo com alguém e não sentir amor... é relativo”.*

No que se refere aos motivos relacionados com as relações sexuais, C demonstra uma postura hedonista, afirmando que o motivo pelo qual tem relações sexuais consiste no puro prazer: *“Como já disse, pode-se ter sexo com alguém e não amar, ser só atração física...é uma questão física. Já tive relações sexuais com pessoas e não tinha sentimento por elas”.* Assume uma postura liberal e instrumental relativamente à virgindade pré-matrimonial,

referindo *“Não, isso era antigamente. Agora a realidade é que temos de conhecer bem a pessoa sexualmente. Se o sexo não funcionar, o resto também não vai a lado nenhum”*.

Quanto à questão da fidelidade sexual, C revela uma postura crítica da “exclusividade sexual” e uma atitude sexual permissiva, mencionando: *“Eu agora estou comprometido e gosto da pessoa mas a realidade é que já senti atração por outras pessoas. Só não traí, porque não calhou. Se quiser vai acontecer. Isso de ser fiel é teoria, ninguém nasce para ser fiel”*.

Relativamente às ideologias religiosas, C assume uma postura liberal, afirmando-se como não religioso: *“Não sou religioso. Só fiz a catequese, porque fui obrigado pelos meus pais”*.

Em conclusão, C apresenta-se como um adulto emergente guiado pela vontade de exploração de possibilidades, afirmando que, embora esteja atualmente num relacionamento amoroso, prefere relações ocasionais que supram as suas necessidades de prazer imediato e descreve insatisfação relacional, derivada da frustração sexual, devido ao défice de novidade.

7.2.7. Sujeito D - “Vivência marcante”

Dados: 20 anos, feminino, heterossexual, solteiro

Relativamente à categoria de “autodefinição”, D afirma-se como heterossexual e menciona que sempre se sentiu desse modo ao longo da vida, referindo que nunca teve nenhuma experiência homo-bissexual: *“Nunca me deu curiosidade de ter experiências com raparigas, sempre fui e me senti heterossexual.”* Quanto à perceção do seu corpo e da sua personalidade, D refere que, a nível físico, não se sente muito bem com o seu corpo e, ao nível da sua personalidade, não faria nenhuma alteração: *“Neste momento, gostaria de perder algum peso, porque penso que estaria melhor. Mesmo assim, nunca perdi a confiança em mim no que diz respeito ao sexo oposto, porque tenho uma personalidade muito forte. Ai não mudaria nada”*.

No que diz respeito ao número de parceiros sexuais que já teve ao longo da vida, D refere ter-se envolvido sexualmente com um rapaz, sendo este seu namorado na altura: *“O único rapaz com quem me envolvi sexualmente foi o meu ex-namorado. Depois dele, as minhas prioridades mudaram e não procurei mais ninguém”*.

D afirma estar satisfeita com o seu atual estado amoroso, referindo que, para já, não se quer envolver em nenhum relacionamento amoroso. Contudo, refere que, se aparecer alguém por quem se apaixone, poderá deixar-se envolver num relacionamento amoroso: *“Neste momento, estou bem assim. Sou muito nova e já passei por muito, agora quero liberdade e aproveitar a minha juventude, depois logo se vê. Mas, se entretanto aparecer alguém em condições, talvez eu me deixe ir...”*.

No mesmo sentido, considera-se sexualmente feliz: *“Eu posso dizer que sou feliz porque, embora neste momento não tenha uma vida sexual ativa, quando namorava tinha e era feliz. Para mim, também sexo não é uma necessidade, só faz sentido com alguém que goste”*. Quanto às práticas sexuais, afirma *“O sexo vaginal e o sexo oral. De resto, não tive oportunidade de experimentar”*.

Ao nível da sua narrativa amorosa e sexual, *D* atribui uma maior ênfase às relações amorosas, sendo que as relações sexuais só fazem sentido dentro de um relacionamento amoroso: *“Como já referi, para mim primeiro vem o amor e sexo vem depois como complemento”*.

Considera que ao longo da sua adolescência era tímida e muito centrada nas responsabilidades escolares. A sua primeira relação sexual concretizou-se com o primeiro namorado, aos 16 anos de idade: *“A minha primeira vez foi com o meu namorado, aos 16 anos, não foi muito bom porque eu estava nervosa e não aproveitei o momento”*. Refere que, após se separar deste primeiro e único namorado, não procurou mais ninguém e concentrou-se mais nos seus objetivos pessoais: *“No relacionamento que tive sofri de violência no namoro...por isso não quis até agora procurar ninguém...”*.

D não consegue descrever momentos felizes na relação amorosa que teve. Contudo, identifica momentos negativos na mesma: *“Foram dois anos de namoro, eu era muito nova e ele vivia sozinho. Sempre que eu ficava lá em casa com ele algo mudava e estávamos sempre a discutir. Até ao primeiro estalo ... a partir daí só tive momentos infelizes, mas não tinha coragem de o deixar”*.

Ao nível das relações sexuais, *D* identifica momentos felizes e infelizes, considerando que teve mais momentos felizes do que infelizes. Relativamente aos momentos positivos, afirma: *“Sempre que tínhamos relações sexuais eram momentos felizes, porque obtinha prazer e estava com alguém de quem gostava muito”*. E relativamente aos episódios

sexualmente negativos aponta apenas um: *Infeliz...ou melhor, menos feliz, só mesmo a primeira vez*".

Relativamente a experiências que possam ter sido transformadoras, *D* foca o seu discurso fundamentalmente no único relacionamento amoroso que teve: *"Vou ter de referir, novamente, a história da violência no namoro. Foi uma fase da minha vida que me marcou muito porque tinha apenas 16 anos e sentia-me muito perdida e sem conseguir aceitar o que me estava a acontecer. Isso mudou muito a minha visão em relações futuras e a forma como reagi noutras situações da minha vida."*

Na questão da monogamia, *D* acrescentou que no passado, quando estava na relação amorosa nunca realizou nenhuma traição. Afirma que, no futuro, numa relação que possa vir a ter, não acredita vir a sentir necessidade de trair e que mesmo que tivesse não o faria: *"Já sofri muito nas questões amorosas, não iria trair por não ser capaz de ver outra pessoa sofrer por minha causa"*. Demonstra atitudes sexuais conservadoras, o que nos indica que se considera monogâmica, não só pelo facto de não ter traído o parceiro amoroso na relação que teve, mas também pelo fato de ser apologista da monogamia como ideal de vida, referindo questões pessoais como motivos para a sua fidelidade.

No que diz respeito às ideologias do amor e da alma gémea, o sujeito *D*, apresenta uma perspetiva emocional, revelando que "amor", "paixão" e "sexo" encontram-se interligados. Acredita na existência de uma alma gémea, no entanto refere ainda não ter encontrado a sua: *"Acredito na existência de uma alma gémea, alguém que seja compatível comigo e me faça feliz"*.

No que se refere aos motivos relacionados com as relações sexuais, *D* demonstra uma atitude orientada para a vinculação afetiva, afirmando que o motivo pelo qual tem relações sexuais é sempre associado ao sentimento de amor: *"Para mim, o envolvimento sexual com alguém tem de ser algo bem pensado, por amor...de outro modo não faz sentido"*. Por outro lado, assume uma postura liberal e instrumental relativamente à virgindade pré-matrimonial, referindo *"Respeito...mas acho que é algo ultrapassado"*.

Quanto à questão da fidelidade sexual, *D* revela uma postura monogâmica, mencionando: *"Agora estou solteira, mas acho que se estamos com alguém é por gostar dessa pessoa, portanto não há necessidade de envolver outras"*.

Relativamente às ideologias religiosas, *D* assume uma postura liberal, afirmando-se como religiosa não-praticante: *“Sou religiosa, fui para a catequese em miúda e tudo... no entanto, não vou à missa... tenho apenas as minhas crenças”*.

Em conclusão, *D* apresenta-se como uma adulta emergente focada nos objetivos pessoais, sem necessidades sexuais ou eróticas intensas, marcada por uma história amorosa com episódio de violência que transformou as suas expectativas e estratégias amorosas e psicosexuais.

8. Discussão

O presente capítulo tem como objetivo expor as interpretações teóricas dos resultados obtidos, reexaminando o grau de refutação/corroboração das hipóteses previamente formuladas e aprofundando a integração dos dados quantitativos e qualitativos.

Ao nível do primeiro problema heurístico, respeitante às diferenças de género na representação tridimensional do amor, os *AE.F* e os *AE.M* apresentaram diferenças entre si, tendo-se corroborado H_{1a} , H_{1b} , H_{1e} , H_{1g} , H_{1h} , H_{1i} , H_{1k} e H_{1l} , na medida em que os *AE.F* revelaram, comparativamente com os *AE.M*, maiores níveis de amor global (passado e futuro), intimidade (passado, presente e futuro), paixão (passado e futuro) e de compromisso (passado). Tal pode ser explicado pela necessidade, por parte do sexo feminino, em criar laços afetivos mais duradouros, com vista a um compromisso estável e focado na permanência futura, apresentando níveis superiores na intimidade, amor, paixão e compromisso, estando este ligado ao conceito de companheirismo. Em suma, podemos referir que o subgrupo do sexo feminino apresenta valores superiores ao nível das dimensões do amor, pois perspetiva o objetivo final da criação de uma relação que perdure no tempo, baseada na intimidade psicológica (Monteoliva & Garcia-Martinez, 2005).

Em contraste, os dados obtidos parecem refutar as hipóteses H_{1c} , H_{1d} , H_{1f} e H_{1j} , tendo como explicação possível a discrepância entre o número de amostra do grupo masculino ($n=14$) e o grupo feminino ($n=66$) e a tendência para o sexo masculino preferir a experiência de “novidade” nas relações amorosas, valorizando mais o momento presente, sendo que o sexo feminino valoriza mais a continuidade das relações amorosas, percecionando maior satisfação na antecipação de um futuro compromisso (Monteoliva & Garcia-Martinez, 2005; Butzer & Campbell, 2008; Stefanou & McCabe, 2012).

Quanto ao segundo problema, referente à orientação sexual, não foram observadas diferenças significativas entre *AE.F* e *AE.M*, visto que ambos os grupos se apresentaram como quase exclusivamente heterossexuais em todas as dimensões da Grelha de Orientação Sexual de Klein. Contudo, suportando H_2 , os dados revelam uma menor heterossexualidade no que concerne a “preferência social” no subgrupo *AE.F.*, sem, todavia, permitirem identificar um funcionamento psicosssexual de tipo “fluido” (Diamond, 2009). Em suma, a amostra em estudo afigura-se marcadamente heteronormativa.

No que se refere ao terceiro problema, relacionado com as dimensões integrativas da escala de atitudes sexuais, verificou-se que os *AE.M* apresentaram valores mais elevados de permissividade, práticas sexuais e instrumentalidade, comparativamente com os *AE.F*. Relativamente à dimensão comunhão, os *AE.F* apresentaram valores mais elevados, apoiando favoravelmente as hipóteses H_{3a} , H_{3b} , H_{3c} e H_{3d} . Podemos afirmar que a literatura sustenta igualmente tais resultados, visto que, embora seja cada vez mais culturalmente aceitável o estabelecimento relações sexuais focalizadas no prazer imediato (Bauman, 2004), a monogamia e a mono-vinculação amorosa continuam a corresponder ao modelo hegemónico (Bergstrand & Williams, 2000; Silvério, 2014). Ainda que o sexo feminino tenha vindo, gradualmente, a evidenciar uma maior abertura relativamente às questões sexuais (Runkel & Runkel, 2011), o sexo masculino continua a permanecer como mais ativo e permissivo sexualmente (Alferes, 1997; Hendrick et al., 2006), existindo ainda no sexo feminino alguma inflexibilidade relativamente a novas experiências eróticas (Hanns, 2014) e à multiplicidade de parceiros. Portanto, parece persistir a herança cultural de assimetria sexual (tanto atitudinal como comportamental), sendo que o sexo masculino continua a apresentar atitudes mais hedonistas, com maior flexibilidade quanto a novas experiências sexuais sem envolvimento afetivo estável (Hanns, 2014).

Assim, era expectável que os *AE.F* apresentassem valores mais baixos de permissividade, tendo em consideração que os *AE.F* possuem menos parceiros sexuais, em comparação com os *AE.M*. No mesmo sentido, esperava-se que os *AE.F* apresentassem valores mais elevados de comunhão, visto que tendem a procurar relações onde ocorra uma maior comunicação, confiança e intimidade, e valores menos elevados de práticas sexuais (sexo impessoal) e de instrumentalidade, visto que os *AE.F* defendem que apenas se envolvem fisicamente com outros parceiros com quem possuam algum tipo de envolvimento emocional.

Deste modo, torna-se fundamental relacionar estes resultados com os das entrevistas, tendo em conta que foi possível verificar que os *AE.M* indicaram mais parceiros sexuais e os *AE.F* defendiam a monogamia/mono-amor com uma elevada intimidade física e psicológica (relacionada com a permissividade) e como um intenso conhecimento do companheiro (comunhão). Os *AE.M* demonstraram maior tendência para distinguir o sexo dos sentimentos, sendo o relacionamento sexual visto como algo físico e sem grande vinculação (práticas sexuais impessoais e instrumentalidade).

Neste sentido, verificou-se que os homens revelam comportamentos liberais e permissivos, não revelando insatisfação emocional com o sexo sem compromisso, sendo que na entrevista ao sujeito A (AE.M) foi possível verificar uma atitude hedonista relativamente ao sexo (*“Para mim sexo é só uma questão meramente física. Sinto-me atraído por alguém e se essa pessoa sentir o mesmo e quiser o mesmo que eu, acontece”*), relacionando-se com as dimensões da permissividade, práticas sexuais impessoais e instrumentalidade. Comparativamente, na entrevista ao sujeito B (AE.F), é possível observar uma atitude anti-hedonista, rejeitando a dissociação entre amor e sexo, no que se refere ao motivo pelo qual se envolve sexualmente, o que remete para a dimensão atitudinal da comunhão (*“Nunca me envolvi sexualmente com ninguém sem gostar muito dessa pessoa. Aliás, só me envolvi sexualmente com uma pessoa, o meu primeiro e único namorado. O ato sexual para mim tem de estar sempre ligado ao amor e à existência de uma relação amorosa”*).

No que diz respeito ao quarto problema, focalizado na vinculação amorosa, encontraram-se diferenças entre os grupos AE.F e AE.M, tendo-se corroborado H_{4a} , H_{4b} , H_{4c} e H_{4d} . Deste modo, no que se refere à vinculação ao par amoroso, foi possível observar que o subgrupo feminino evidenciou maior confiança e maior dependência, contrariamente aos rapazes, com níveis mais elevados de evitamento e ambivalência, refletindo, de certo modo, a socialização associada aos papéis tradicionais de género (Hazan & Shaver, 1994). No estudo de Rocha (2008), evidenciaram-se, também, resultados semelhantes onde os valores mais elevados de confiança e dependência ao par amoroso verificaram-se nas raparigas e os valores mais elevados de evitamento nos rapazes. Em suma, de modo geral, era expectável que as mulheres fossem mais dependentes, em comparação com os homens que tendem a ser mais evitantes (Levy, Shaver & Blatt, 1998; Hazan & Shaver, 1994).

Relativamente ao quinto problema, referente às correlações entre amor, atitudes sexuais e vinculação amorosa, foi possível corroborar as hipóteses H_{5a} , H_{5b} e H_{5c} . Detetou-se que a atitude sexual “comunhão” se correlaciona positivamente com as três dimensões do amor, especialmente o amor enquanto intimidade, sendo que a dimensão “confiança” da vinculação amorosa se correlaciona positivamente com as dimensões de intimidade e compromisso no amor. Tal era expectável, tendo em consideração que a dimensão “comunhão” se encontra intimamente ligada com a união da intimidade psicológica com o conceito de companheirismo. Por fim, a dimensão “evitamento” da vinculação amorosa correlaciona-se negativamente com todas as dimensões do amor e com a atitude de

comunhão, tendo em conta que os indivíduos com um estilo de vinculação mais evitante se apresentam como menos comprometidos nas suas relações amorosas (DeWall et al., 2011).

Particularmente na relação entre as dimensões de amor e as dimensões das atitudes sexuais, foi possível constatar que o “amor global” se correlacionou negativamente com a permissividade e positivamente com a comunhão quer no grupo dos *AE.F* quer no grupo dos *AE.M*. Estes resultados são suportados pela literatura, tendo em conta que, em indivíduos monogâmicos, as práticas sexuais com vários parceiros podem aumentar a desvinculação já existente no relacionamento amoroso conduzindo à rotura da relação (Bagarozzi, 2008; Yucel & Gassanov, 2010). No mesmo sentido, era expectável a existência desta correlação, tendo em consideração que a comunhão contempla, de modo geral, a intimidade física e psicológica, valorizando mais a dimensão psicológica (Féres-Carneiro, 1998; Yucel & Gassanov, 2010). Foi igualmente constatada, quer no grupo dos *AE.F* quer no grupo dos *AE.M*, ao contrário do que seria suportado pela literatura uma correlação neutra entre o amor e a instrumentalidade. Seria expectável a ocorrência de uma correlação negativa significativa, visto que, de acordo com Katz e Schneider (2013), existe uma correlação positiva entre a instrumentalidade e o sexo casual e, segundo Hendrick e colaboradores (2006), existe uma correlação negativa entre a instrumentalidade e as três dimensões de amor (que configuram o “amor consumado” de Sternberg). Tal poderá ser explicado, para este estudo, pela discrepância da amostra ao nível de elementos do sexo feminino e do sexo masculino, sendo o número de elementos do sexo masculino menor.

No que diz respeito às correlações entre as dimensões de amor e as dimensões da vinculação amorosa, as atitudes “permissiva”, “instrumental” e favorável ao “sexo impessoal” correlacionam-se negativamente com a vinculação amorosa, demonstrando maior intensidade no *AE.F*. Os indivíduos com um estilo de vinculação segura demonstram maior abertura à exploração psicosexual, sujeitos com estilo de vinculação mais ansioso revelam maior dependência do parceiro e sujeitos mais evitantes possuem menos intimidade, sendo que seria de esperar que as atitudes mais permissivas correspondessem a estilos de vinculação mais seguros e abertos a novas experiências e, conseqüentemente mais favoráveis ao “sexo impessoal”(Monteoliva & Garcia-Martinez, 2005; Butzer & Campbell, 2008; Stefanou & McCabe, 2012).

No mesmo sentido, foi possível identificar uma correlação positiva entre a intimidade e a dimensão confiança, tanto em *AE.F* como em *AE.M*, e uma correlação negativa entre o

compromisso e a dimensão evitamento em ambos os grupos, tendo igualmente em conta a perspetiva temporal (passado, presente e futuro). Deste modo, as correlações encontradas vão ao encontro da literatura, visto que indivíduos com estilo de vinculação segura têm maiores níveis de intimidade no relacionamento (Monteoliva & García-Martínez, 2005; Butzer & Campbell, 2008; Stefanou & McCabe, 2012) e indivíduos com um estilo de vinculação mais evitante são tendencialmente menos comprometidos nas suas relações amorosas (DeWall et al., 2011). Observa-se igualmente, como era expectável, uma correlação negativa entre o compromisso e o evitamento. Tal pode ser explicado pela existência de uma procura constante de novidade, promovendo o evitamento da continuidade, sendo que a dimensão compromisso envolve fatores tais como a intimidade psicológica, a monogamia e a dedicação a um só relacionamento amoroso.

Numa das entrevistas realizadas, foi possível perceber o conflito entre novidade e continuidade, ou seja, a “contradição” entre as dimensões de evitamento e compromisso. Com efeito, o sujeito A referiu que não se comprometia com ninguém para evitar trair, sendo que o seu objetivo principal era, no momento, a procura de novos e variados envolvimentos, demonstrando de igual modo uma atitude permissiva e instrumental: *“O conceito de fidelidade é relativo para mim, não quero compromissos sérios com ninguém, precisamente para não ter essa questão...desde que seja fiel a mim mesmo o resto pouco importa”*.

Foram igualmente encontradas, em ambos os grupos, correlações positivas do amor global (passado, presente e futuro) com a dimensão dependência e correlações negativas com a dimensão ambivalência. Tal poderá ser explicado pelo próprio significado das dimensões, visto que a dependência é caracterizada pela necessidade de proximidade física e emocional, ansiedade de separação e medo da perda, enquanto a dimensão ambivalência é caracterizada, de um modo geral, por dúvidas no que diz respeito ao papel desempenhado na relação e incertezas relativas às emoções face ao companheiro (Matos & Costa, 2001).

No que se refere ao sexto problema, centrado nas relações entre vinculação ao pai e à mãe e vinculação amorosa, as hipóteses H_{6a} , H_{6b} e H_{6c} foram apenas parcialmente corroboradas, pois embora se tenha observado o valor preditivo de dimensões específicas da vinculação aos pais em relação às dimensões da vinculação amorosa, estes valores foram modestos e apenas em relação a determinados componentes destas variáveis.

Inicialmente, foi possível explorar a existência de diferenças de género quanto às dimensões correspondentes à vinculação ao pai e à mãe, sendo que as raparigas evidenciaram maior qualidade do laço emocional na vinculação ao pai e à mãe, o que poderá estar associado a uma maior valorização das dimensões emocionais e expressivas (Johnson, 2004).

Assim, observou-se no subgrupo masculino que uma menor dependência na vinculação ao par amoroso parece ser predita pela menor ansiedade de separação ao pai e o evitamento parece ser predito por baixos valores de qualidade do laço emocional (ao pai e à mãe) e superiores valores de ansiedade de separação ao pai. Relativamente à dimensão ambivalência na vinculação ao par amoroso, quanto maior for, menor será a qualidade do laço emocional e maior a ansiedade de separação (ao pai e à mãe).

Quanto ao subgrupo feminino, a confiança ao par amoroso parece ser predita pela qualidade do laço emocional na vinculação à mãe, e a dependência pela ansiedade de separação (ao pai e à mãe) e pior qualidade do laço emocional ao pai. Por fim, a ambivalência parece ser predita pela inibição da exploração e individualidade do pai, e globalmente pela vinculação à mãe. Neste caso, o evitamento ao par amoroso não parece ser predito pela vinculação aos pais.

É de salientar, igualmente, a proximidade entre as medidas de vinculação aos pais e ao par amoroso que, de certo modo, contribuem para a associação próxima entre dimensões, como a ligação observada entre a ansiedade de separação ao pai e/ou à mãe e a dependência ao par amoroso (Matos, Barbosa, & Costa, 2001), ou da capacidade preditiva da qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação ao pai e à mãe em relação ao evitamento e/ou à ambivalência ao par amoroso. Tais resultados poderão ser corroborados tendo em consideração as perspetivas clássicas da vinculação, de acordo com as quais os modelos internos tendem a desfrutar de alguma estabilidade, resultando no estabelecimento de bases definidoras das expectativas e comportamentos de vinculação em múltiplos contextos relacionais (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1980).

Em suma, a literatura revela-nos que, tal como observado neste estudo, a qualidade da vinculação parental influenciará com mais ou menos intensidade o estabelecimento de laços afetivos e amorosos (Seiffge-Krenke, Shulman & Klessinger, 2001). Os padrões vinculativos que unem os adultos emergentes às figuras parentais tendem a funcionar como modelos

vinculativos das relações românticas, com identificação mimética diferencial, segundo o género.

No que se refere ao sétimo problema, referente às correlações entre atitudes sexuais, vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe, foi possível corroborar as hipóteses H_{7a} , H_{7b} , H_{7c} e H_{7d} , assinalando-se diferenças significativas entre *AE.F* e *AE.M*, tal como teoricamente expectável.

Relativamente às correlações entre as dimensões das atitudes sexuais e a vinculação amorosa, foi possível constatar que a dimensão confiança da vinculação amorosa se correlaciona positivamente com as dimensões instrumentalidade e práticas sexuais das atitudes sexuais, enquanto a dimensão dependência se correlaciona positivamente com a dimensão instrumentalidade, no grupo do *AE.M*.

No que diz respeito às correlações entre as dimensões das atitudes sexuais e a vinculação ao pai e à mãe, constata-se que as atitudes sexuais de “permissividade”, “instrumentalidade” e “sexo impessoal” se correlacionam negativamente com a “inibição da exploração e da individualidade” na vinculação aos pais, ao passo que a atitude sexual de “comunhão” se correlaciona positivamente com a “qualidade do laço emocional” na vinculação aos pais e negativamente com a “ansiedade de separação e dependência” na vinculação aos pais.

As correlações encontradas, no âmbito do sétimo problema, podem ser explicadas na literatura, onde se destaca o facto dos indivíduos seguros serem mais propensos a utilizar o sexo para atender aos seus desejos sexuais, com soluções mutuamente satisfatórias para os relacionamentos de longo prazo ou casamento. No entanto, indivíduos inseguros-ambivalentes tendem a apresentar maior complexidade nas suas atitudes, podendo utilizar o sexo para obterem proximidade e intimidade, e desta forma satisfazerem as suas necessidades de segurança e amor, com o risco de se focarem em excesso em si mesmos e não atenderem às necessidades do parceiro amoroso. Por fim, os indivíduos inseguros-evitantes tendem a apresentar preferência pelo sexo impessoal, utilizando o sexo como forma de “controlar” o seu parceiro ou aumentar a sua autoestima, correndo o risco de “caírem” na promiscuidade sexual (Mikulincer & Shaver, 2007).

Deste modo, atendendo em particular às atitudes “permissivas” e “instrumentais”, era expectável a presença de uma vinculação insegura aos pais, em oposição a uma vinculação

segura, pois essas atitudes sexuais refletem relações sem envolvimento emocional, sem vínculos e desejo de proximidade (Hendrick, Hendrick & Reich, 2006).

De um modo geral, com as entrevistas psicosssexuais realizadas aos quatro adultos emergentes, foi igualmente possível perceber que os *AE.F* assumem uma postura mais “afetiva/vinculativa” ao nível da sexualidade, defendendo a monogamia e não dissociando amor de sexo.

Relativamente às entrevistas dos *AE.M*, constataram-se, por outro lado, atitudes claramente hedonistas ao nível da sexualidade, existindo uma nítida dissociação entre o amor (ou o vínculo afetivo/amoroso) e a motivação para a atividade sexual. Nestes sujeitos, a motivação para a novidade dissolve a motivação para a continuidade, sendo que o compromisso não é visto como crucial para o presente, mas projetado somente para o futuro.

Conclusões

Com a realização desta dissertação de mestrado procurou-se compreender as relações dos sistemas envolvidos nas vivências amorosas e sexuais no adulto emergente, comparando algumas características psicosssexuais entre o *AE.F* e o *AE.M*.

No que diz respeito aos dados quantitativos, foi possível constatar diferenças entre *AE.F* e *AE.M* ao nível do amor, das atitudes sexuais, da vinculação amorosa e da vinculação ao pai e à mãe, não se verificando quaisquer diferenças significativas apenas ao nível da orientação sexual.

No que concerne às componentes do amor de Sternberg, os *AE.F* apresentaram, comparativamente com os *AE.M*, níveis mais elevados de intimidade, compromisso e amor global.

Por outro lado, no que diz respeito à orientação sexual, embora não tenham sido encontradas diferenças significativas entre géneros, podemos observar que os *AE.F* revelaram maior fluidez na orientação sexual, enquanto os *AE.M*, demonstraram uma rigidez heteronormativa, que vai ao encontro dos *scripts* sexuais ainda vigentes.

Relativamente às atitudes sexuais, os *AE.M* apresentaram, comparativamente com os *AE.F*, valores mais elevados de permissividade, práticas sexuais e instrumentalidade, tendo revelado atitudes mais hedonistas (permissivas, impessoais) e, paralelamente, mais intimidade física e psicológica. Os *AE.F* apresentaram valores mais elevados na dimensão comunhão, constatando-se uma maior permissividade nos homens, quando comparados com as mulheres.

Ao nível da vinculação amorosa, evidenciaram-se diferenças entre os *AE.F* e os *AE.M*, sendo que os *AE.F* revelaram valores mais elevados nas dimensões confiança e dependência, comparativamente aos *AE.M* que revelaram valores mais elevados nas dimensões ambivalência e evitamento.

No que se refere à vinculação ao pai e à mãe, os *AE.F* revelaram valores mais elevados nas três dimensões (qualidade do laço emocional, inibição da exploração e individualidade e ansiedade de separação e dependência) para o pai, comparativamente aos *AE.M*. No entanto, quando analisamos estas dimensões relativamente à mãe, constatamos que os *AE.M* apresentam valores mais elevados nas dimensões ansiedade de separação e

dependência e inibição da exploração e individualidade, comparativamente aos *AE.F* que revelam valores mais elevados na qualidade do laço emocional à mãe.

Relativamente ao estudo correlacional (correlações do amor, atitudes sexuais e vinculação amorosa), foi possível verificar algumas relações no grupo dos *AE.F* e os *AE.M*.

Assim, tentando perceber a relação das variáveis estudadas nas correlações do amor ao nível de uma categoria mais abrangente, efetuaram-se as mesmas análises correlacionais com as dimensões do amor (com perspectiva temporal).

No grupo dos *AE.F*, foi possível verificar que os elevados níveis de intimidade (passado) encontram-se associadas a níveis maiores de práticas sexuais, confiança e dependência, correlacionam-se negativamente com a dimensão evitamento. Níveis mais elevados de paixão (passado) encontram-se associadas a níveis maiores de práticas sexuais, instrumentalidade, confiança e dependência, correlacionam-se, também, negativamente com a dimensão evitamento. Níveis mais elevados de compromisso (passado) se encontram associados a uma maior permissividade, a níveis elevados das práticas sexuais e maior confiança.

Com este estudo foi possível verificar que, os indivíduos com níveis mais elevados de amor global (passado) possuem maiores práticas sexuais, maiores níveis de confiança e dependência e correlacionam-se negativamente com o evitamento.

No grupo dos *AE.M*, foi possível verificar que os elevados níveis de paixão (passado) encontram-se associadas a níveis maiores de confiança e correlacionam-se negativamente com a dimensão evitamento. Níveis mais elevados de compromisso (passado) encontram-se associados a níveis maiores de instrumentalidade e dependência. Assim, foi possível verificar que, os indivíduos com níveis mais elevados de amor global (passado) possuem maiores níveis de instrumentalidade e dependência.

No que diz respeito ao grupo dos *AE.F*, constatou-se que indivíduos com valores maiores de intimidade (presente), paixão (presente), compromisso (presente) e amor global (presente) apresentam maiores níveis de confiança e dependência, correlacionando-se negativamente com o evitamento e a ambivalência. Comparativamente, os *AE.M* que apresentam valores mais elevados de paixão (presente) evidenciaram valores mais elevados de práticas sexuais, instrumentalidade e confiança, correlacionando-se negativamente com o evitamento. Níveis elevados de compromisso (presente) e amor global (presente) revelam

níveis superiores de instrumentalidade e confiança, correlacionando-se negativamente com o evitamento.

Por fim, verificou-se que os *AE.F* com valores elevados de intimidade (futuro), paixão (futuro) e amor global (futuro), apresentam maiores valores de confiança e dependência, correlacionando-se negativamente com o evitamento e ambivalência. Níveis maiores compromisso (futuro) revelam níveis superiores de práticas sexuais, confiança e dependência, correlacionando-se negativamente com o evitamento. Contudo, não foram encontradas diferenças significativas ao nível da dimensão compromisso (futuro) no grupo dos *AE.M*.

Relativamente ao segundo estudo correlacional (correlações das atitudes sexuais, vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe), foi possível verificar, também, algumas relações no grupo dos *AE.F* e os *AE.M*.

No grupo dos *AE.F*, foi possível verificar que os elevados níveis de comunhão encontram-se associados a níveis maiores de ansiedade de separação e dependência ao pai e maiores níveis de instrumentalidade revelam elevados valores de ansiedade de separação ao pai e à mãe. Comparativamente, nos *AE.M* níveis mais elevados de práticas sexuais relacionam-se com níveis maiores de confiança e níveis superiores de instrumentalidade associam-se a níveis maiores de confiança e dependência. A dimensão permissividade correlaciona-se negativamente com a qualidade do laço emocional à mãe e a dimensão comunhão correlaciona-se negativamente com a qualidade do laço emocional ao pai.

Finalmente, no que se refere ao terceiro estudo correlacional (correlações da vinculação amorosa e vinculação ao pai e à mãe), foi possível verificar algumas relações no grupo dos *AE.F* e os *AE.M*, embora não muito significativas. Assim, nos *AE.F* com valores elevados de confiança associam-se valores maiores de inibição da exploração e individualidade e valores maiores de dependência evidenciam valores maiores da dimensão qualidade do laço emocional à mãe. Nos *AE.M* não se verificaram diferenças significativas.

Deste modo, integrando estes resultados com as entrevistas psicossexuais realizadas, constatou-se que os *AE.F* apresentaram um maior nível de conservadorismo, adotando atitudes e comportamentos tradicionais e considerados como normativos.

Por conseguinte, ainda integrando alguns dos resultados quantitativos apresentados com as entrevistas psicossexuais realizadas, verificou-se que os *AE.M* apresentaram uma maior abertura no que diz respeito à sexualidade, assumindo atitudes mais permissivas,

impessoais e instrumentais relativamente ao sexo, apresentando uma postura mais hedonista, vincada no prazer imediato. Comparativamente os *AE.F* revelaram uma maior fluidez ao nível da orientação sexual.

Considera-se, assim, pertinente mencionar, neste capítulo, algumas limitações e recomendações para estudos futuros, decorrentes de uma atitude reflexiva perante a investigação apresentada.

No que diz respeito às limitações deste estudo, o primeiro grande constrangimento revela-se perante o escasso número de sujeitos *AE.M* ($n=14$), em detrimento do número de *AE.F* ($n=66$). A reduzida amostra de *AE.M* leva a que não seja possível fazer uma generalização fidedigna dos resultados, visto que o tamanho deste grupo não corresponde a uma amostra representativa dos *AE.M* existentes em Portugal, principalmente em comparação com os *AE.F* integrantes da amostra total.

Deste modo, teria sido pertinente a realização de estudos de diferenças entre géneros com amostras mais representativas e equilibradas no que se refere ao número de elementos de cada grupo, tal aumentaria o número de dados estatisticamente significativos, bem como daria a possibilidade da realização de estudos preditores.

Neste sentido, recomenda-se que, em estudos futuros, se tenha em consideração o controlo destes dados de forma a possibilitar uma amostra mais abrangente, bem como a realização de um estudo longitudinal neste âmbito. Um estudo longitudinal neste tema daria a possibilidade de perceber empiricamente o conceito de adultez emergente na atualidade, tendo em conta as novas questões relacionadas com o amor e a sexualidade.

Em conclusão, ainda que possua algumas limitações, o presente estudo constitui-se como um relevante contributo para a comunidade científica, tendo em conta que, através deste, foram apresentados importantes resultados, consolidados pelo estudo da diferença de géneros e correlações referentes às temáticas do amor e da sexualidade, num período etário ainda pouco estudado, a adultez emergente. Deste modo, verificou-se, que a adultez emergente assume um marcante período da vida, não só a nível identitário mas também ao nível do amor e da sexualidade, tendo repercussão nas relações românticas na vida adulta.

Referências bibliográficas

- Adams, R.E., Laursen, B., & Wilder, D. (2001). Characteristics of closeness in adolescent romantic relationships. *Journal of Adolescence*, 24(3), 353-363.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. (1991). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*, (33-51). New York, NY: Routledge
- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Alferes, V. R. (1999). Escala de atitudes sexuais. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. A. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 131-148). Braga: SHO/APPORT.
- Alferes, V. R. (2004). Sexualidade e Psicologia Social. *Psychologica, Extra-Série*, 585-599.
- Alferes, V. R. (2010). Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 125-186). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2007). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior*. Coimbra: Formasau.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469 - 480.
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the Transition to Adulthood: Perspectives From Adolescence Through Midlife. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133-143.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: the winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: what is it, and what is it good for?. *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73.

- Arseth, A. K., Kroger, J., Martinussen, M., & Marcia, J. E. (2009). Meta-analytic studies of identity status and the relational issues of attachment and intimacy. *Identity, 9*, 1 – 32. doi: 10.1080/15283480802579532.
- Assunção, R. & Matos, P. (2010). A Vinculação Parental e Amorosa em Adolescentes: O Papel da Competência Interpessoal e da Tomada de Perspetiva. *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1574-1588). Braga: U. Minho.
- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P. M. (2012). Identity in university students: The role of parental and romantic attachment. *Journal of Adolescence, 35*, 133-142.
- Bagarozzi, D. A. (2008). Understanding and Treating Marital Infidelity: A Multidimensional Model. *The American Journal of Family Therapy, 36*(1), 1–17. doi: 10.1080/01926180601186900
- Bardin, L. (2013). *Análise de Conteúdo* (4ªEd.). Lisboa: Edições 70.
- Barry, R. A. (2010). *Romantic Disengagement as a developmental process that contributes to marital distress and decline* (Tese de Doutorado não publicada, University of Iowa).
- Barry, R. A., Lawrence, E., & Langer, A. (2008). Conceptualization and assessment of disengagement in romantic relationships. *Personal Relationships, 15*(3), 297-315. doi: 10.1111/j.1475-6811.2008.00200.x
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*(2), 226- 244.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bergstrand, C. & Williams, J. B. (2000). Today's alternative marriage styles: the case of swingers. *Electronic Journal of Human Sexuality, 3*, acessado em: www.ejhs.org/volume3/swing/body.htm
- Bertoldo, R. B. & Barbara, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF, 11*(2), 229-237.
- Birnbaum, G. E., Reis, H. T., Mikulincer, M., Gillath, O., & Orpaz, A. (2006). When Sex Is More Than Just Sex: Attachment Orientations, Sexual Experience, and Relationships Quality. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*(5), 929-943. doi: 10.1037/0022-3514.91.5.929
- Bowlby, J. M. (1969/ 1982). *Attachment and loss* (2 ed.). New York: Basic Books.

- Brassard, A., Dupuy, E., Bergeron, S., & Shaver, P. R. (2015). Attachment Insecurities and Women's Sexual Function and Satisfaction: The Mediating Roles of Sexual Self-Esteem, Sexual Anxiety and Sexual Assertiveness. *Journal of Sex Research, 52*(1), 110-119. doi: 10.1080/00224499.2013.838744
- Brassard, A., Péloquin, K., Dupuy, E., Wright, J., & Shaver, P. R. (2012). Romantic Attachment Insecurity Predicts Sexual Dissatisfaction in Couples Seeking Marital Therapy. *Journal of Sex & Marital Therapy, 38*(3), 245-262. DOI: 10.1080/0092623X.2011.606881
- Brennan, K. A., Shaver, E. R., & Tobey, A. E. (1991). Attachment styles, gender, and parental problem drinking. *Journal of Social and Personal Relationships, 8*, 451-466.
- Brown, B.B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence (1-18)*. New York: Cambridge University Press.
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal relationships, 15*(1), 141-154. doi: 10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x
- Cassidy, T., & Sintrovani, P. (2008). Motives for parenthood, psychosocial factors and health in women undergoing IVF. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 26*, 4-17. doi:10.1080/02646830701691392.
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, C. Feiring, & B. B. Brown (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 123-147). New York, NY: Cambridge University Press.
- Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology, 60*, 631-652.
- Connolly, J.A., & Goldberg, A. (1999). Romantic relationships in adolescence. The role of friends and peers in their emergence and development. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 266-290). Cambridge: Cambridge University Press.
- Correia, F. & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa: Papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica, 1*(34), 15-29.

- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições ASA.
- Côté, J., & Bynner, J. M. (2008). Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada: The role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies, 11*, 251-268. doi: 10.1080/13676260801946464.
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (4th Ed.). Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Creswell, J. W., & Clark, V. L. P. (2011). *Designing and Conducting Mixed Methods Research* (2nd Ed.). Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Davis, D., Shaver, P., & Vernon, M. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality and Social Psychology Bulletin, 30*(8), 1076-1090.
- Day, J. M., & Jesus, P. (2013). Epistemic Subjects; Discursive Selves, and Dialogical Self Theory in the Psychology of Moral and Religious Development: Mapping Gaps and Bridges. *Journal of Constructivist Psychology, 26*(2), 137-148. doi: 10.1080/10720537.2013.759030
- DeWall, C. N., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond, R. S., Deckham, T., Finkel, E. J., Luchies, L. B., & Fincham, F. D. (2011). So Far Away From One's Partner, Yet So Close to Romantic Alternatives: Avoidant Attachment, Interest in Alternatives, and Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 101*(6), 1302-1316. doi: 10.1037/a0025497
- Diamond, L. M. (2003). New Paradigms for Research on Heterosexual and Sexual-Minority Development. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*(4), 490-498. doi: 10.1207/S15374424JCCP3204_1
- Diamond, L. M. (2009). *Sexual fluidity: understanding women's love and desire*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Donas-Botto, S., F., V. (2012). *Vinculação em jovens adultos: processo de individuação em contexto universitário*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.
- Durão, A. (2015). *Amor, Sexualidade e (Des)investimento Romântico: Um Estudo Misto com Casais Swingers e Não Swingers*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.
- Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 428-439.

- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1968). *Identidade: Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fagundes, C. P., & Schindler, I. (2012). Making of romantic attachment bonds: Longitudinal trajectories and implications for relationship stability. *Personal Relationships, 19*(4), 723-742. doi: 10.1111/j.1475-6811.2011.01389.x
- Falcke, D. & Zordan, E. (2010). Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 2*(62), 143-155.
- Feeney, B. C., & Vleet, M. V. (2010). Growing through attachment: The interplay of attachment and exploration in adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships, 27*(2), 226-234.
- Feeney, J. A. (2008). Adult romantic attachment. Developments in the study of couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 456-481). New York: The Guilford Press.
- Feiring, C. (1996). Concept of romance in 15 year-old adolescents. *Journal of Research on Adolescence, 6*, 181-200.
- Fernandes, M. (2016). *Adulter emergente e a (co)construção da intimidade: o impacto da vinculação à mãe, ao pai e ao par romântico*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ferry, L. (2007). *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Freitas, V. & Mota, C. P. (2015). Implicações da vinculação amorosa e suporte social na autoestima em jovens universitários. *Análise Psicológica, 3*(33), 303-315 doi: 10.14417/ap.863.
- Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, métodos e técnicas*. (3ªEd). Lisboa: Instituto Piaget.
- Genero, N. P., Miller, J. B., Surrey, J., & Baldwin, L. M. (1992). Measuring perceived mutuality in close relationships: Validation of the Mutual Psychological Development Questionnaire. *Journal of Family Psychology, 6*, 36-48.
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Goffman, E. (1959). *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Anchor Books.

- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia, 14*(1), 31-39.
- Grossmann, K., Grossmann, K., Winter, M., & Zimmermann, P. (2002). Attachment relationships and appraisal of partnership: from early experience of sensitive support to later relationship representation. In L. Pulkkinen & A. Caspi (Eds.), *Paths to successful development: Personality in the life course* (pp. 73-105). Cambridge: University of Cambridge.
- Hanns, L. (2014). *A Equação do Casamento: O que pode (ou não) ser mudado na sua relação*. Amadora: Vogais.
- Hanson, W. E., Creswell, J. W., Clark, V. L. P., Petska, K. S., & Creswell, J. D. (2005). Mixed Methods Research Designs in Counseling Psychology. *Journal of Counseling Psychology, 52*(2), 224-235. doi 10.1037/0022-0167.52.2.224
- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (2007). Passionate love and sexual desire: Multidisciplinary perspectives. In J. P. Forgas (Ed.) *Personal Relationships: Cognitive, Affective, and Motivational Processes*. 10th Sydney Symposium of Social Psychology, Sydney, Australia.
- Acedido em: www.sydneysymposium.unsw.edu.au/2007/Chapters/HatfieldSSSP07.pdf
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5*, 1-22.
- Hermans, H., & Hermans-Konopka, A. (2010). *Dialogical Self Theory: Positioning and Counter-Positioning in a Globalizing Society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hill, C. A. (1991). Seeking emotional support: The influence of affiliative need and partner warmth. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 112-121.
- Infante, T. J. M., & Garcés, J. R. N. (2011). El amor medido por la Escala Triangular de Sternberg. *Psicolatina, 22*, 1-10.
- Jesus, P. (2010). *Entrevista Narrativa Psicosexual para Adultos (Individual)*. Documento cedido pelo autor.
- Jesus, P. (2010). On the openness of desire: meaning-construction and dialogical processes in the swing experience. *Sexologies: Revue Européenne de Santé Sexuelle / European Journal of Sexual Health, 19*(1), 51-52.

- Jesus, P. (2010). Processos de análise narrativa: Desenvolvimento e personalidade como ser-em-estórias. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, (pp. 1724-1738). Braga: Universidade do Minho.
- Jesus, P. (2013). Self as future: Vocational life-narratives and identity exploration in adolescence. In V. Ortuño & P. Cordeiro (Eds.), *International Studies in Time Perspective* (pp. 25-32). Coimbra: Coimbra University Press
- Keniston, K. (1971). *Youth and Dissent: The Rise of a New Opposition*. New York: Harcourt.
- Langer, N. (2009). Late Life Love and Intimacy. *Educational Gerontology*, 35(8), 752–764. doi: 10.1080/03601270802708459
- Laursen, B., & Williams, V.A. (1997). Perceptions of interdependence and closeness in family and peer relationships among adolescents with and without romantic partners. In S. Shulman & W.A. Collins (Eds.), *Romantic relationships in adolescence: Developmental perspectives* (pp. 3–20). San Francisco: Jossey-Bass.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 38-67). New York: Yale University.
- Levinson, D. J. (1978). *The Seasons of a Man's Life*. New York: Ballantine.
- Levy, K.N., Shaver, P.R. & Blatt, J.S. (1998). Attachment Styles and Parental Representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(2), 407-419.
- Levy, M. B., & Davis, K. E. (1988). Love styles and attachment styles compared: Their relations to each other and to various relationship characteristics. *Journal of Social and Personal Relations*, 5, 439-471.
- Logle, C. (2012). The Case for the World Health Organization's Commission on the Social Determinants of Health to Address Sexual Orientation. *American Journal of Public Health*, 102(7), 1243-1246. doi: 10.2105/AJPH.2011.300599
- Macedo, L. S. R. & Silveira, A. C. (2012). Self: Um Conceito em Desenvolvimento. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(52), 281-289. doi:10.1590/S0103-863X2012000200014
- Marcia, J. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Mark, E. W. & Alper, G. T. (1980). Sex Differences In Intimacy Motivation. *Psychology of Women Quarterly*, 5(2), 164-169.
- Martinez Alvarez, J. L. (2000). Experiencias heterossexuales en la adolescencia: implicaciones para la educación sexual. *Revista de Psicologia General y Aplicada*, 53(1), 191-209.

- Martins-Silva, P. O., Trindade, Z. A. & Silva-Junior, A. (2013). Teorias Sobre o Amor no Campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 33(1), 16-31.
- Masters, N. T., Casey, E., Wells, E. A., & Morrinson, D. M. (2013). Sexual Scripts among Young Heterosexually Active Men and Women: Continuity and Change. *Journal of Sex Research*, 50(5), 409–420. doi: 10.1080/00224499.2012.661102
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *RIDEP - Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 11(1), 93-109.
- McAdams, D. P. (1996). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: Guilford.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5(2), 100-122.
- McCormick, N. B. (2010). Preface to sexual scripts: social and therapeutic implications. *Sexual and Relationship Therapy*, 25(1), 91-95. doi: 10.1080/14681990903563707
- Meier, A., & Allen, G. (2008). Intimate relationship development during the transition to adulthood: Differences by social class. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 119, 25–39.
- Mendão, A. C. M. (2015). *Percepção de risco no One-night Stand: um estudo com adultos emergentes*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Évora.
- Mendonça, M. (2007). *Processo de transição e percepção de adultez: análise diferencial dos marcadores identitários em jovens e trabalhadores*. (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood. Structure, dynamics, and change*. New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2008). Adult attachment and affect regulation. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 503-531). New York: The Guilford Press.
- Moe, J. L., Reicherzer, S., & Dupuy, P. J. (2011). Models of Sexual and Relational Orientation: A Critical Review and Synthesis. *Journal of Counseling & Development*, 89(2), 227-233. doi: 10.1002/j.1556-6678.2011.tb00081.x

- Monteiro, S., Tavares, J. & Pereira, A. (2009). Adulterez emergente: na fronteira entre a adolescência e a adulterez. *Revista ambiente e educação*, 2(1), 129-137.
- Monteoliva, A., & García-Martínez, J. M. A. (2005). Adult Attachment Style and Its Effect on the Quality of Romantic Relationships in Spanish Students. *The Journal of Social Psychology*, 145(6), 745-747. doi: 10.3200/SOCP.145.6.745-747
- Moreira, H., Amaral, A. & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-indivduação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Moura, O. V., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interpaparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
- Moura, P. R. G., Silva, A. L. S., Souza, D. O. G., & Del Pino, J. C. (2012). Abordagem Hermenêutica no Âmbito das Ciências Naturais. In *Anais do XVII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Cruz Alta: Universidade de Cruz Alta.
- Narciso, I. (2002). Janela com vista para a Intimidade. *Psychologica*. 31, 49-62.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Narciso, I., Costa, M., & Pina Prata, F. (2002) Intimidade e compromisso pessoal ou “aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-88.
- Oleiro, J. (2011). *Intimidade nos jovens adultos em contexto de relação amorosa: a influência do sexo e da idade*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Orlofsky, J. L., Marcia, J. E., & Lesser, I. M. (1973). Ego identity status and the intimacy versus isolation crisis of young adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27(2), 211-219.
- Pereira, H., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Grelha de Orientação Sexual de Klein. Em I. Leal & J. Maroco (Eds.), *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade* (pp. 27-41). Porto: Legis editora/Livpsic.
- Perel, E. (2008). *Amor e desejo na relação conjugal*. Lisboa: Editorial Presença.

- Pittman, J. F., Keiley, M. K., Kerpelman, J. L., & Vaughn, B. E. (2011). Attachment, identity, and intimacy: parallels between Bowlby's and Erikson's paradigms. *Journal of Family Theory and Review*, 3, 32–46. doi: 0.1111/j.1756-2589.2010.00079.x.
- Prager, K. J. (1995). *The psychology of intimacy*. New York: Guilford Press.
- Prager, K. J., & Roberts, L. J. (2004). Deep intimate connection: Self and intimacy in couple relationships. In D. J. Mashek & A. P. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 43-60). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Reis, M., Ramiro, L., Gaspar de Matos, M., & Diniz, J. A. (2012). Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 30(2), 105-114.
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde* (3ª Ed.). Porto: Legis editora/Livpsic.
- Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso* (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: o papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 29(2), 185-200.
- Rosset, S. M. (2004). *O casal de cada dia*. Curitiba: Sol.
- Runkel, H. E., & Runkel, J. (2011). *Casamento sem gritos: Discutir menos e comunicar mais para viver um relacionamento feliz*. Lisboa: Pergaminho.
- Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing Intimacy: The PAIR Inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7, 47-60.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: a new look at developmental processes of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 117, 1-22.
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships*, 1, 23-43.
- Schmitt, S. & Imbelloni, M. (2011). Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea. *Psicologia.PT: O portal dos psicólogos*, 1-9. Acedido em: www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf

- Seiffge-Krenke I., Shulman S., & Klessinger, N. (2001). Adolescent precursors of romantic relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(3), 327–346.
- Shulman, S., & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviors and perceptions: Age- and gender-related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Adolescence*, 10, 99-118.
- Silva, H. A. (2010). Abordagem Fenomenológica-Hermenêuticas. *Ágora – Revista Eletrônica*, 5(10), 54-58.
- Silvério, M. (2014). Gênero, sexualidade e swing: a ressignificação de valores através da troca de casais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 18, 111-139.
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1984). Sexual scripts. *Society*, 22(1), 53-60. doi: 10.1007/BF02701260
- Simon, W., & Ganon, J. H. (2003). Sexual Scripts: Origins, Influences and Changes. *Qualitative Sociology*, 26(4), 491-497. doi: 10.1023/B:QUAS.0000005053.99846.e5
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45.
- Souza, L. & McCarthy, S. (2010). Ritos de Passagem da Adolescência à Vida Adulta: Diferenças Etárias e de Gênero. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 3(2), 124-135.
- Sprecher, S., & Hendrick, S. S. (2004). Self-disclosure in intimate relationships: Associations with individual and relationship characteristics over time. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23, 857-877.
- Sprecher, S., & Regan, P. M. (2000). Sexuality in a relational context. In C. Hendrick & S. S. Hendrick (Eds.), *Close relationships: A sourcebook* (pp. 217-227). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Stefanou, C., & McCabe, M. (2012). Adult Attachment and Sexual Functioning: A Review of Past Research. *Journal of Sexual Medicine*, 9(10), 2499-2507. doi: 10.1111/j.1743-6109.2012.02843.x
- Sternberg, R. J. (1986). A Triangular Theory of Love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. doi: 10.1037/0033-295X.93.2.119
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335.
- Sternberg, R. J. (2013). Searching for love. *The Psychologist*, 26(2), 98-101.

- Sternberg, R. J., Hojjat, M., & Barnes, M. L. (2001). Empirical Test of Aspects of a Theory of Love as a Story. *European Journal of Personality, 15*(3), 199-218. doi: 10.1002/per.405
- Tanner, J. (2006). Recentering during emerging adulthood: A critical turning point in life span human development. In J. Arnett & J. Tanner (Orgs.), *Emerging adults in America: Coming of the Age in the 21st century* (pp. 21-55). Washington, DC: American Psychological Association.
- Trinke, J. S., & Bartholomew (1997). Hierarchies of Attachment Relationships in Young Adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*(5), 603-625.
- Tuval-Mashiach, R., Walsh, S., Harel, S. & Shulman, S. (2008). Romantic Fantasies, Cross-Gender Friendships, and Romantic Experiences in Adolescence. *Journal of Adolescent Research, 23*(4), 471-487.
- Twentyman, C. , Boland, T., & McFall, R. M. (1981). Heterosocial avoidance in college males. *Behavior Modification, 5*, 523-553.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 111-184). New York: Wiley.
- Welch, R. and Houser, M. (2010). Extending the four-category model of adult attachment: An interpersonal model of friendship attachment. *Journal of Social and Personal Relationships, 27*(3), 351-366.
- Young, R. A., Marshall, S. K., Valach, L., Domene, J. F., Graham, M. D., & Zaidman-Zait, A. (2011). *Transition to adulthood: Action, projects, and counseling*. New York: Springer.
- Yucel, D., & Gassanov, M. A. (2010). Exploring actor and partner correlates of sexual satisfaction among married couples. *Social Science Research, 39*(5), 725-738. doi: 10.1016/j.ssresearch.2009.09.002

Anexo 1 – Entrevista Narrativa Psicosexual para Adultos (Adaptada)

Entrevista Narrativa Psicosexual para Adultos (Adaptada)

Identificação “anónima”:

1. Idade ou ano de nascimento
2. Género
3. Profissão/Ocupação
4. Morada
5. Estado civil
6. Família (idade, profissão e situação conjugal dos pais)
7. Contacto do(a) entrevistado(a)
8. Entrevistador, Local e Data da entrevista

A. AUTODEFINIÇÃO PSICOSSEXUAL

Gostaria de começar por colocar-lhe algumas questões **breves** sobre o modo como se identifica e como vive sexualmente:

A.1. a. Como define a sua orientação sexual atual (hetero, l-g-b-t...)?

b. Tem uma orientação sexual única ou múltipla, persistente ou oscilante?

c. Como foi o seu processo de “descoberta” da sua identidade sexual?

d. Considera que as pessoas LGBT formam uma espécie de comunidade própria? Porquê?

A.2. a. Houve transformações na sua orientação sexual ao longo do tempo (ou na consciência da sua orientação sexual)?

b. Sente ainda alguma dúvida sobre a sua identidade sexual?

c. Desejaria fazer alguma mudança, se fosse possível?

d. A “orientação sexual” nasce com a pessoa e descobre-se com o desenvolvimento ou constrói-se e inventa-se?

e. Qual a “origem” ou “causa” da sua orientação sexual?

- A.3.** Considera o seu corpo e a sua personalidade atraentes? Desejaria mudar algo? Porquê?
- A.4.** Vive uma relação amorosa “estável” no presente? [Pedir para explicar o sentido da “estabilidade/instabilidade” e indicar a frequência de relações com esse(a) companheiro(a).]
- A.5.** Em média, durante a sua juventude e vida adulta qual tem sido a frequência de práticas sexuais por semana [distinguir relações sexuais com outros e auto-erotismo]?
- A.6.** Quais os tipos de práticas eróticas e sexuais que mais lhe agradam (p. ex. beijo, carícia, masturbação, sexo oral, anal, sado-maso, etc.)? Porquê? Explique as suas preferências?
- A.7.** Quantos parceiros(as) sexuais já teve na vida? Que significado tiveram na sua vida?
- A.8.** Costuma utilizar algum método de proteção sexual ou de contraceção? Qual? Ou prefere sexo “natural”?
- A.9.** Sente-se uma pessoa feliz no amor? Porquê? Desejaria fazer alguma mudança?
- A.10.** Sente-se uma pessoa feliz sexualmente? Porquê? Desejaria fazer alguma mudança?

Somente para sujeitos LGBT:

- A.11. a.** Considera que viver uma orientação sexual “minoritária” (do tipo LGBT) provoca experiências sociais e psicológicas especiais (por ex. incompreensões, conflitos...)?
- b.** Que impacto tem a sua “identidade sexual” nas suas relações com familiares e amigos heterossexuais?
- c.** Como reagiram no passado e como reagem no presente os seus próximos (pai, mãe, irmãos, amigos de infância...)?

B. NARRATIVA GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

- B.1.** Gostaria de lhe pedir para contar a história da sua vida amorosa e sexual, desde a infância até ao presente. Pode dividir em diversas etapas ou períodos de vida e recordar as vivências mais marcantes em cada um desses períodos.
- B.2.** Queria pedir-lhe para fazer uma lista dos 10 acontecimentos mais importantes da sua vida (por ordem de importância, incluindo acontecimentos amorosos e sexuais).

C. ACONTECIMENTOS PSICOSEXUAIS SIGNIFICATIVOS

Agora, gostaria de pedir-lhe para descrever alguns episódios marcantes da sua história de vida amorosa e sexual, felizes ou infelizes, mas que considera terem definido a sua personalidade.

C.1. A história ou episódio de amor mais feliz

Poderia contar-nos a sua história de amor mais feliz, descrevendo a pessoa com quem se envolveu, o momento e a situação da sua vida em que aconteceu e a duração que teve? Descreva também o modo como começou e se desenvolveu tal história, incluindo o seu desfecho e o impacto que teve na sua vida e explicando por que a considera a história mais feliz da sua vida amorosa.

C.2. A história ou episódio de amor mais infeliz

Poderia contar-nos a sua história de amor mais **infeliz**, descrevendo a pessoa com quem se envolveu, o momento e a situação da sua vida em que aconteceu e a duração que teve? Descreva também o modo como começou e se desenvolveu tal história, incluindo o seu desfecho e o impacto que teve na sua vida e explicando por que a considera a história mais **infeliz** da sua vida amorosa.

C.3. Uma história transformadora ou reveladora

Considera ter vivido uma experiência afetiva, amorosa ou sexual que, independentemente de ter sido positiva ou negativa, acredita ter sido **transformadora** ou **reveladora** da sua personalidade, marcando uma mudança profunda no seu modo de compreender o amor e a sexualidade? Conte como foi essa experiência, detalhando onde, quando e com quem a viveu; indicando ainda o que sentiu e pensou quando a viveu.

C.4. A história do primeiro amor

Recorda-se do seu **primeiro amor**? Que significado teve, para si, no passado, e que significado continua a ter, no presente? Poderia descrever como viveu essa experiência, indicando onde, quando e com quem? Que sentimentos e pensamentos acompanharam essa experiência? Considera que foi uma experiência feliz? Porquê?

C.5. A história da primeira relação sexual

Recorda-se da sua **primeira relação sexual**? Que significado teve para si, no passado, e que significado continua a ter, no presente? Poderia descrever como viveu essa experiência, indicando onde, quando e com quem? Que sentimentos e pensamentos acompanharam essa experiência? Considera que foi uma experiência feliz? Porquê?

C.6. Uma história ou episódio de arrependimento amoroso ou sexual

Recorda-se de ter vivido alguma história amorosa ou sexual que, por algum motivo, lhe provocou mal-estar e arrependimento? Poderia descrever como viveu essa experiência, indicando onde, quando e com quem? Que sentimentos e pensamentos acompanharam essa experiência e qual a influência que teve posteriormente na sua vida?

C.7. A experiência erótica ou sexual mais feliz

Poderia contar-nos a experiência **erótica** ou **sexual mais feliz da sua vida**, descrevendo a pessoa com quem se envolveu, bem como o momento e a situação em que viveu essa experiência? Descreva também o que pensou e sentiu, e diga qual o impacto que teve na sua vida, explicando por que a considera a experiência mais **feliz**.

C.8. A experiência erótica ou sexual mais infeliz

Poderia contar-nos a experiência **erótica** ou **sexual mais infeliz da sua vida**, descrevendo a pessoa com quem se envolveu, bem como o momento e a situação em que viveu essa experiência? Descreva também o que pensou e sentiu, e diga qual o impacto que teve na sua vida, explicando por que a considera a experiência mais **infeliz**.

C.9. Uma experiência de rejeição e/ou traição

Alguma vez sentiu que o seu amor por alguém foi objeto de rejeição ou de traição? Descreva um (ou alguns) desses episódios marcantes, explicando por que se sentiu rejeitado(a) ou traído(a) e qual o impacto que teve na sua vida. Considera que poderia ter evitado esse(s) episódio(s)? Sente alguma culpa? Ou considera ter sido capaz de encontrar a melhor solução possível?

C.10. Uma experiência de perda

Alguma vez sentiu que perdeu alguém, com especial significado amoroso ou sexual para si? Descreva essa experiência, explicando o motivo dessa perda (por ex., falecimento, separação

física...). Considera que poderia ter evitado esse sofrimento? Sente alguma culpa? Ou considera ter sido capaz de encontrar a melhor solução possível?

C.11. Uma experiência de ruptura amorosa

Alguma vez viveu uma experiência de ruptura e de separação conflituosa com alguém que amava? A ruptura conduziu à separação definitiva ou à reconciliação? Descreva essa experiência, explicando os motivos e analisando as emoções vividas.

C.12. Futuro amoroso e sexual

a. Que experiências amorosas e sexuais gostaria de viver no futuro? Porquê?

b. Que tipo de pessoas gostaria de vir a conhecer? E com quem gostaria de partilhar a sua vida?

c. Quais os seus sonhos ou projetos de amor e erotismo? O que vai fazer concretamente para os realizar? Que obstáculos lhe parece que irão surgir? Tem esperança num futuro melhor do que o passado?

d. Considera que a sua orientação sexual ou os seus desejos sexuais irão mudar no futuro? Porquê?

C.13. Vinculação e multiplicidade

a. Define-se como uma pessoa poli-amórica ou essencialmente monogâmica? Porquê?

b. Recorda-se de viver experiências de estar apaixonado(a) por várias pessoas ao mesmo tempo ou de ter vários namoros ou *flirts* simultâneos? Se sim, que pensamentos e sentimentos lhe provocavam essas experiências? Depois de se comprometer com um parceiro(a), para namorar ou casar, costuma ter relações amorosas ou sexuais com outras pessoas? Como vive essas experiências e que impacto têm na sua vida?

c. Já alguma vez se envolveu afetivamente ou sexualmente com uma pessoa casada ou que tinha outro(a) parceiro(a)? Como aconteceu essa relação e como se sentiu? O que pensa da experiência das pessoas envolvidas em múltiplas relações com “esposos” e “amantes”?

d. Considera que a monogamia é “natural” ou “cultural”? Porquê?

D. VALORES AFETIVOS E SEXUAIS

D.1. Como define amor, paixão e sexo? Qual a relação ótima entre eles?

D.2. Qual a sua definição de felicidade e, em particular, felicidade no amor, na paixão e no casamento?

D.3. Quais foram as suas razões para namorar, casar ou viver com alguém?

D.4. Namora ou vive com alguém? Se sim, como avalia a qualidade da sua vida de “casal”? Considera-se uma pessoa conjugalmente feliz? Porquê? Gostaria de mudar algo?

D.5. Alguma vez pensou em separar-se ou divorciar-se? Porquê? Quais as razões que justificariam uma separação ou divórcio? O que considera imperdoável num namorado(a), amante, companheiro(a) ou esposo(a)?

D.6. Quais as razões pelas quais já teve relações sexuais?

D.7. É a favor da virgindade pré-matrimonial? Porquê?

D.8. É a favor da fidelidade sexual? Porquê? Como define fidelidade amorosa e sexual?

D.9. Considera-se uma pessoa religiosa ou espiritual? Acredita em Deus? Considera que existe alguma relação ou algum conflito entre Religião e Sexualidade? Explique.

D.10. Considera-se uma pessoa moralmente boa? Há alguma relação ou algum conflito entre Moral ou Ética e Sexualidade? Explique.

D.11. Considera-se uma pessoa politicamente interessada? Sente mais simpatia pelas políticas de direita ou de esquerda? Explique.

D.12. Acredita que há um “parceiro(a) ideal” para cada pessoa, uma “alma gémea”? Porquê? Acredita que já encontrou a pessoa ideal para si ou continua à procura? Porquê?

D.13. Qual a pessoa mais feliz que conhece? Qual o “casal” mais feliz que conhece? Explique por que os considera felizes.

Anexo 2 – Apresentação e Consentimento Informado

Projeto de Investigação: Apresentação e Consentimento Informado (Questionário Online)

Dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde
Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Agradecemos a tua disponibilidade e interesse para participar neste estudo. Pretendemos compreender melhor as relações afetivas, amorosas e sexuais do jovem adulto. A participação é voluntária e acreditamos que pode ser uma experiência gratificante, pois é uma oportunidade de reflexão que aumenta o autoconhecimento numa área de grande importância: o amor e a sexualidade.

Neste inquérito *online*, propomos um conjunto de questionários diferentes. O processo de responder demora cerca de uma hora. Em geral, as questões são de escolha múltipla ou de seleção de respostas rápidas. Portanto, responde com espontaneidade, de acordo com os teus sentimentos, opiniões pessoais e as tuas experiências de vida. Os resultados serão válidos apenas se as tuas respostas forem completas e sinceras.

Esta investigação é realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Dra. Márcia Silva (marcia_fpintosilva@hotmail.com; 91 70 99 337), com orientação do Prof. Paulo Jesus (pauloj@upt.pt), da Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Porto, Portugal).

Se tiveres questões, dúvidas ou sugestões, não hesites em contactar-nos! Do ponto de vista técnico, podes fazer intervalos para melhor gerires o teu tempo, abrindo e fechando o *link* quantas vezes desejares, ao longo de vários dias. No entanto, há uma limitação: o *link* possibilita utilização por pessoas diferentes em computadores diferentes, mas só permite um utilizador no mesmo computador. Se desejares utilizar o mesmo computador para vários participantes, por favor, solicita-nos outros *links* de acesso.

Consentimento Informado: Declaro que sou maior de idade, participo voluntariamente e compreendo os objetivos deste estudo. Autorizo o tratamento dos dados disponibilizados nas minhas respostas para fins exclusivamente científicos, desde que garantido o meu anonimato e a confidencialidade.

Obrigada pela participação! Boa experiência!

Projeto de Investigação: Apresentação e Consentimento Informado (Entrevista Psicossexual para Adultos)

Dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde
Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Obrigado(a) por ter aceite o convite para ser entrevistado(a). Como estudante de Psicologia, estou a participar numa investigação sobre as histórias de vida amorosa e sexual dos jovens adultos. Gostaria, portanto, de lhe colocar algumas questões sobre este tema. Neste tipo de questões, não há respostas certas nem erradas. O objetivo fundamental é saber o que realmente pensa e sente sobre a sua vida passada, presente e futura, no domínio da sexualidade. Obviamente, são questões que poderão ser demasiado íntimas e provocar algum constrangimento. Por isso, sinta toda a liberdade para não responder ou para decidir interromper e terminar a entrevista quando desejar. Em relação a tudo o que disser, garanto, pela minha parte, que tudo será mantido em total confidencialidade.

As eventuais publicações que resultem deste projeto de investigação protegerão totalmente o anonimato dos participantes.

Creio que esta entrevista também poderá ser uma experiência interessante e enriquecedora para si.

Clarificação do *consentimento informado*: Antes de começarmos, pergunto-lhe ainda: Compreende claramente os objetivos desta entrevista? Concorda com a utilização anónima das suas respostas em publicações psicológicas? Necessita de algum esclarecimento suplementar? Confirma que quer participar livremente? De novo, o nosso agradecimento pela sua colaboração!